# Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º/18 891

SEGUNDA-FEIRA 13 OUTUBRO 1975


### Logo às 19 e 30

# MORADORES DE LISBOA EM LUTA PELO CONSELHO MUNICIPAL

No momento em que as forças reaccionárias e fascizantes se multiplicam em mistificações de fachada «democrática», mascarando-se daquilo que nunca foram, tentando inverter o sinal à Revolução, as massastrabalhadoras movimentam-se de norte a suul demonstrando que as revoluções são feitas pela movimentação das massas populares exploradas e suas vanguardas e não através de concluos e golpes palacianos engendrados contra o sentido da História.

Esta tarde em Lisboa, junto à Câmara Municipal dezenas de órgãos do Poder Popular manifestam-se pela criação do Conselho Municipal ao mesmo tempo que em Oeiras, comissões de trabalhadores e de moradores saiem tambem à rua para manifestar o seu apoio ao comandante do Regimento de Artilharia de Costa que a Direcção da Arma de Artilharia quer transferir. E o Poder Popular que avança numa Revolução que começa agora.

(Ler na pág. 2)

# PORTO: DA VIOLÊNCIA NA RUA À GUERRA DE COMUNICADOS

PORTO, 13 (da nossa delegação) — **Depois de vários dias de violência em que grupos fascistas e marginais desencadearam toda uma série de medidas tendentes a facilitar o avanço das posições de direita que os saneamentos à esquerda e a protecção a sabotadores têm possibilitado, o Porto viveu um fim-de-semana calmo e as organizações políticas, de vários quadrantes, divulgaram já a sua interpretação dos acontecimentos, fazendo-o em ligação com a análise dos rumos que estão a ser seguidos pelas altas esferas políticas e militares do País.**

Duas das organizações políticas directamente visadas pela onda de violência promoveram conferências de Imprensa na tarde de sábado, onde deram a conhecer a sua posição sobre esses acontecimentos. Assim, a U.D.P. promoveu a sua conferência de Imprensa na sede do seu núcleo em Vila Nova de Gaia, ao Largo dos Aviadores, em que o dr. Mário Brochado Coelho reafirmou que a U.D.P. é completamente alheia ao ambiente de guerra civil porque aquele partido é «pela unidade do povo e pela organização do. Povo contra o imperialismo e contra o fascismo, lutando sim contra o divisionismo». Outro elemento da U.D.P. historiou os factos ocorridos durante o ataque à sede do seu partido, referindo que apenas dentro da sede atacada existia uma pistola.

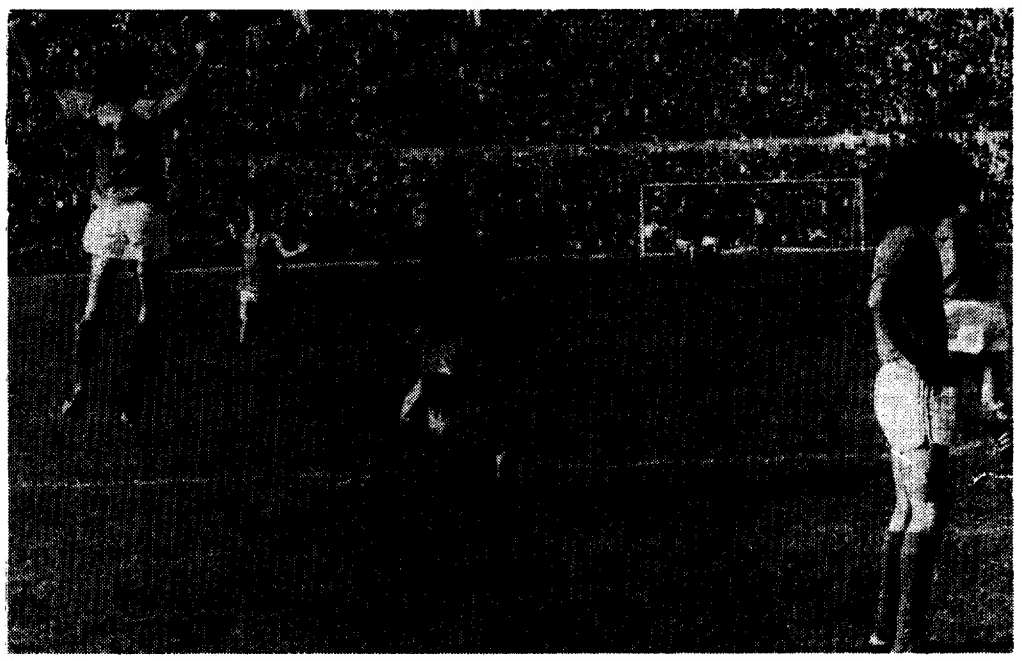
Entretanto, a Comissão Central da U.D.P. afirmava também, em comunicado: «Um lamentável acidente mortal, provocado por arruaceiros do M.R.P.P., é transformado pelos órgãos de Informacão num sádico assassinato. O Governo reaccionário, por seu turno, enquanto iliba os fascistas do P.P.D. dos ataques a tiro à população e aos soldados que se encontram no R.A.S.P., num acto consciente e premeditado, enquanto tenta manter os pides protegidos da justiça popular, com o argumento de que ainda não apuraram as suas «responsabilidades», reafirma provocatoriamente, num seu comunicado, que os camaradas revolucionários são «membros de um grupo político que assassinou friamente um militante político de outro grupo».

### «O GRITO DO POVO» DEFENDE O P S

Por seu turno, a conferência de Imprensa dos elementos da O.C.M.L.P., a propósito do ataque à sede do jornal «O Grito do Povo», na Av. dos Aliados discorda da versão dada pelo P.C.P. sobre os acontecimentos salientando que «os militantes do P.S. nada tiveram a ver com os assaltos», que foram praticados «por provocadores do M.R.P.P. e pelos fascistas do E.L.P. e do C.D.S.».

Entretanto, os responsáveis

Continua na pág. 20



## FUTEBOL ESPECTÁCULO

**Foi golo: um dos quatro que o Belenenses marcou, ontem, ao Benfica, no Estádio do Restelo, quebrando o «enguiço» de oito anos sem ganhar aos «encarnados». Os números: seis golos, cerca de 60 mil espectadores e aproximadamente 1.400 contos de receita. A acrescentar a tudo isto, a opinião quase unânime dos críticos da especialidade: há anos que não havia, em Portugal, um espectáculo de futebol deste quilate.**

**20 PÁGINAS**

### ÀS 20 E 30, NA TV

# O PONTO DA SITUAÇÃO

## segundo o VI Governo

Por motivos de saúde, o Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, cancelou todas as audiências marcadas para hoje. Segundo informações obtidas na Presidência do Conselho a única actividade de Pinheiro de Azevedo será a anunciada comunicação ao País, através da rádio e televisão, a partir das 20 e 30, e na qual traçará o panorama sócio-económico-político do País, baseado nas análises sectorias feitas por cada um dos ministros. Ao que julgamos saber a comunicação que o Primeiro-Ministro lerá aos portugueses estava ainda a ser redigida esta manhã.

Entretanto, e contrariamente ao que havia sido anunciado, não se efectuará esta tarde a tomada de posse dos secretários s subsecretários de Estado que completariam o elenco governamental. Ainda que nada tenha sido dito oficialmente sobre o assunto, pensa-se que este adiamento se fica a dever ao estado de saúde de Pinheiro de Azevedo.

# U.D.P. VAI PROCESSAR PINHEIRO DE AZEVEDO?

O Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo corre o risco de ser processado pela União Democrática Popular — U.D.P. — em razão das acusações de «assassinato» referidas num comunicado oficial em torno dos acontecimentos que levaram à morte por afogamento no Tejo do estudante Alexandrino de Sousa, militante do M.R.P.P.

Esta afirmação foi feita hoje de manhã, numa Conferência de Imprensa promovida pela Organização para a Reconstrução do Partido Comunista (Marxista-Leninista), quando foram novamente relatados os acontecimentos que posteriormente foram chamados «a guerra dos cartazes».

Dizendo que os incidentes estão a ultrapassar a referida «guerra dos cartazes» para assumir contornos com implicações políticas mais graves, a O.R.P.C. acusa o M.R.P.P. de mentir repetidas vezes sobre o caso, inclusivé através de sensacionalismo, no seu jornal «Luta Popular», e recorda acções desenvolvidas por este movimento: o ataque ao comício da Associação Unificada Portugal-China, na recente agressão dos elementos da O.R.P.C. e de mais duas organizações marxistas-leninistas por elementos do M.R.P.P. por causa de cartazes, o caso relatado na Imprensa em que se noticiava que um militante do M.R.P.P. disparara sobre um outro, da F.E.C., em Coimbra.

«O conhecimento do que é o M.R.P.P. daria para deixar

Continua na pág. 20

### O GOVERNO QUE ESCOLHA

# REFORMA AGRÁRIA OU PARALISAÇÃO TOTAL

## — dilema imposto pelos operários agrícolas e metalúrgicos do Sul

Pag. 8

# Nacional

## HOJE À TARDE

# PODER POPULAR MANIFESTA-SE EM VÁRIAS FRENTES

Conta já com dezenas de adesões de órgãos de poder popular, a manifestação que hoje à 1 e 30, em frente da Câmara Municipal de Lisboa e do Ministério da Administração Interna, irá reclamar a criação de um Conselho Municipal e a participação popular na gestão da Câmara.

Esta manifestação, que aponta para um dos aspectos mais significativos do nosso processo revolucionário, surge no momento em que, por todo o País, as massas se movimentem exigindo o avanço do processo revolucionário e o fim dos saneamentos à esquerda nas Forças Armadas, táctica seguida pelas hierarquias reaccionárias que ainda se mantêm nos quartéis e tentam agora a neofascização do Exército.

A manifestação foi convocada pela comissão dinamizadora pró-assembleia popular da 6.ª Zona de Lisboa que engloba as freguesias de Ameixoeira, Charneca, S. João de Brito, Alvalade, Lumiar e Campo Frande, e é apoiada pelos militares da Esvola Prática de Administração Militar.

Como se sabe, o projecto de reestruturação da Câmara Municipal de Lisboa, elaborado pela respectiva comissão administrativa, prevê a criação de um conselho municipal e o seu alargamento a outros organismos populares, ou seja a entrega da Câmara ao Povo, através de estruturas adequadas.

### O M. A. I. E A REESTRUTURAÇÃO DA C. M. L.

O Ministério da Administração Interna divulgou um comunicado sobre o projecto de criação do Conselho Municipal que, entre outras considerações refere que o programa do VI Governo «apresenta como uma das suas tónicas, o reforço da democracia regional e local à qual, aparentemente, o referido projecto é contraditório, na medida em que dele se inferem laivos de dirigismo cupulista, como por exemplo, o facto dos órgãos de controlo serem simulaneamente órgãos de execução.»

### EM OEIRAS: APOIO AO COMANDANTE DA R. A. C.

Moradores e trabalhadores de Oeiras manifestam-se esta tarde contra a destituição do major Correia Borrego, do cargo de comandante do Regimento de Artilharia de Costa, ordenada numa nota da Direcção da Armada de Artilharia. Atransferência do major Correia Borrego seria encarada como um saneamento à esquerda, ordenado pelas estruturas reaccionárias do poder militar mas que as massas populares estão firmemente dispostas a reieitar.

A concentração da manifestação de apoio ao comandante do R. A. C. e aos soldados desta unidade progressista está marcada para as 19 e 30 junto à estação do caminho-de-ferro de Oeiras.

### AMANHÃ EM SETÚBAL

Por o momento político que atravessamos exigir também, da população de Setúbal, uma participação activa, a fim de travar o passo à escalada reaccionária que se está a viver em todo o País, realiza-se amanhã, com concentração na Praça do Bucage, pelas 19 horas, uma manifestação de apoio aos militares progressistas e pelo avanço do Poder Popular.

A manifestação é organizada pelas comissões de trabalhadores da Urbisado, jornal «O Setubalense», Tonus, Cooperativa Agrícola 1.º de Maio e comissões de moradores da Reboreda, Santa Maria Sul, Tepaida e Bairro Baptista, Padeiras e Vale Ana Gomes.

# DOMINGO POLÍTICO MOVIMENTADO

Domingo movimentado em manifestações, comícios e comunicados foi o de ontem, do Minho ao Algarve, passando por Coimbra e Lavradio, culminando com uma manifestação no Barreiro exigindo o Poder Popular.

Milhares de pessoas tomaram parte ontem à tarde no Barreiro na manifestação pelo Poder Popular convocada por numerosas comissões de bairro do concelho, Comissão Administrativa da Câmara Municipal, comissões de trabalhadores de várias empresas, direcções dos Sindicatos Ferroviários do Sul dos Operários Metalúrgicos, da Construção Civil e Fibradores e Barqueiros do Distrito de Setúbal.

Durante o percurso até á praça junto ao Palácio Coimbra, repetiam-se as palavras de ordem que durante o V Governo conquistaram as ruas: «Operários, camponeses, soldados, marinheiros, unidos venceremos», «Reaccionários fora dos quartéis», «Saneamentos à esquerda, não» «Militares da esquerda para o Conselho da Revolução», «A classe operária está com a Reforma Agrária».

Um grupo de trabalhadores ladeado por representantes dos fuzileiros navais de Vale de Zebro empunhava uma bandeira nacional. Um dos oradores, o tenente Ferreira da Silva, dos Fuzileiros Navais, diria a determinado passo da sua intervenção: «Queremos um Governo que avance ao serviço das classes trabalhadoras e não da burguesia e que seja de interesse e não de hipoteca nacional. A rua é dos trabalhadores e na rua encontraremos força e unidade. Não queremos saneamentos à esquerda, mas sim à direpa»

### O RECUO DAS FORÇAS REVOLUCIONARIAS

«Ainda não há em Portugal condições para a formação de um Governo socialista» — declarou ontem Álvaro Cunhal numa sessão de esclarecimento (mais que comício) que ontem decorreu na praça fronteira à sede do Centro do Trabalho do Partido Comunista no Lavradio. Num improviso de duas horas, aludindo à actual situação política, Álvaro Cunhal recmheceu: «O VI Governo Provisório apareceu num momento de recuo das forças revolucionárias. Constitui uma tentativa de viragem à direita, que se aproveitou de certa hesitação do M. F. A. e com a colaboração do P. P. D. e do P. S.. O Partido Socialista entendeu colaaborar com o almirante Pinheiro de Azevedo com o pensamento que o VI Governo era uma caminhada para a direita, onde pontifica o P. P. D. que nada tem a fazer ali. Os comunistas, estando tambem no Governo defendem ali, como o fazem nas fábricas e nos campos, os direitos dos trabalhadores, combatendo as tendências reaccionárias e defendendo tambem a Revolução. Nem o P. P. D. nem o Partido Socialista conseguirão levaar o Governo para a direita porque o povo não consentirá».

### P. P. D.: NÃO AO PODER POPULAR

Sá Carneiro contínua a desenvolver a sua actividade política mais endurecida e direitista na orientação do P. P. D. após Emídio Guerreiro ter regressado a um obscuro silêncio. Ataques de Sá Carneiro repetem-se aos SUV, ao P. C. P. e à FUR, com ameaças de que «os grupos minoritários e arruaceiros encontrarão sempre pela frente o P. P. D.» ao mesmo tempo que se multiplicam os apelos à extinção das «milícias civis armadas» e à instauração da disciplina, da ordem e da autoridade. Ontem foi em Coimbra, numa manifestação significativamente concorrida e onde as pressões se tornaram mais fortes.

Com efeito, enquanto Sá Carneiro entregava com aplausos uma mensagem ao brigadeiro Charais (recebia à mão peloo coronel Carvalho Simões), sem rebuços, clamava: «Depois do êxito das recentes manifestações temos o direito e a autoridade para exigir ao Primeiro-Ministro e ao Presidente da República que estabeleça a ordem nos quartéis».

Entretanto, em Faro decorria (foi ontem( uma manifestação do P. S. ratificando o apoio ao VVI Governo onde tem uma posição preponderante pelo menos a nível de proporcionalidade. Ao mesmo tempo era pedida a demissão do governador civil. Concentrados frente ao RIF, um dos oradores sublinhou: «Um país não pode viver sem ordem, sem autoridade e sem disciplina».


**COMPANHIA UNIÃO FABRIL, S.A.R.L.**

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SEDE — AV.ª INFANTE SANTO, 2 — LISBOA 3

**OBRIGAÇÕES CUF, 6% — 1967**

**PAGAMENTO DE JUROS**

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas que a partir do próximo dia 15 do corrente se encontra a pagamento o juro correspondente ao cupão n.º 17 na importância de Esc. 26$48,4 conforme se discrimina a seguir:

| | |
|---|---|
| Juro ilíquido ..... | 30$00 |
| Impostos ..... | 3$51.6 |
| Juro líquido ..... | 26$48.4 |

O pagamento de juros será efectuado nos seguintes estabelecimentos de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
MONTEPIO GERAL
BANCO DA AGRICULTTURA
BANCO DO ALGARVE
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FERNANDES MAGALHÃES
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
CREDIT FRANCO-PORTUGAIS
BANCO DO ALENTEJO
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
BANCO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL VISEENSE
PANCADA MORAIS & C.ª

Lisboa, 13 de Outubro de 1975.

O DIRECTOR FINANCEIRO



**VERÍSSIMO GUERREIRO**

**FALECEU**

**Sua esposa e restante família cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, às 15.30 horas, saindo da Igreja das Mercês para o talhão da P. S. P. do Cemitério dos Prazeres.**

**AGÊNCIA MAGNO — TELEF. 53 41 67**


# CIDADE MARGINAL

## SOLDADO ABATIDO NO ESTORIL

Continuam por esclarecer os motivos que levaram quatro desconhecidos a assassinarem, na madrugada de sábado, em S.Pedro do Estoril, com um tiro de caçadeira disparado à queima-roupa, o soldado da Força Aérea, António Manuel Beltran Alves, de 22 anos, que, horas antes, assistira a uma assembleia do M.F.A., na base aérea da Granja do Marquês, em Sintra. O jovem encontrava-se no seu automóvel quando os agressores rodearam o carro e forçaram o vidro lateral, após o que um deles disparou, atingindo-o em cheio na cabeça. Alguns bagos de chumbo, foram ainda ferir ligeiramente a namorada que o acompanhava. Socorrido pelos Bombeiros Voluntários do Estoril, Beltran Alves foi conduzido ao Hospital de S.José, onde viria a falecer algumas horas depois.

### COMPOSITOR EM APUROS

Um compositor de música ligeira, Afonso Mendes, de 19 anos, natural de Vila Velha de Rodão, foi acusado pelo mecânico Mialha Cabrita de estar a arrombar um carro estacionado na Avenida da Liberdade, junto ao Hotel Tivoli. O carro, pertencente ao engenheiro Hilário Cinfuegos da Embaixada do México, tinha já forçado o ventilador do lado esquerdo, mas o jovem compositor nega a acusação.

### LIBERDADE DE CURTA DURAÇÃO

O estucador Manuel Dmas, natural do Cercal do Damas (concelho de Santiago de Cacém) foi detido e condenado em Tribunal de Polícia por conduzir um camião de carga sem estar habilitado com a respectiva carta. Pois ainda não havia duas horas que tinha saído em liberdade, sob fiança, quando foi de novo surpreendido ao volante da mesma viatura e levado sob prisão para os calabouços do Governo Civil. Onde agora o aguarda um banco dos réus do Tribunal da Boa Hora.

### MATAR A DISCUSSÃO À PAULADA

Um taxista (António Ferreira) e um motorista de pesados entraram em acesa discussão junto a um sinal luminoso da Rua Morais Soares. E tudo teria ficado pela troca agreste de palavras se, entretanto, o ajudante de motorista Manuel Maria não tivesse saído da carlinga do veículo, agredindo à paulada o surpreso António Ferreira e todos os posteriores intervenientes, um polícia incluído. O taxista teve de receber tratamento no Hospital de S.José a graves escoriações.

# post scriptum

## A bússola do sr almirante

Entendidos os propósitos náuticos que conduziram à formação do VI Governo: desacelerar o ritmo revolucionário sem lhe alterar a rota, em observância da nossa posição geopolítica e da nossa dependentíssima economia. Mantendo a sujeição, chegaremos ao objectivo número um do VI Governo — a independência nacional. O.K.!

Assim se pretende acalmar o País, condição indispensável para chegarmos a bom porto. Na verdade, ninguém bem intencionado se oporá ao VI Governo, se as medidas que tomar forem positivas, isto é, se não forem um «iceberg» frente à rota traçada. Precisamos, portanto, de um instrumento que se pronuncie quanto ao carácter positivo ou negativo das directrizes do VI Governo, o que me parece ter encontrado.

Como, nisto, quem sabe são aqueles a quem doi, poderemos tomar a reacção dos explorados como bússola. Se lhes doer e gritarem, significará que o VI Governo lhes está a pôr a mão na ferida ou a apertar qualquer coisa, devendo o sr. almirante, como comandante do navio, ordenar marcha à ré. Assim, por simples processo náutico, poderá V. Ex.ª conseguir que o barco flutue e não se afunde, embora navegando com os motores em um quarto da potência e a bandeira a meia haste (porque é encarnada).

Para já, havendo umas mãos cheias de decretos prontinhos a sair do forno (herança do V Governo, de gloriosa memória e revolucionária tradição), poderia V. Ex.ª dar-lhes andamento e vigiar a bússola, só para experimentar. Se ela não gritar será porque estão no rumo certo.

Dito isto, e porque as medidas do VI Governo foram tão desastrosas, que parece terem-lhe apertado as partes mais sensíveis, de modo tal que ela produziu uma chinfrineira dos diabos, berrando que nem um «chibato» em idênticas circunstâncias. E, estou certo, V. Ex.ª não espernearia menos se lhe fizessem o mesmo...

Esteja V. Ex.ª atento aos timoneiros que arranjar, pois, nos tempos que atravessamos já nem sabemos bem em quem confiar. Assim, se forem venais, poderão muito bem, ignorando a bússola, desviar a rota, fazendo o barco atravessar o Mar da Cia e, seguidamente, aportar Santiago do Chile (...).

**A. Palmeiro** — Cascais

## Pão, pão, queijo, queijo

O V Governo caiu. Nas ruas do velho burgo ecoam ainda as palavras de ordem: «Nem Vasco nem Corvacho». E então surge agora o pluralismo do PS.

Na manifestação do Porto, para apoiar o VI Governo, e é preciso repeti-lo, promovida pelo PS em 30/9/75, o governador civil do distrito dr. Mário Cal Brandão, também figura de proa do PS, disse a certo passo do seu discurso: «... É obrigação de todos aqueles que têm o sentido das suas responsabilidades perante a nação dizer ao Governo que estão com ele e desejam que ele use da sua autoridade para assegurar a legalidade democrática».

Senhor governador, será que só agora tenha despertado no justo coração de V. Ex.ª o sentimento da autoridade para vir dizer-nos que é urgente assegurar a tal legalidade democrática? Não era também V. Exa. governador no tempo do V Governo? Gostaria de o ter ouvido pronunciar um discurso na Praça do General Sem Medo, em comício também convocado pelo PS que, a legalidade democrática se não mantinha com as citadas palavras de ordem, contra dois militares responsáveis pela ordem, nem com incêndios e assaltos a sedes de partidos progressistas, ao menos na área da sua douta jurisdição? Serei eu um lírio por desabrochar pensando nisso?

Senhores defensores da ordem democrática, a figueira — que é árvore do Diabo — dá figos doces e amargos. Do mesmo tronco saíram assim as contrariedades mais que vistas. Mas, segundo velha cantiga, «uns comem os figos, aos outros rebenta a boca».

Os que quiseram ontem o desrespeito pelo instituído, não podem pretender hoje que se respeite o que entendem ser institucionalizado.

Representa o PS nesta hora o papel do pai que à sexta-feira permite ao filho sujar as botas, mas no sábado lhe bate porque as não tem limpas para se apresentar decentemente no domingo. Perturbado, o filho, por indiferente ao jogo do progenitor, acaba exactamente por sujar as botas a torto e a direito. Há quem não compreenda porque se perde!

Como pode nesta hora o PS exigir que se assegure a autoridade? Nas ruas do velho burgo ecoam ainda as palavras de ordem: «Nem Vasco nem Corvacho».

Caramba! Assim, não. Confunde-se as pessoas. Continua a fazer-se delas um jogo do rapa, e a certa altura, a gente nem sabe se tira, põe ou deixa.

Fica-se rapado de ideias para se discernir sobre o que é pão ou queijo. Enfim. Pluralismos singulares.

**Teixeira e Castro** — Lisboa

## Táxis estão ao serviço do público?

Várias vezes me tem acontecido nas ruas de Lisboa mandar parar um táxi cujo motorista me pergunta para que lado vou, e, se não é para o lado que lhe interessa, diz que não e arranca. Gostava de saber por que é que os motoristas procedem assim, e se o sindicato sabe disso. Ora se um táxi está na rua sem nenhum dístico que diga que saiu de serviço, não vejo por que é que o motorista há-de escolher o percurso. Por outro lado, leio várias vezes nos jornais que vêm não sei quantos mais táxis para a praça mas é sempre o mesmo. Quando se quer um táxi não há. E o desespero é aparecer um táxi livre e o motorista dizer que não pode ir para tal lado. Acham isto certo? Os táxis estão ao serviço do público ou ao serviço do motorista?

**Ana Silveira da Cruz Diamantino** — Cacém-Lisboa

# A VITÓRIA DO CHANCELER KREISKY

. Cinco anos de exercício do poder não gastaram os socialistas austríacos. A 5 de Outubro, 50,61 por cento dos votantes deram de novo a sua confiança ao partido do chanceler Kreisky, enquanto que os populistas recolhiam 42,8 por cento dos sufrágios, e os liberais 5,4 por cento.

Talvez as últimas verificações ponham em causa um lugar a mais (94 em vez de 93) para os socialistas, e a perda de dois lugares (78 em vez de 80) para os populistas (cristãos). Mas o significado global do escrutínio e as suas conclusões políticas nem por isso serão modificadas.

Os eleitores aprovaram claramente a política seguida pelo chanceler desde 22 de Abril de 1970. Após terem estado quatro anos confinados à oposição, os socialistas tinham ganho as eleições legislativas, mas ainda não podiam governar sem o apoio liberal. Ano e meio depois, arriscando tudo por tudo, provocavam eleições antecipadamente, e, em Outubro de 1971, Kreisky recebia dos eleitores a maioria absoluta que a permitir-lhe empreender uma política de reformas.

O factor pessoal teve um papel evidente: o chanceler surgiu como garante da segurança e da continuidade das reformas sociais. Para mais, o partido socialista ganhou terreno nos três Estados onde os populistas dirigem as assembleias políticas locais, e ainda reforçou o seu domínio no seu feudo de Viena. Era, no entanto, desfavorecido por uma nova acção eleitoral que, em princípio, devia servir as pequenas formações. Mas os liberais só ganharam à justa por um lugar, e os comunistas, com 1,2 por cento dos sufrágios expressos, continuam a não estar representados no parlamento.

Os populistas tinham um «handicap» particularmente pesado: o seu novo chefe, Karl Toms, só foi escolhido em Julho, após a morte acidental de Karl Schleinzer. Schleinzer não era conhecido. Fez, com vigor, a sua campanha eleitoral, mas os golpes que dava caiam às vezes no vazio. Quanto aos liberais, companheiros de Friedrich Peter, devem renunciar ao espírito de participar num gabinete de coligação.

A vitória dos amigos do chanceler Kreisky inscrever-se-á num movimento geral de progressão da social-democracia na Europa do Oeste? A Grã-Bretanha, os Países Baixos, a República Federal, a Dinamarca, a Noruega e a Áustria, desenham no mapa do continente uma ampla toalha «vermelha», para usar a terminologia germância. É actualmente o feudo do socialismo reformista. Ainda para que se tenha em conta nuances, por vezes divergências, que existem entre as formações socialistas no poder.

Ainda com mais segurança, as eleições austríacas confirmam o recuo ou, pelo menos, uma estagnação geral dos «negros», isto é, dos partidos católicos. Em Junho, a democracia cristã italiana saiu enfraquecida da provação das urnas e, na Alemanha do Oeste, a CDU está na oposição desde 1969.

Para além das circunstâncias nacionais, os partidos católicos pagam a sua constante preocupação de se cobrir com a direita, de conservar a clientela dos notáveis sem perder a das massas populares, em que ainda se misturam ligações confessionais e sentimentos políticos. A sua doutrina resume-se ao medo das reformas e das adptações que os sociais-democratas efectuam.

No caso da Áustria, não poderíamos duvidar, embora o chanceler Kreisky tenha beneficiado de um trunfo suplementar: o que foi aprovado na sua pessoa, foi o conceito de «neutralidade activa». Mais do que qualquer outra nação, a Áustria deve, com efeito, a sua vida e o seu desenvolvimento às subtilezas de um equilíbrio difícil que preserva ao mesmo tempo a sua soberania e a sua personalidade. Kreisky mostrou que sabia dominar esses dados.

**© LE MONDE**

# O EGIPTO CELEBRA O 2.º ANIVERSÁRIO DA GUERRA DE OUTUBRO

**Por J -P PÉRONCEL-HUGOZ**

ISMAÏLIA — As críticas de Damasco, e não só, contra o recente acordo no Sinai provocam no vale do Nilo uma reacção de carácter nacionalista. Chegados de vários governorats, dezenas de milhares de fellahs, operários e funcionários mobilizados pelos sindicatos oficiais, desfilaram durante a passada quinzena pelo Cairo, aclamando o presidente Sadat e apupando por vezes Yasser Arafat. O Rais, vestido com o seu amplo traje camponês recebeu na sua aldeia natal de Mit-Abrout-Kom múltiplas delegações que lhe entregaram os seus «juramentos de obediência», escritos e iluminados, segundo um costume egípcio, com o próprio sangue dos signatários.

Por fim o presidente dirigiu-se a Ismailia e Suez, a fim de celebrar em conjunto o fim do jejum do Ramadão do ano hegiriano de 1395, e o segundo aniversário, segundo o calendário gregoriano, da travessia do canal. Desde o segundo acordo concluido com Israel, era a primeira vez que o Raïs, preocupado, ao que se diz, com a ideia de um atentado contra a sua pessoa, se arriscava pelas ruas de uma cidade importante.

Mas a inesperada paragem do presidente, a 3 de Outubro, num café popular de Ismailia, que frequentara em jovem, deve ter posto a cabeça à roda aos serviços de segurança, que, no dia seguinte, quando foi colocada a primeira pedra da universidade do canal, brutalizaram um oficial não fardado (sem falar dos jornalistas) que queria, ao que parece, entregar ao Raïs uma inocente petição.

Este incidente, revelador dos receios do regime, não perturbou Ismailia entregue à alegria nocturna.

Sob flâmulas e bandeirolas que exaltaram em arabe, em francês e em inglês, o renascimento da região, as orquestras de «sinsemias» (instrumento de corda com caixa de ressonância de esmalte), os derviches que faziam girar as suas longas cabeleiras e as suas ampals saias, os beduinos a cavalo, os malabaristas de Alexandria, os dançarinos negros, os jovens escoteiros, regalaram a população com os seus desfiles e nos seus concertos ao alvorecer.

O domingo 5 de Outubro, dia do Aïd-Es-Seghir — a «pequena festa» que marcava o fim do Ramadão, — foi mais recolhido. O tom fora dado pela oração dita numa mesquita de Suez pelo Raïs, enquanto que do outro lado do Mar Vermelho os israelianos começavam a evacuar os campos petrolíferos do Sinai. No dia 6 de Outubro a grande parada militar organizada no Cairo e cujo momento grande é a apresentação dos primeiros Mirage entregues pela França faria passar estas festividades para o plano marcial.

Despreocupado, o Egipto nunca perde a ocasião de embandeirar em arco. No entanto, a liberalização económica, a «Infitah» cujo segundo aniversário passa também, está longe de ser um êxito. embora os bancos (americanos, franceses e suiços) se tenham reinstalado — mas sem «guichets» — no Cairo, o capital estrangeiro ainda não abriu por assim dizer os braços a um regime que, segundo a análise de um financeiro de Djeddah, «pretende continuar com a sua indústria de Estado e que, em última instância, confirmou a interdição feita aos estrangeiros de comprar terrrenos destinados à construção».

Entretanto, as dívidas egípcias — talvez 50 biliões de francos só à União Soviética — crescem. Isto faz com que alguns receiem que o Egipto não fique um ou outro dia, pelo menos no que diz respeito às crenças do Ocidente — há quem as julgue tão importantes como as dos russos —, submetido como há cem anos, no tempo do Khediva Ismaïl, a uma versão moderna da «caixa das dívidas».

## SUBIDA DO CUSTO DE VIDA CONGELAMENTO DOS SALÁRIOS

Muitos egipcios parecem apoiar o presidente Sadat. Aplaudiram-no durante a recuperação do «Sinai útil» (canal de Suez e petróleos de Abou-Rodeiss). Aceitaram com alívio a perspectiva de não terem de fazer a guerra, e resignaram-se com a existência de Israel nas suas fronteiras de 1967.

No entanto, muitos queixam-se amargamente da incapacidade de o Governo jugular a subida do custo de vida, aprovisionar normalmente o mercado e recusar o aumento dos salários.

Nos escritórios e nas fábricas, centenas de milhares de pessoas trabalham por um equivalente de 650 escudos por mês, sem falar dos campos, onde, apesar de uma tendência para o aumento de tarifa do dia de trabalho, os trabalhadores agrícolas continuam, por exemplo no Fayoum, a 100 quilómetros do Cairo, a receber 125 escudos por oito horas de trabalho.

Do lado oficial estas realidades não se negam, embora se façam valer os recentes esforços do Governo: criação de mais de vinte mil empregos industriais ou assimilados na zona do canal de Suez; 5 biliões de francos obtidos das monarquias petrolíferas árabes; reembolso de um montante comparável a credores estrangeiros; extensão da segurança social a quatro milhões de pequenas fellahs, pescadores e artesãos; adiamento por dois anos da lei relativa ao aumento do aluguer da terra. Mas são irrisórias gotas de água num país que é preciso reequipar, e cujo sistema económico e social deve ser repensado.

O Raïs tem agora três anos de paz na sua frente, em princípio para estabilizar a situação actual, antes de começar a transformá-la. A primeira das suas preocupações deveria ser uma gigantesca campanha para refrear a demografia: o Egipto conta com um milhão de habitantes a mais por ano e já tem mais de trinta e oito milhões.

A sua superfície arável é do tamanho da Holanda, mas é à India que ela se vai assemelhando dia a dia. Desconsolados após a Guerra de Outubro de 1973, com as magras realizações económicas do regime, os egipcios voltaram a ter esperança. Os dirigentes saberão corresponder desta vez? É de duvidar, quando se vê os salões do Cairo agitarem-se à simples ideia de uma mudança de gabinete ou modificação ministerial, visto essas eventuais operações serem evidentemente apresentadas, mais uma vez, como panaceias.

**© «Le Monde»**

# Nacional

## ONTEM NO RALIS

# CRIADO UM SECRETARIADO PRÓ-ASSEMBLEIA POPULAR DE LISBOA ORIENTAL

Um importante plenário onem realizado no Ralis, com a presença de centenas de pessoas representando vinte comissões de trabalhadores, seis comissões de moradores, seis outras estruturas populares e ainda o Ralis, decidiu criar um Secretariado Provisório com o objectivo de dinamizar as comissões de moradores, trabalhadores e soldados e de criar as condições necessárias para avançar na realização da Assembleia Popular da Lisboa-Oriental, abrangendo as zonas de Marvila, Beato e Santa Maria dos Olivais. Com esta decisão pretende-se unificar numa plataforma unitária e apartidária, os esforços dos três secretariados existentes (secretariados pró-assembleia Popular em Marvila e Olivais, e o secretariado das reuniões na Bruno Janz, de Cabo Ruivo), que têm vindo a actuar descoordenadamente.

### EVITAR O ISOLAMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

O plenário, que durou das 10, 30 às 15,30, iniciou-se com uma curta intervenção do comandante do Ralis, coronel Leal de Almeida, que, depois de afirmar não pretender a sua Unidade dirigir fosse o que fosse, mas sim «unificar esforços para com a maior eficácia e rapidez alcançarmos a ligação das Unidades com as comissões de moradores e de trabalhadores», considerou «que tal processo é uma forma de evitar o isolamento das Forças Armadas do Povo e das classes trabalhadoras».

Leal de Almeida sentar-se-ia depois entre os participantes, tendo sido chamados para a mesa um representante de cada um dos três secretariados referidos, com o aspirante Reis a representar o Ralis. Depois de duas propostas, com muitos pontos em comum, terem sido apresentadas a mesa fez uma síntese e, por sua vez, apresentou a seguinte proposta oral que viria a ser aprovada por larga maioria: «Propõe-se a institucionalização do plenário do Ralis, que reunirá sempre que necessário; propõe-se a criação de um secretariado convocatório desses plenários naquela unidade, composto pelas comissões de trabalhadores e moradores ali presentes e, ainda, por um representante da A. D. U. do Ralis; propõe-se que o referido Secretariado se subdivida, internamente, por comissões dinamizadoras de trabalhadores e de moradores; por último propõe-se que o secretariado eleito convoque o próximo plenário, indo de fábrica em fábrica e bairro em bairro, dinamizando as respectivas comissões e editando, se necessário, um texto explicativo».

Procedeu-se depois à constituição do Secretariado, tendo sido marcada desde já a primeira reunião deste para amanhã, dia 14 às 19 horas, igualmente no Ralis.

### APOIO AO C. I. C. A. P. E A MANIF DE HOJE

A terminar o plenário foram aprovadas duas moções: uma de apoio à luta dos soldados do C. I. C. A. P. e outra de apoio à manifestação de hoje, frente à Câmara Municipal de Lisboa, reivindicativa da constituição de um Conselho Municipal de Lisboa. Na primeira moção dizia-se nomeadamente: «Só a auto-organização dos soldados nos quartéis, através da formação de comités de soldados, só a sua coordenação entre as diferentes unidades, poderá derrotar o avanço da direita nos quartéis, que tenta por todos os meios preservar a disciplina reaccionária, ou seja, a obdiência cega dos soldados de qualquer ordem de oficiais».

Para se poder aquilatar da real importância da criação de um secretariado unitário que englobe todas as comissões de moradores, trabalhadores e ainda representantes das A. D. U.'s da região oriental de Lisboa, resta acrescentar que nessa zona há mais de duzentas fábricas (Sacor, Sonap, Epal, Petroquímica, Fábrica de Material de Guerra, etc.) e várias e importantes unidades militares como o Ralis, D. G. M. G. e Base Aérea n.º 1 (Aeroporto Militar). Claro: o aeroporto civil também lá fica.

## COMÍCIO DO M.R.P.P.

# "NENHUM APOIO AO GOVERNO PROVISÓRIO"

«Reunimo-nos hoje para celebrar o terceiro aniversário do assassinato de Ribeiro Santos e o terceiro dia do assassinato de Alexandrino de Sousa. Transformemos a dor numa arma para marchar rumo à tomada do Poder político. O espírito dos nossos mortos define-se em poucas palavras: firmeza nos princípios; luta dura; vida simples e servir o povo até à última gota de sangue. As mesmas forças negras da contra-revolução assassinaram os nossos dois camaradas (...) Morrem por acaso os oportunistas e os traidores, mas não morrem por acaso os revolucionários. O assassinato de Alexandrino de Sousa há-de contribuir para a firmeza no seio do nosso Partido» — disse Arnaldo Matos, secretário-geral do M. R. P. P., a dado passo da sua intervenção no comício que aquele partido maoista promoveu ontem no Campo Pequeno.

A praça estava decorada com palavras de ordem escritas em faixas vermelhas, como «A tomada do Poder está na ordem do dia», «Frente Única Democrática e Popular», «O Poder está na ponta da espingarda», vendo-se centenas de bandeiras do partido flutuando ao vento. O comício foi de celebração do terceiro aniversário do assassinato de Ribeiro Santos.

Carlos Coelho, secretário do Comité Central da F. E. M. L. (Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas) começou por tomar a palavra: «nós não tememos o inimigo por muito gigante que ele possa parecer. O assassinato do nosso camarada vai ainda aumentar mais a coesão nas fileiras da juventude revolucionária e comunista».

Lourenço, soldado da P. M. e membro do Comité Central do M. R. P. P., saudou, em nome dos soldados e marinheiros, a classe operária e todos os democratas, patriotas e antifascistas, dizendo a dada altura: «só nós podemos armar o povo, mas é necessário que se trabalhe numa longa luta».

Horácio Crespo, do Comité Central, atacou os pontos de vista políticos do «renegado Sanches», explicando à assistência as atitudes assumidas, no seio do Partido, pelo ex-militante.

Fernando Rosas, do Comité Central, referiu-se ao espírito de combatividade dos dois jovens assassinados e declarou mais adiante, acerca do «Luta Popular»: «O povo encaminha-se a largas passadas para tomar o destino nas suas mãos. O renegado Sanches encabeçou a linha negra do nosso Partido. O «Luta Popular» foi alvo do ataque de todos os reaccionários, mas jamais se calará porque é a voz indomável da classe operária».

Finalmente, Arnaldo Matos. Saudado aos vivas de «grande dirigente e educador da classe operária», o secretário-geral do M. R. P. P. responderia: «Viva a classe operária, grande dirigente do nosso Partido». No seu improviso, o dirigente maoista afirmaria que é «urgente escolher» entre a esquerda e a direita. Disse que a luta irá ser dura, que «a esquerda tem de desencadear o ataque» e que «ainda há entulho dentro do nosso Partido. É preciso varrê-lo e vencer». Atacando o VI Governo Provisório («constituído pelos mesmos partidos dos cinco anteriores»), a multidão gritou «Nenhum apoio ao Governo Provisório».

# Comunicado do M.A.I. sobre o conselho municipal

O Ministério da Administração Interna divulgou um comunicado a propósito do projecto de reestruturação da Câmara Municipal de Lisboa:

. «A actual Comissão Administrativa do concelho de Lisboa, aliás demissionária desde Junho de 1975, foi recebida no passado dia 11, pelo ministro da Administração Interna, a quem expôs, entre outrros assuntos, e de um modo mais pormenorizado, as linhas mestras de um prokecto de reestruturação da Câmara Municipal que fora entregue ao IV Governo quese no final da sua vigência.

«Desse projecto, publicado no «Diário Municipal», constam algumas inovações das quais se podem destacar a divisão da cidade em sete zonas e a instituição de um Conselho Municipal, para o qual concorreriam representantes do poder central, de comissões de moradores e outras.

Ao mesmo tempo, tomou este Ministério da Administração Interna, conhecimento da convocação, para o dia 13 de Ouzubro, de uma manifestação pró-institucionalização imediata do Conselho Municipal, à qual não seriam estranhos os termos do discurso, proferido em 5 de Outubro, pelo ainda presndente da Comissão Administrativa, embora seja conhecida a falta de unanimidade dos membros daquela Comissão quanto ao projecto em causa.

«Os factos atrás mencionados, levam o Ministério da Administração Interna a fazer os seguintes comentários:

. «1 — É óbvia intenção do Governo estudar cuidadosamente o projecto apresentado, pois tanto o IV como o V Governos não o fizeram, certamente por falta de tempo.

«2 — O projecto refere interessantes ideais quanto às aplicações do conceito do poder popular através de organizações unitárias de base, sobre as quais até já existem declarações públicas interpretativas do pensaameento do actual titular da pasta, e que não tem, de modo nenhum, qualquer carácter de rejeição de tais conceitos, antes pelo contrário.

«3 — Contudo,, e noutra perspectiva, o projecto esquece o facto de haver generalizado consenso sobre a existência real da Grande Lisboa que sugere a integração das zonas limítrofes da cidade, o que não poderia deixar de ser objecto de estudo numa reestruturação da Câmara Municipal.

«4 — Aliás, a própria dinâmica que levou a que as komissões Administrativas dos concelhos do distrito de Lisboa se associassem em RR.I.C. (Reuniões Inter-Câmaras) é sinal evidente de uma necessidade de não se esquecer a existência da mencionada Grande Lisboa.

«5 — Ainda no que diz respeito à representação das organizações de moradores, há que acautelar o facto de elas poderem vir a ser manipuladas por estractos populacionais privlegiadas da alta e até média burguesia, naturalmente com mais disponibilidades de tempo para se dedicarem a tais actividades, do que as grandes massas trabalhadoras que chegam às suas casas fatigadas, depois de um intenso dia de trabalho e após morosos regressos em transportes públicos, infelizmente ainda não totalmente eficientes. E, como é evidente, terão que ser garantidos, nessas organizações populares de base, os princípios da correcta representatividade e democraticidade de funcionamento.

«O programa do VI Governo apresenta como uma das suas tónicas, o reforço da democracia regional e local à qual, aparentemente, o referido projecto é contraditório, na medida em que dele se inferem laivos de dirigismo cupulista, como por exemplo, do facto dos órgãos do controlo serem simultaneamente órgãos de execução.

«Os principais pontos dos comentários, atrás citados, constam da resposta que o Ministério da Administração Interna endereçou ao ofício, através do qual a actual Comissão Administrativa, embora demissionária já há meses, voltou a insistir pela rápida aprovação do seu projecto de reestruturação, não se deixando de estranhar a urgência havida agora e não, por exemplo, há um mês ou mais.»

## FORÇA AÉREA

# Praças contestam representatividade

. As praças da Força Aérea recusaram-se colectivamente a participar na Assembleia de delegados do M.F.A. da Força Aérea que esteve reunida na sexta-feira na B.A. n.º 1 em Sintra. Na Assembleia que não foi deliberativa, nem deu origem a qualquer comunicado, foram discutidos pontos informativos sobre os acontecimentos do passado dia 1 de Outubro que envolveram o G.D.A.C.I. de Monsanto; o caso dos soldoados de Beja, a atitude da companhia de pára-quedistas de seguir voluntariamente para Angola e a posição da Força Aérea quanto à ponte aérea entre Nova Lisboa e Luanda. Foi também analisada a actual situação político-militar.

Contestando a representatividade da Assembleia e do próprio chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Morais da Silva, as praças apresentaram uma moção em que justificam a sua decisão de abandono da Assembleia nos seguintes termos:

«Entendem as praças delegadas presentes da Assembleia da Força Aérea dever esclarecer os motivos da sua contestação em nela participarem.

«Assistimos nos últimos meses, a todos os níveis da vida nacional, aos ataques às posições revolucionárias com o argumento de que elas não representavam os desejos da «maioria».

Nas Forças Armadas, e na Força Aérea em particular, dizia-se que reinava a indisciplina porque o processo era conduzido por uma minoria revolucionária desligada das bases.

«Com estes pretextos, observamos na Força Aérea, o quase total afastamento dos centros de decisão, dos militares progressistas.

«Ao contrário do que se dizia, não nos consta que com isto se tenha melhorado o aspecto disciplinar. Em muitas unidades, camaradas nossos, impossibilitados de qualquer forma de participação, são obrigados a fazer ouvir a sua voz através da luta organizada. A isso chamam os militares reaccionários a desordem e a indisciplina, recorrendo à repressão para instaurarem a **sua** tranquilidade.

«Isto acontece, camaradas, porque a participação da grande massa de soldados é nula ou insignificante. Nesta Assembleia cabe-nos menos de um terço da representação dos oficiais, dos quais, depois das modificações introduzidas pela falada Directiva do C.E.M.F.A., não podemos esperar a defesa da Revolução, e dos nosssos interesses de classe, mas sim a liquidação do processo revolucionário e a conservação egoista dos seus privilégios.

«A nossa posição é pois dizer redondamente não a uma Assembleia onde não tem qualquer possibilidade de triunfar um ponto de vista favorável ao avanço do processo revolucionário e à defesa da classe a que pertencemos.

Não reconhecemos a esta Assembleia a representatividade da Força Aérea portuguesa, nem o direito de se pronunciar acerca da grande massa dos soldados.

# P.S. REITERA APOIO AO VI GOVERNO

A Comissão Nacional do Partido Socialista, reunida em 11 do corrente mês para analisar a situação política actual e para discutir o projecto de regulamento disciplinar, apresentado pela Comissão Nacional de Conflitos, publicou um comunicado do qual passamos a transcrever algumas passagens:

. «Quanto ao actual momento político a Comissão Nacional, depois de ouvir várias intervenções de camaradas ministros e secretários de Estado, decidiu uma vez mais reafirmar o seu total apoio ao Governo da presidência do almirante Pinheiro de Azevedo, Governo que representa, neste momento, a única possibilidade exequível e realista de vencer a crise actual do País e salvar a Revolução.

«A Comissão Nacional apreciou igualmente a situação de crise de autoridade do Estado, que atinge em especial os sectores militar e paramilitar. Torna-se evidente que o Governo necessita de força para poder governar. É pois urgente uma clarificação a âmbito militar, condição que se afigura indispensável para que o VI Governo possa cumprir o seu mandato patriótico.

«A Comissão Nacional analisou a campanha que visa minar a disciplina das Forças Armadas, campanha promovida por grupúsculos de extrema-esquerda com o apoio embora não totalmente explícito do P. C. P. Assim e de acordo com a análise a que procedeu, a Comissão Nacional considerou que os S. U. V. representam a tentativa de destruição do espírito e da autoridade do M. F. A. e do Conselho da Revolução, iniciativa que se viesse a ter sucesso comprometeria definitivamente o processo revolucionário em curso.

«A Comissão Nacional debruçou-se sobre a recente proposta do P. C. P. relativamente a um encontro entre o P. S., o P. C. P. e a F. U. R. que incluisse igualmente as várias componentes do M. F. A. A Comissão Nacional reafirma a orientação constante do P. S. de lutar pela existência de um Governo de composição tripartida — P. S., P. P. D., P. C. P. — representativo da grande maioria do povo português.

«Considerou, entretanto, intolerável que o P. C. continue a ter uma política dúplice em relação a um Governo no qual participa, mas que na prática contesta e ataca, da mesma forma que não aceita a posição anticomunista do P. P. D., tendente a expulsar o P. C. P. da coligação governamental, pondo portanto em causa o VI Governo.

«A decepção e o descontentamento político de grandes camadas da população relativamente à marcha do processo revolucionário foram igualmente objecto de uma análise sectorial e regional detalhada da parte da Comissão Nacional. O crescente perigo de manobras contra-revolucionárias continua a ser motivo de grandes preocupações. Nesse particular, a Comissão Nacional recomenda a toda a organização do Partido a maior vigilância revolucionária.»

# CORRESPONDÊNCIA DE MOSCOVO

## Preocupação por Portugal

Serei franco: o que se passa em Portugal preocupa-me vivamente, faz-me sofrer, é, para mim, um motivo ora de alegria, ora de tristeza. E eu não constituo, de modo nenhum, uma excepção. Na realidade, o mesmo acontece com a maioria dos meus amigos e das pessoas desconhecidas com quem diariamente me cruzo.

A diferença reside apenas no modo como cada um de nós vive os acontecimentos — em silêncio, interiormente, ou em voz alta, apaixonadamente, participando em debates com aqueles que o rodeiam, sejam ou não seus conhecidos. Todos, porém, coincidimos num ponto: estamos preocupados com o que se passa em Portugal. Porquê? Esforçar-me-ei por dar uma resposta a esta complexa questão. Expressarei as minhas impressões e ideias pessoais. Mas não só. Falarei obrigatoriamente de tudo quanto, de um modo geral, nos preocupa, daquilo que se encontra no centro da nossa atenção e dos nossos debates, sobre Portugal.

São muitas as razões deste nosso interesse. Engana-se, porém, quem disser que tudo reside na simpatia que nutrimos pelos Comunistas Portugueses.«— Claro! Lá na Rússia são todos comunistas, e o que eles querem é que o mesmo aconteça em Portugal!» Só assim pode falar quem nos conheça mal, a nós e ao nosso país, ou, então, quem conhecendo embora a verdade, conscientemente a deforme, para melhor se justificar.

A verdade é que dos 254 milhões de habitantes que tem a União Soviética, apenas 15 milhões são comunistas. É certo que uns e outros estão com os comunistas portugueses, e com a revolução portuguesa, porque para nós é óbvio que estas duas noções estão intimamente relacionadas.

Também não escondemos a nossa simpatia pelos soldados e oficiais portugueses que se sublevaram contra a tirania, tal como não dissimulamos a nossa amargura e indignação, ao tomarmos conhecimento das tentativas reaccionárias de quebrar a unidade do Povo com o Movimento das Forças Armadas, principal conquista da revolução, sua força e esperança.

Não são portanto, apenas os membros do nosso Partido que estão com a Revolução Portuguesa. As notícias que chegam de Lisboa preocupam de igual modo tanto o trabalhador comunista como a dona de casa sem partido, o jovem estudante como o experiente e culto cientista.

Nós vivemos assim o que acontece em Portugal porque lhe estamos profundamente agradecidos. Sim, nós agradecemos a Portugal a confirmação que nos trouxe de algo muito importante para cada um de nós: A confiança nos ideais e a esperança na justiça. Nós agradecemos aos cravos vermelhos nos canos das espingardas a inesperada felicidade que nos trouxeram. E porque receamos pelo que possa acontecer à Revolução Portuguesa, nós agradecemos-lhes também os intensos sentimentos que ela em nós desperta — o gosto pela vida e pelo amor.

Nunca estive em Portugal. Em fins de Abril do ano transacto, porém, apaixonei-me pelo vosso país. Esta minha paixão tem aliás, as suas raízes: já antes, durante o fascismo, eu aí tinha amigos — homens com quem nunca me encontrara mas dos quais me orgulhava e a quem escrevia cartas de solidariedade para as prisões políticas do regime — os comunistas. Agora apaixonei-me pelo país que realiza a revolução. Todavia, como acontece com todo o verdadeiro amor, também o meu é difícil de explicar com um sem número de porquês... A explicação, estará talvez, nesse aberto sorisso de felicidade com que Portugal me surpreendeu ao sacudir o jugo fascista.

Como disse Saint-Exupéry, «Quando uma mulher me parece bela, prefiro ficar calado, contemplando, simplesmente, o seu sorriso. A analista, quebra o seu rosto, explicando-o por partes; o sorriso, porém, escapa-lhe».

A Revolução atrai, sendo impossível manter-se indiferente quando a atacam. Foi assim que, em Maio deste ano, nós 3 jornalistas soviéticos, participantes num debate realizado na TV austríaca, nos debatemos por Portugal, pela sua Revolução.

Não foi esta a primeira vez que ouvimos da boca de jornalistas burgueses fingidas apreensões sobre os destinos da democracia portuguesa, supostamente ameaçada pelo perigo de uma «Ditadura Comunista».

Por detrás destas lamentações de carpideira da Imprensa burguesa encontram-se, de facto, a indiferença pela sorte do povo e as posições do velho mundo ameaçadas. É surpreendente como tanta gente se revelou, de um momento para o outro, «Defensora» da Democracia Portuguesa!

Ao longo de todo um meio século, nunca os incomodou a violenta união do velho tirano com a bela terra Portuguesa. Mal, porém, que Portugal se libertou das cadeias da opressão e empreendeu uma procura autónoma da liberdade e da justiça, logo muitos viram nisso um insulto, um desafio aos hábitos adquiridos da sociedade burguesa. De um momento para o outro, Portugal viu-se rodeado de interesseiros, pródigos em lhe dar conselhos não solicitados sobre o que e como fazer.

Basta folhear a Imprensa do «Establishement» burguês para se sentir a presunção destes mentores, habituados a moldar o mundo à sua maneira.

Ah! Como eles se preocupam com os destinos da democracia! Basta porém, observar as coisas com um pouco de atenção, para ver que afinal o seu segredo é simples: publicam tudo (verdade ou não) que possa criar uma ideia de casa e divisão, ocultando ou dando sob um prisma deformado, aquilo de positivo (e é a maior parte) acontece de facto.

É assim: concedem-vos inteira liberdade de «recear» pela sorte da revolução portuguesa, mas, de modo nenhum, vos permitem que a ameis!

### O DIREITO INALIENÁVEL DO POVO

O que ocorre em Portugal diz respeito a todos os homens de boa vontade.

O que está em causa é o direito inalienável do povo marchar pelo caminho por si próprio escolhido. A reacção internacional não suportou os nervos, começou imediatamente a açular os seus correligionários em Portugal e no estrangeiro contra as conquistas revolucionárias. A mentira e a calúnia foram (são) utilizadas para provocar o pânico e a divisão nas fileiras do exército e no seio do povo. Ao mesmo tempo que alimenta o mito da ameaça de uma ditadura de esquerda, a imprensa burguesa não prefere uma palavra de reprovação contra a violência de direita. Os reaccionários acusam, sem fundamento, os comunistas de todos os pecados mortais, mas são eles próprios que os cometem sem quaisquer contemplações — dos assassínios aos autos-de-fé. E tudo isto sob o coro de aplausos e incitamentos do democratismo pluralista burguês. Ao mesmo tempo o cheiro agudo do incenso, vão proferindo hipócritas sermões sobre a tolerância

Durante o fascismo, os soviéticos sempre expressaram a sua solidariedade com os comunistas, com todos os democratas e patriotas em luta contra a ditadura. Expressam-na também hoje, quando os fascistas levantam de novo a cabeça.

Não nos inquietarmos com aquilo que se passa em Portugal, é, aliás, impossível, pois sabemos demasiado bem, pela nossa própria experiência o que é fascismo. O nosso povo que sofreu horríveis guerras e que durante a ocupação nazi perdeu 20 milhões dos seus filhos, expressa com todo o ardor a sua profunda solidariedade com os portugueses que odeiam e combatem o fascismo.

Querem arrancar os cravos dos canos das espingardas e apontá-las ao coração da revolução. Mas os trabalhadores e soldados portugueses devem saber que estamos com eles, que podem contar com o nosso apoio.

A revolução portuguesa atraiu a si a simpatia de milhões de pessoas. A sua solidariedade fortalece a resistência à reacção.

# O PROTESTO DA DORN CONTRA CAL BRANDÃO

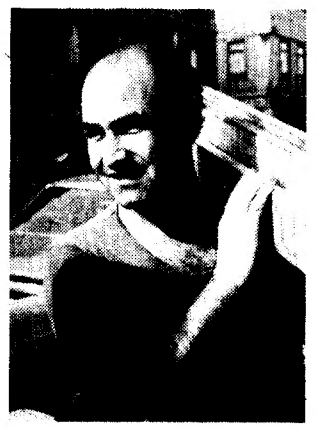
Falando de partidarismo, de falta de isenção e objectividade e de estreita ligação às cúpulas do P. S., a D. O. R. N. do P. C. P. emitiu sábado um comunicado onde tece severas críticas a Mário Cal Brandão, governador civil do Porto. A causa do protesto são as recentes notas dimanadas do Governo Civil que, segundo a D. O. R. N., «deitam por terra quaisquer ilusões que pudessem subsistir» acerca das suas atitudes, e revelam posições que exprimem uma «aliança direitista do P. S. com o P. P. D., anticomunista, antipopular e antidemocrática». A D. O. R. N. critica o termo «apartidário» usado pelo governador civil na autorização a uma manifestação programada, dizendo que este «apartidarismo» significa um conluio entre o P. S., o P. P. D. e o C. D. S. e acusa Cal Brandão de usar termos insultuosos contra os seus adversários, tais como «miseráveis», «irresponsáveis», «facciosos» etc. A D. O. R. N. estranha que Cal Brandão já se tenha pronunciado sobre os acontecimentos do passado dia 2, chamando-lhes «Intentona, e não Inventona», antes do inquérito mandado realizar pelo Primeiro-Ministro, antes de acusar o governador civil do Porto de servir-se do seu cargo «para impingir como boas as posições da direcção do P. S., do P. P. D. ou do C. D. S.». Cita como exemplo, as notas distribuídas por Cal Brandão em que este governador civil diz que o Conselho Municipal é obra de «grupos minoritários», teses vigorosamente defendidas pelos três partidos citados. A D. O. R. N. protesta contra o acto que sancionou a manifestação do P. S. na passada sexta-feira, as ameaças a quem apoiasse a manifestação do Conselho Municipal e contra aquilo que chama de «anticomunismo primitivo e grosseiro» do Governo Civil.

O comunicado termina com a viva condenação «do comportamento de um governador civil após o 25 de Abril, que demonstra os perigos existentes para a democracia em Portugal, de uma guinada à direita que transformaria o aparelho de Estado num aparelho de repressão, intimidação das massas populares e de anticomunismo, autenticamente contra-revolucionário».

**Impressionado com o drama dos retornados de Angola, Rainer Oehms destinou-lhes o produto da venda da sua exposição patente na Gulbenkian e também o apuro do catálogo, tirado a 1000 exemplares. Esta é uma das gravuras, marcadas entre 1800$00 e 2500$00, que o assistente da cadeira de Litografia da Universidade de Hamburgo trouxe a Lisboa, acompanhadas por uma apresentação (escrita) de Maria Gabriel. O certame está na galeria das exposições temporárias**

# Ora diga-nos

## QUE PENSA DOS JORNAIS?



**Joaquim Andrade, serralheiro**

**Maria Antónia, empregada de escritório**

. Que pensam de nós, da Imprensa portuguesa actual, as primeiras pessoas com quem nos cruzamos? Três que sejam.

Joaquim Trindade, 34 anos, serralheiro:

. «Uns falam de uma maneira, outros de outra. Ao fim e ao cabo anda tudo com interesse no Poder. Praticamente, já não acredito em nenhum. Os jornalistas deviam escrever só a verdade.»

. Maria Antónia Pereira Matias, 35 anos, empregada de escritório:

. «Não enho muito tempo para ler os jornais. Depois isto está tão confuso que nem sabemos em quem acreditar. Levanto-me cedo, tenho miúdos e estou empregada. Não leio muito. Mas eu, que antes tinha tanta confiança nas pessoas, hoje já quase não acredito em ninguem...»

**António Pinheiro, serralheiro**

António Horta Pinheiro, serralheiro, 19 anos:

«Gosto daqueles jornais que falam mais sobre os trabalhadores. Quanto à minha opinião sobre os jornalistas é a de que são trabalhadores como outros quaisquer. Por isso acredito neles.»

# MERCENÁRIOS, PRECISAM-SE

**MANUEL ANTA**

. **Segundo o «Diário de Notícias»** de 10 de Outubro de 1975, o AMI será constituído por «comandos no activo e ex-militares já licenciados». Segundo a mesma fonte esses efectivos «beneficiarão» ao nível dos acontecimentos **de condições muito favoráveis mem relação aos restantes militares.**

Muito bem!... Mas gostaríamos de saber desde já **(e a pergunta não é feita ao «Diário de Notícias»!)** qual o significado desta manobra, se realmente verídica. Quem são esses «ex-militares» já licenciados? Porque é que foram licenciados? Qual a razão que leva «ex-militares» a regressar ao serviço activo — que abandonaram — e essensialmente a reintegrar um serviço que está, em princípio, relacionado com a repressão popular?

. Eis algumas perguntas que exigem respostas concretas. Podemos, desde já, avançar uma interpretação que, embora pessoal, tem tendência a generalizar-se ao nível de meios afectos às Forças Armadas: «Não serão esses «ex-militares» elementos saneados após o 25 de Abril por posições e actuações antidemocráticas? Não estarão esses «ex-militares» interessados em regressar ao Exército para consolidar a ofensiva generalizada da direita e para acentuar os ataques, **quotidianos**, às conquistas populares?

Importa saber o mais rapidamente qual o «golpe» que envolve esta manobra. Se o Exército e a burguesia são obrigados a **contratar mercenários nos moldes do ELP e do MDLP**, então urge tomar medidas imediatas e apropriadas...

Em todos os casos, há uma conclusão óbvia a toda esta «história» (para não empregar outra palavra...) A burguesia deve-se sentir em muito má posição para se ver obrigada a recorrer a um «mini-Exército» de mercenários que tem por fim transformar-se na sua «guarda pretoriana». Alguns dirão: «Isto vai mal!». Nós diremos: «Isto vai bem!»...

# Nacional

## Rectângulos

Maria Judite de Carvalho

## A NEM SEQUER ALDEIA

A nem sequer aldeia era uma poeira de mundo esesquecida de Deus, que dos omens nem é bom falar, e onde haviam crescido, ao acaso, algumas, poucas, criaturas-cogumelo.

Não houvera semeadura nem tratamento adequado. Tinham aparecido para ali, para ali estavam. Outras haviam partido, está bem de ver. À volta da nem sequer aldeia havia serras castanhas e verdes que não deixavam passar nem um dos mil rostos do génio da caixa. Quando houvesse electricidade, note-se. De momento ela ainda nem se anunciara, era um sonho.

As pessoas conheciam coisas da caixa, mas só de ouvir contar, embora não acreditassem muito no que lhes era dito. Ou melhor, talvez acreditassem mas como acreditavam nas histórias de fadas, de bruxas, e, naturalmente, de génios. De pé atrás. E os cogumelos iam crescendo e morrendo (havia-os mirrados pelo tempo e também pequeninos, a brincar com uma bola de trapos) naquele lugar sombrio e cheio do silêncio dos cães mal comidos, que ladravam durante as noites, dos rebanhos que regressavam ao fim das tardes.

Quem se perdeu por aqueles caminhos e foi parar — para informações — à nem sequer aldeia, encontrou um homem velho e escuro, encostado a uma casa escura também e velha. Eram parecidos, o homem e a casa. Não se percebia bem o que era carne gasta e parede carcomida, o que era matéria bruta e invólucro de alma imortal.

Quem se perdeu queria já agora aproveitar a ocasião para saber coisas. «Que se diz por aqui da reforma agrária?» perguntou então.

O homem saiu do seu sono letárgico, foi como se acordasse, olhou para ele num grande espanto, ficou quase agressivo: «Que diabo de história é essa? Nós aqui não queremos saber de políticas para nada».

Quem se perdeu pensou que fizera uma viagem no espaço e também no tempo, mas logo emendou o pensamento e receou não estar no passado mas no futuro, tão brumosos se lhe afiguravam às vezes os horizontes. Outras vezes não, está bem de ver. Aquele momento era, porém, um momento-não.

De resto, como não nascera para levar aos incrédulos a sua verdade, e, para mais, agora se lembrava, estava sem verdade naquele instante, nem perguntou o caminho e voltou a correr para o carro. Arrancou logo porque todos os caminhos vão dar a Roma. E a Lisboa, está bem de ver.

## CAPITÃO FERNANDES: CARTA-ABERTA AOS S.U.V.

O capitão Álvaro Henrique Fernandes, autor confesso do desvio de 1000 espingardas automáticas «G-3» do Depósito Geral de Material de Guerra, em Beirolas, e actualmente a viver na clandestinidade, endereçou ontem, domingo, uma Carta Aberta aos «Soldados Unidos Vencerão» — S. U. V. — e a todos os militares revolucionários portugueses.

A Carta Aberta do capitão Fernandes foi divulgada através do programa «No Mundo Aconteceu», emissão do Rádio Clube Português, e tem o seguinte teor:

«Camaradas

A Revolução portuguesa atravessa mais uma crise difícil que poderá comprometer irremediavelmente a transformação da Sociedade e impedir que o processo revolucionário jamais atinja o Socialismo.

Naturais antagonismos de classe, acentuados progressivamente pelo avanço da luta contra a exploração, o domínio do capital financeiro nacional e internacional e da burguesia, levaram esta a sentir-se demasiadamente ameaçada e a planear e desencadear uma larga ofensiva, com sucessivos e perigosos golpes e campanhas convenientemente articuladas.

E muito embora a burguesia se mantenha no Poder, em condições mais favoráveis aos seus desígnios contra-revolucionários, está longe de haver consolidado a hegemonia político-militar necessária à prossecução dos seus intentos, à recuperação de privilégios perdidos ou ameaçados por forma a prosseguir, sem sobressaltos, a exploração dos trabalhadores.

As divergências existentes entre os partidos representados no VI Governo Provisório reflectem, por um lado, diferentes posições de classe e, por outro, a impossibilidade de satisfazer as necessidades do processo revolucionário através da representatividade obtida por proporções eleitoralistas burguesas.

E, principalmente, a resposta firme e correcta dada pelos trabalhadores, soldados e marinheiros a todas as manobras e alianças que visam entravar e (ou) fazer recuar o processo, são as causas determinantes do impasse que se verifica a nível do Poder político-militar.

Mas a burguesia e todos os seus aliados reaccionários não desarmam facilmente, pois sabem tratar-se de uma batalha decisiva e utilizarão todas as formas de pressão e conluios em ordem a subjugarem as forças que se lhe oponham reivindicando liberdade e emancipação para as classes oprimidas, e combatendo os seus privilégios procurando derrubar o Poder que, injustamente, a burguesia usurpa ao Povo Português.

Não nos iludamos pois com os constantes apelos à ordem e disciplina, com as campanhas alarmistas conduzidas por direcções burguesas de partidos que se afirmam progressistas, com a reorganização de forças repressivas como a polícia de choque, com tentativas de criação de órgãos militaristas opressores como o A. M. I., com a intensificação de saneamento à esquerda, isolamento e diminuição de força do Copcon, com os constantes ataques a unidades militares comprovadamente ao lado dos trabalhadores a par do descarado apoio a comandantes indubitavelmente reaccionários bem como com a política de aproximação e subordinação aos países capitalistas da Europa social-democrata, verdadeiramente atentatória da Independência Nacional.

E muito especialmente, camaradas, não nos deixemos dividir pela campanha de descrédito, sabotagem e repressão lançada sobre os S. U. V., que visa preservar a liderança das Forças Armadas pelo núcleo militarista fascizante de oficiais reaccionários e burgueses que detêm já o controlo das chamadas estruturas democráticas do M. F. A.

Não nos esqueçamos que no derrube da ditadura fascista, em 25 de Abril, participou apenas uma minoria de oficiais do Quadro Permanente e que grande número destes procuraram somente recuperar o prestígio perdido e encontrar uma saída para o problema colonial que não passasse pela perda da guerra, com o consequente descrédito de que o Exército e, principalmente, os oficiais de carreira seriam vítimas.

Não nos esqueçamos do exemplo de inúmeros oficiais reaccionários, ditos do M. F. A., que atentaram, até violentamente, contra a ordem democrática e o processo revolucionário.

Atentemos nas declarações de entidades responsáveis, as primeiras a reconhecer a existência de divisões e tensões no seio do movimento e que não conseguem esconder a luta que se trava pela hegemonia do Poder, nas costas dos soldados, marinheiros e de todo o Povo.

Medi emos na capacidade revelada por oficiais progressistas isolados, na sua corajosa mas impotente tentativa de contribuir para impor às Forças Armadas uma direcção correcta que as coloquem inequivocamente ao serviço da Revolução.

E isto porquê, camaradas?

Porque não é possível destruir o Exército burguês e criar Forças Armadas Revolucionárias sob a direcção da minoria que são os oficiais, originários na sua quase totalidade, da pequena e média burguesia, pois eles não estão objectivamente interessados em perder privilégios de classe e procuram, à custa de diversos estratagemas, manter o Exército ao serviço da burguesia a que pertencem.

A razão fundamental porque eles continuam a acenar com o mito do M. F. A. revolucionário é porque aí têm conseguido impor a liderança de correntes e personalidades reaccionárias e dentro dele têm manipulado e alienado soldados e marinheiros, impedindo-os de participar consequentemente na luta.

E é por saberem que organizando-se autonomamente as Praças estarão então em condições de impedir as suas manobras e de imporem uma prática revolucionária justa que defenda os trabalhadores e contribua para o avanço imparável do processo, que eles atacam os S. U. V., difamando-os com ignóbeis calúnias. É por isso, camaradas, que eles se atrevem a rotular-vos de divisionistas, quando na verdade, são os soldados e marinheiros que representam a esmagadora maioria das Forças Armadas e pertencem, originariamente, às classes que constituem a maioria do Povo Português.

Como é legítimo afirmar que os S. U. V. são manipulados por minorias políticas, quando é irrefutável que os soldados e marinheiros são verdadeiramente o Povo fardado? Será o Povo uma minoria em Portugal?

Camaradas, vejamos claramente de que lado se encontra a maioria dos oficiais. Denunciemos sem tibiezas o significado das acções que assumem, combatendo-as tenazmente e buscando formas organizativas democráticas, sólidas, em que participem todos os que já compreenderam a necessidade de desmistificar o M. F. A. e seus demagógicos porta-vozes. Criemos em seu lugar uma organização legitimamente representativa da maioria das Forças Armadas, em que todos façam ouvir vivamente a sua voz e em que seja imposta a vontade democraticamente expressa pela maioria.

Despertemos a consciência adormecida de alguns camaradas soldados, sargentos e oficiais, ainda confusos, e estruturemos um Exército Popular e Revolucionário, que trabalhe e lute ao lado dos operários e camponeses.

Camaradas, alguns dias após ter apelado para a vossa unidade, é com alegria que vos manifesto a minha solidariedade e apoio, convicto de que estais no caminho certo e que unidos aos camaradas operários, camponeses e à vanguarda armada dos trabalhadores, não vos deixareis intimidar por atoardas nem ataques histéricos e constituireis, em breve, o vector fundamental das Forças Armadas Revolucionárias de Portugal, contributo decisivo para a vitória da Revolução e do Socialismo.»

## FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO NÃO GARANTE QUALIDADE DE ENSINO

A Faculdade de Medicina do Porto, mesmo nas melhores condições quanto a docentes, equipamento e métodos de ensino (o que não é o caso) tem uma capacidade limite de «150 alunos em cada disciplina básica, produzindo-se a partir dos 200 alunos, uma mutação regressiva da qualidade do ensino e aprendizagem».

No entanto, «se funcionar nas disciplinas básicas uma escolaridade semestral de 18 semanas efectivas, será possível a admissão anual de 300 alunos (a que se virão juntar os alunos reprovados) número que, contudo, excede o que pode ser devidamente ensinado no Hospital de S. João, no chamado ciclo clínico do curso».

Exposta a situação em limite de capacidade da Faculdade de Medicina do Porto, atentemos na realidade: só este ano estão inscritos nela para frequentarem o 1.º ano, 1214 alunos, número que será excedido visto ter sido dilatado até 15 de Outubro o período de inscrição e haver que contar com os retornados de Angola.

Este o informe dos docentes da Faculdade de Medicina do Porto que aprovaram em assembleia geral uma moção em que «definem a doutrina sobre o número máximo de alunos que a Faculdade pode ensinar» e afirmam não poder garantir o ensino em tais condições, com tão elevado número de alunos.

Textualmente: «Em face do exposto, caso o Governo imponha que todos os alunos agora inscritos no 1.º ano da Faculdade de Medicina do Porto concluam a frequência das respectivas disciplinas do ano lectivo de 1975/76 (e portanto, a frequência das disciplinas do 2.º ano em 1976/77), os Conselhos Directivos e Pedagógicos bem como os docentes dessas disciplinas reservam-se o direito de tomarem a atitude que entendam conveniente».

### A ESCOLHA: QUALIDADE OU QUANTIDADE

«Pior que um País não dispor de médicos, seria possui-los incompetentes: no primeiro caso, criar-se-ia a consciência colectiva de uma carência que urgia suprir; no segundo, o povo repousaria numa falsa segurança, supondo-se protegido quando de facto se encontrava permanentemente ameaçado de perigo grave».

Se nos últimos anos do curso médico (4.º 5.º e 6.º) a aprendizagem do número de alunos está fortemente condicionada pelo escasso número de camas hospitalares, doentes portanto (afinal o seu «material pedagógico»), nas disciplinas básicas o problema põe-se também: ultrapassado o número máximo de alunos, assiste-se a uma mutação regressiva da qualidade de ensino e, sobretudo, da aprendizagem, «com consequências nefastas e irreversíveis na formação dos futuros médicos».

Explanando a sua doutrina sobre o que deve ser o ensino em Medicina e quantos devem ser ensinados, considera a moção dos docentes da assembleia geral dos docentes: «Dado o carácter eminentemente laboratorial do ensino e aprendizagem nas disciplinas básicas, cada docente só poderá ter a seu cargo poucos alunos. Isto significa que, caso os alunos sejam muito numerosos, grande terá de ser também o quantitativo de docentes, o que depara com dois obstáculos intransponíveis: impossibilidade de conseguir docentes devidamente qualificados e impossibilidade de um conjunto de mais de uma dúzia de docentes constituir uma verdadeira equipa pedagógica. A questão dos docentes é pois, outro factor limitativo do número de alunos que podem frequentar com aproveitamento as disciplinas básicas do curso de medicina».

### NUMERUS CLAUSUS

. Perante a degradação extrema a que se chegou na formação dos médicos, medidas a tomar serão com urgência a não admissão de novos alunos até estar reestruturado o curso médico em função de objectivos bem definidos, dotarem-se as faculdades dos meios humanos e materiais indispensáveis e determinar-se o número de novos médicos de que o País necessita por ano e o número máximo de novos alunos que a cada Faculdade compete receber.»

. Assim, desde o princípio, esclarece a moção dos docentes, «a Faculdade de Medicina do Porto deu o seu apoio à ideia de se suspenderem as inscrições no 1.º ano em 1974».

«Na ausência de instruções superiores, o Conselho Directivo decidiu, por alturas de Maio de 1975, relembrar ao M. E. I. C. as suas reais potencialidades de ensino para o 1.º ano, e ao mesmo tempo sugerir que, dada a rápida aproximação do novo ano lectivo, fosse confiada às várias Faculdades de Medicina do País o estudo da reestruturação dos programas para o Ciclo Básico do Ensino Médico»

. Obtida a anuência do M. E. I. C. iniciou-se então uma série de reuniões com representantes do Porto, Lisboa e Coimbra, resultando o estabelecimento de programas comuns para os primeiros anos de Medicina.

Entretanto, após sermos informados que a norma do **numerus clausus** está em vigor nos países socialistas, dizem os docentes de Medicina do Porto que se se verificar o ingresso do número total de alunos inscritos no 1.º ano, os Conselhos Directivos e Pedagógicos bem como os docentes das disciplinas básicas «reservam-se o direito de tomarem a atitude que entendam conveniente».

A atitude extrema referida (conclui o documento que estamos a citar) «é um imperativo indeclinável de consciência, pois o pseudo-ensino ministrado nessas condições seria uma humilhação intolerável para a Faculdade, um atentado ao direito dos alunos de terem o ensino de que carecem para se tornarem médicos competentes e uma autêntica traição ao povo português».

## Episcopado defende ensino pluralista

. O Episcopado Português, através de nota pastoral, toma posição quanto ao debate na Constituinte sobre o ensino, considerando que «após o 25 de Abril, o problema do ensino não foi contemplado com perspectivas de liberdade».

A nota acentua que «não basta que se garanta o respeito pela liberdade religiosa, cumprindo as obrigações a que o Estado Português está vinculado perante a Igreja no domínio do ensino, (pois) no reconhecimento da liberdade de ensino, importa ter presente que ela só se concretiza se for reconhecida como liberdade formal e assegurada como direito substancial às diversas orientações doutrinárias, religiosas, filosóficas ou sociais, sem exclusivismo nem discriminações que não resultem da efectiva expressão democrática de cada tendência ou corrente».

Analisando a actual situação, o Episcopado considera que «a verdadeira liberdade de ensino só se efectiva quando se pender para a plena equiparação em todos os domínios entre as diversas formas de ensino diferenciado».

## EDITAL

**N.º 108/75**

Eu, Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que o projecto do 4.º Orçamento Suplementar para o ano 1975, está patente ao público, durante oito dias, na 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços de Finanças, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, podendo qualquer eleitor ou contribuinte da circunscrição municipal expor o que tiver por conveniente acerca do citado projecto, como dispõe o artigo 684.º do Código Administrativo, em vigor.

E, para geral conhecimento se publica o presente edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 6 de Outubro de 1975.

O Presidente,

**Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues**

# Nacional

## VALADÃO ESTA TARDE NA BOA-HORA

No Colectivo do 1.º Juizo Criminal da Boa Hora, presidido pelo corregedor Manuel Tavares Santos, iniciou-se esta tarde o julgamento do importante processo instaurado contra Ramiro Valadão, ex-presidente do Conselho de Administração da Radiotelevisão Portuguesa, incriminado pelo Ministério Público, de haver praticado no exercício das suas funções, fraudes no montante de 2 485 643$50 desde 8 de Abril de 1969 até 25 de Abril do ano passado. O acusado, defendido pelo dr. Mendes Carqueijeira, encontra-se preso sem admissão de caução. No pleito, que fora adido em 20 de Janeiro último, por motivo de novas diligências tendentes a melhor esclarecimento da verdade, devem depor três declarantes e dezanove testemunhas.

O despacho de pronúncia é preenchido por 298 artigos, descrevendo cada um deles a forma como teriam sido levadas a efeito as irregularidades. O mesmo documento jurídico salienta que Ramiro Valadão, uma vez descobertos os actos considerados delituosos repos 704 839$40 e mais 17 101$00, descontados nos seus vencimentos. O articulado descreve com larga cópia de pormenores os abusos de confiança, isto é, as numerosas despesas realizadas pelo réu com viagens ao estrangeiro, ilhas adjacentes, ao Norte e ao Sul do País, que ele atribuia a missões de serviço em benefício da empresa que orientava, o que, segundo o processo, era falso. Essas elevadas importâncias eram depois por ele levantadas, independentemente das ajudas de custo. Nas suas viagens, Ramiro Valadão era sempre acompanhado de familiares ou de pessoas das suas relações, frequentando restaurantes e hotéis de luxo e fazendo fabulosas despesas que depois a Televisão Portuguesa pagava, dado que a documentação do acusado aludia a interesses da empresa. O acusador público, no seu artigo 283.º aponta um dos pontos mais graves: «No dia 31 de Janeiro de 1974, o arguido recebeu o cheque n.º 209 327, sobre o Banco Português do Atlântico (dependência de Benfica) da importância de 64 526$00, emitido ao portador pela empresa Regimprensa, S. A. R. L. O cheque destinava-se a dar entrada nos cofres da RTP por representar o pagamento que lhe era devido pela Regimprensa na venda de exemplares de um livro editado pela Televisão Portuguesa. Por seu turno, o réu, no dia seguinte, depositou o cheque na sua conta n.º 02/09880/E. na sede do Banco Fonsecas e Burnay, com o intuito de, definitivamente, se apropriar da importância representada.»

O Ministério Público, sobre o mesmo assunto, acrescenta o seguinte: «Foi o arguido quem assinou o recibo particular respeitante àquela verba, quando era prática corrente os recibos emitidos pela RTP serem feitos em impressos próprios, timbrado e numerado e assinados ou pelo director-geral dos Serviços Administrativos e Financeiros ou pelo chefe da Divisão Financeira, seguindo o processamento na contabilidade. O réu desviou assim em seu proveito o montante do cheque que deveria imediatamente ter entregue na tesouraria da empresa.»

. O despacho de pronúncia refere ainda que Ramiro Valadão durante o ano de 1970 recebeu 240 contos de vencimentos, 20 de subsídios de férias e outro tanto de 13.º mês. A Televisão pagou também o imposto profissional do acusado na importância de 43 contos e a conta do seu telefone particular, em Cascais.

## PINHEIRO DE AZEVEDO À "TIME"

## "TEMOS DE AGUENTAR MAIS UM MÊS"

. NOVA YORK, 13 — (ANOP/FP) — Para que haja qualquer autoridade ou Governo em Portugal é da maior importância restaurar a disciplina militar, afirma o Primeiro-Ministro português almirante Pinheiro de Azevedo, numa entrevista concedida à «Time Magazine».

Pinheiro de Azevedo acrescentou: «É ainda demasiado cedo para dizer quanto tempo durará o Governo. Na minha opinião, não caminha agora numa boa direcção».

«Se esperarmos mais de uma semana, a disciplina militar pode ceder repentinamente», frisou o Primeiro-Ministro. «E se o Exército ceder, não teremos Exército, nem força, e depois disso não teremos nem autoridade nem Governo».

Pinheiro de Azevedo, expressou a sua intenção de acalmar a extrema-esquerda portuguesa, que descreveu como descontente.

«É preciso fazer qualquer coisa a este respeito porque o Governo não é de direita», acrescentou ele.

Referindo-se depois ao processo revolucionário português, Pinheiro de Azevedo acentuou que em Lisboa ocorre um maior avanço, posto que reunem na capital «os melhores trabalhadores, os melhores políticos, os melhores militares». Mas, disse seguidamente, «é diferente da província». «Os homens não estão tão politizados. Consagram-se à agricultura e são muito religiosos».

Finalmente, o Primeiro-Ministro português abordou as relações entre Portugal, os Estados Unidos e a Europa Ocidental afirmando que, se o seu Governo se mantiver mais um mês, certamente que tais relações terão então melhorado muito.

«Mas temos de nos aguentar mais um mês.»

## DA VIA-SACRA AO ADEUS

. Hoje, em Fátima, é a velada nocturna. Das zero horas à 1 e 30 processa-se a Via Sacra, com representação cénica. Depois, até às quatro horas, e perante o Santíssimo, adoração e gratidão festiva. Dessa hora até às cinco, na Capelinha, celebração mariana, com missa. Das 6 às 6 e 45, a habitual procissão eucarística, registando-se, às 7 e 30, a celebração do Rosário. Finalmente, às 10 horas, missa, benção dos doentes e adeus.

Entretanto, reuniu-se em Fátima a Conferência Episcopal, presidida pelo bispo de Aveiro, D.Manuel de Almeida Trintade.

Foi eleito presidente da Conferência o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D.António Ribeiro, tendo sido escolhidos para os cargos do vice-presidente e secretário D.Manuel de Almeida Trindade, bispo de Aveiro, e D.António dos Reis Rodrigues, bispo-auxiliar de Lisboa.

Para vogais do Conselho Permanente foram eleitos o arcebispo de Braga, D. Francisco Maria da Silva, o bispo do Porto, D.António Ferreira Gomes, o bispo de Coimbra, D.João da Silva Saraiva, e o arcebispo-coadjutor de Beja, D.Manuel Franco Falcão.

Tendo como preocupação «contribuir com a experiência da Igreja. para um ensino que, de facto, liberte o homem e o ajude a ser responsável», a Conferência Episcopal divulgou um documento onde se afirma:

. «Após o 25 de Abril, o problema do ensino não foi contemplado com perspectivas de liberdade», convindo «o reconhecimento do papel da escola na própria transformação da sociedade, elevando-a a realizar a função libertadora que lhe é própria, como espaço de educação».

## O repórter de serviço

ÂNGELA CAIRES

## O CHANFALHO

Está a sair da fábrica de Belém, para lançamento no mercado local, novo tipo de chanfalho que se destina a substituir o estafado instrumento usado pela G. N. R. e P. S. P.. Após longas discussões entre os autores do projecto, ficou decidido dar-lhe a marca comercial de «Ami», designação particularmente gostosa entre os franceses, e que se espera agrade tambem ao consumidor português.

Em exaustivos estudos de mercado chegou-se à conclusão de que é disto que o público português está precisado. O primeiro teste teve lugar na estação da St.ª Apolónia, e foi levado a cabo ainda pela P. S. P.-G. N. R.. Segundo fonte de informação digna de crédito, quem não aprovou o produto foi o «Copcon», que prefere ainda as velhas e bem sucedidas granadas de gases lacrimogéneos. Mas Belém insiste na chanfalhada, e daí que o «Ami» esteja previamente destinado a grande sucesso.

A franja de consumidores foi situada entre indivíduos da classe «C»-metalúrgicos, operários da indústria têxtil, construção civil, vendedores de pão, rodoviários, camponeses, estudantes e trabalhadores de um modo geral. O que caracteriza o novo instrumento é que o seu uso será feito mesmo (e por acaso sempre!) contra a vontade do consumidor.

Admite-se que para evitar que o novo chanfalho seja posto no mercado será urgente rever a direcção da fábrica de Belém, ou aconselhar-se que se dedique, como é tradicional, ao fabrico dos celebrados pastéis.

## MADEIRA

## Mais um petardo

. Um petardo de fraca potência atirado para o quintal da residência de Marcelino Fernandes, no Funchal, não causou prejuizos de maior. Apenas alguns vidros partidos.

A explosão verificou-se na última sexta-feira, eram 02 e 15 da madrugada e foi entendida como um aviso da Flama a um filho de Marcelino Fernandes militante da F. E. C. (M-L).

De notar que já foram tantos os petardos, nos últimos tempos, no Funchal, que a notícia de novas bombas não surpreende a maioria da população, protegida de petardos por uma carcaça de indiferença.

## SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO SUL

### COMUNICADO

Ao abrigo dos Estatutos, foi requerida por trabalhadores uma Assembleia Geral Extraordinária para se debruçar sobre o actual C. C. T. a qual foi convocada para o dia 10 do corrente, pelas 21.00 horas, no Clube Atlético de Campo de Ourique.

Após a chamada individual dos requerentes, e verificando-se que não se encontravam presentes o mínimo de 2/3 dos subscritores, o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, de conformidade com o disposto no n.º 1 do Art.º 36.º dos mesmos Estatutos, declarou a impossibilidade da realização da Assembleia por falta de «Quorum».

Os corpos gerentes deste Sindicato informam, no entanto, que um grupo de trabalhadores, num claro atropelo ao que dispõem os Estatutos, aprovados oportunamente pela classe, e numa linha sectária e oportunista, tentaram pôr em causa a determinação estatutária já referida, pretendendo que a Assembleia se transformasse numa Reunião Magna com carácter deliberativo.

Para tal fim, usaram de atitudes provocatórias e ameaçadoras para com os Corpos Gerentes, os quais se opuseram firmemente, apoiados por todos os outros trabalhadores.

Salvaguardando-se a possibilidade de posterior e mais amplo esclarecimento, com a consequente e firme tomada de posição, os corpos gerentes deste Sindicato dão conhecimento de que quaisquer decisões eventualmente tomadas por aquele citado vista sectários e partidários, não vinculando nem representando, grupo de trabalhadores, representarão apenas os seus pontos de de forma alguma, a vontade dos trabalhadores de Seguros.

POR UM SINDICATO DEMOCRÁTTICO
AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES

**Os Corpos Gerentes**

## SINDICATO DOS PROFESSORES

## (ZONA DA GRANDE LISBOA)

PLENÁRIO DOS PROFESSORES DO CPES e ES

### PELA GARANTIA DO DIREITO AO TRABALHO

A CDP convoca todos os professores do CPES e ES para o plenário que **se realiza na terça-feira, dia 14 de Outubro, pelas 21.30 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.** Neste plenário será analisado o actual estádio do processo das colocações e reconduções, da luta pela garantia de trabalho para todos os professores e definidas as posições adequadas aos dados da situação. Para que a posição assumida corresponda de facto à posição da classe, apela-se para a presença massiva dos professores.

NOTA: Foram enviados pelo correio para as escolas os relatórios das três reuniões distritais de delegados. Esses relatórios encontram-se também à disposição dos professores nas sedes do Sindicato, em Lisboa, Santarém e Setúbal, pedindo-se aos delegados sindicais que diligenciem no sentido de levantarem dessas sedes alguns exemplares para as suas escolas, para que a recepção não seja prejudicada por algum atraso de correio.

Para a identificação para o plenário deverá ser apresentado o cartão de sócio e só em último caso o bilhete de identidade poderá ser apresentado para conferir com os mapas de quotização.

ASSINA: A COMISSÃO DIRECTIVA

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL
E DO AMBIENTE

## Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

**Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos**

### DIVISÃO DE OBRAS

### PLANO DE DEFESA, CONSERVAÇÃO E REGA DA BACIA HIDROGRÁFICA DA RIBEIRA DA VILARIÇA

### CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DO FORNECIMENTO E MONTAGEM DOS EQUIPAMENTOS MECÂNICOS DA DESCARGA DE FUNDO E DA TOMADA DE ÁGUA DAS ALBUFEIRAS DA BURGA, DO SALGUEIRO E DE SANTA JUSTA

### ANÚNCIO

Anuncia-se que até ao dia 18 de Novembro de 1975 se encontra aberto concurso público para a arrematação do fornecimento e da montagem acima referidos.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia seguinte ao anteriormente indicado, na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, situada em Lisboa, na Rua de São Mamede (ao Caldas), n.º 23.

— Depósito provisório — 100 000$00
— Alvarás exigidos aos concorrentes:
II categoria ou sua 5ª. subcategoria e classe ou subclasse correspondente ao valor da proposta.

O projecto, o caderno de encargos e o programa de concurso poderão ser examinados na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos, situada em Lisboa, na rua de São Mamede (ao Caldas), n.º 23, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, em 6 de Outubro de 1975.

O ENGENHEIRO SUBDIRECTOR-GERAL
**Estêvão Mendonça Lamas de Oliveira**

# Nacional

## TRABALHADORES DO SUL DECIDEM:

# PARALISAÇÃO TOTAL SE FALTAREM MEDIDAS DE APOIO À REFORMA AGRÁRIA

. Oitocentos delegados dos Trabalhadores Metalúrgicos e Agrícolas do Sul, ontem reunidos em Montoito (Évora), aprovaram uma moção que cria uma comissão delegada para propor, dentro de breves dias, uma paralisação geral da actividade em todo o sul do País, caso não sejam imediatamente satisfeitas as exigências que consideram mais justas para o desenvolvimento económico do País. Entre essas exigências contam-se o pagamento de 700 000 contos de que os latifundiários são devedores, e que os quatro milhões de contos ainda não utilizados, dos cinco milhões destinados pelo V Governo para crédito de emergência, sejam entregues sem demora.

Este 1.º Encontro dos Trabalhadores Metalúrgicos e Agrícolas do Sul tinha como objectivo principal a discussão de formas de unidade entre as classes trabalhadoras dos dois sectores, uma vez que os operários metalúrgicos trabalham em fábricas produtoras de maquinaria e alfaias agrícolas de que os trabalhadores das unidades colectivas de produção e os pequenos agricultores não dispõem. Nele participaram delegados sindicais de ambos os sectores de actividade, comissões de trabalhadores de fábricas e herdades colectivas e ligas de pequenos e médios agricultores.

«Repelir energicamente as afirmações dos reaccionários e sociais-democratas de que os trabalhadores estão a roubar terras, gados e máquinas» — foi uma das decisões incluídas na moção aprovada e que resultou da discussão da situação presente, durante a qual foram feitas importantes denúncias de factos relacionados com a Reforma Agrária. Ainda sobre as ocupações selvagens e as recentes afirmações de Mário Soares no Porto, afirmou Manuel Vicente, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Évora: «Porque não vem ele a Évora falar com os trabalhadores, para saber realmente quem é que tem tentado lançar o caos económico e quem tem sido os verdadeiros ladrões da riqueza económica criada pelos trabalhadores? Ele que venha dizer no Alentejo, aqui à nossa frente, o que disse no Porto».

### QUESTÕES DE DINHEIRO

Os trabalhadores do Sul exigem, também, na moção aprovada em Montoito, «que se tomem medidas enérgicas para acabar de vez com os roubos de milhões de contos ao País, obrigando os agrários a pagar o que devem (mais de 700 mil contos) e impedindo-os de continuarem a efectuar levantamentos na banca e a fazer exportações de capital sem o controlo dos trabalhadores».

Nesta linha, os trabalhadores afirmam-se decididos a fazer avançar a Reforma Agrária e a lutar para que seja efectuada a expropriação de vastos latifúndios, a qual assegurará a intensificação de culturas e a criação de gado, do que resultará uma redução de importações e no incremento de toda uma actividade comercial e industrial, em que também os pequenos e médios industriais e comerciantes estão interessados.

Mas, igualmente, questões de dinheiro, são casos concretos em que grandes capitalistas e latifundiários continuam a beneficiar de créditos na banca já nacionalizada. Por exemplo, a família Espírito Santo deverá cem mil contos que foram levantados a pretexto de financiamentos na herdade da Comporta. Outro caso: o eng.º Barroso, de Évora, conseguiu levantar 18 mil contos num banco, sob hipoteca de uma propriedade que obviamente seria expropriada.

Muito grave é o problema dos 4 milhões de contos que se destinavam ao crédito agrícola, para salários, compras de adubos, pesticidas, rações, sementes e combustíveis. Os trabalhadores exigem, na sua moção, que esse dinheiro seja entregue sem demora às Comissões Liquidatárias dos Grémios da Lavoura e agências bancárias. «Caso não sejam cumpridas estas disposições legais, os trabalhadores tomarão as medidas que consideram necessárias para obrigar que esses 4 milhões de contos entrem já ao seu dispôr».

Outro ponto decidido, até pela revitalização que poderia implicar em outras actividades industriais, foi a aprovação de uma exigência de abertura imediata de crédito para compra de máquinas, gado e materiais de construção, indispensáveis ao arranque da produção agrária e a imediata publicação de todos os diplomas progressistas já elaborados, destacando as leis dos baldios, da abolição de foros, do controlo operário das empresas, das associações de pequenos e médios agricultores, assim como a regulamentação do trabalho rural para o Alentejo.

Entretanto, dando cumprimento a outro ponto aprovado, deverá iniciar-se dentro de breves dias a distribuição directa às unidades colectivas de produção e às ligas de pequenos e médios agricultores, dos produtos que se amontoam nos armazéns das empresas e que tanta faltas fazem aos trabalhadores dos campos, remetendo a facturação respectiva aos organismos estatais», responsáveis pela grave situação que se está a criar no País.

### A CRISE DOS ADUBOS

A Comissão de Unidade dos Trabalhadores da C.U.F. convocou todos os trabalhadores da empresa para um plenário que hoje se efectua num dos seus refeitórios, para «Análise e solução da crise dos adubos que afecta a Reforma Agrária», com a presença de trabalhadores alentejanos.

# MINIC EM LISBOA

. «Os nossos dois países têm um grande número de posições idênticas ou parecidas a respeito dos problemas internacionais da actualidade» — declarou Milos Minic, vice-presidente do Conselho Executivo Federal e ministro dos Negócios Estrangeiros da Jugoslávia, no decorrer do jantar oferecido em sua honra, após a sua chegada a Lisboa.

Em resposta Melo Antunes afirmou: «Portugal reconhece na Jugoslávia, não só o combate, de longos anos por um modelo nacional de transição para o socialismo, mas também a definição e a prossecução de uma coerente política externa de não-alinhamento activo».

Explicitando melhor o seu pensamento, Melo Antunes declarou: «na definição do não-alinhamento como política alternativa à partilha do mundo em zonas de influência pelas grandes potências, na sequência do após-guerra, foi decisivo o papel do vosso país. Ele aparece hoje, ao lado dos países do Terceiro Mundo, dos países da África, Ásia e América Latina, na luta por uma ordem económica internacional mais justa, contra a inexorável e inumana lógica de um sistema económico mundial fundado no desenvolvimento desigual, na degredação dos termos de troca, e na exploração dos países produtores de matérias-primas pelos centros industrializados preponderantes.»

. No decorrer da visita do ministro jugoslavo que se encontrará com o primeiro-ministro, espera-se que sejam discutidos o não-alinhamento, a Europa, especialmente o Mediterrâneo, o Próximo Oriente, os problemas de desenvolvimento e a descolonização.

# Muitos adultos no dia da criança

Festejou-se ontem o Dia Mundial da Criança.

Local escolhido para celebração do evento: o Mercado do Povo.

Havia palhaços em palcos dispersos pelo recinto e muitas coisas mais. As crianças (fazia um bocadinho de frio, coitadas...) queriam na verdade ver tudo, correr, gritar, aproximar-se do rio. Mas...

Mas, acompanhadas por adultos (pais, tios, avós), estavam para ali esmagadas, quase que não viam nada — e, quanto a brincar, foi ir lá e regressar a casa.

Vasco Granja, presente:

. «O ideal, claro, era que não fosse necessário um Dia Mundial da Criança para haver aqui cinema e teatro para miúdos. O ideal era poder haver aqui, pelo menos uma vez por semana, actividades para as crianças. Tentaremos levar esta ideia para diante.»

. Entretanto, o P.S. informa que a sua festa dedicada aos pequeninos «se efectua no Zoo no próximo sábado».

# INTERSINDICAL DENUNCIA "TENTATIVAS DE INGERÊNCIA NO MOVIMENTO SINDICAL UNITÁRIO"

. O secretariado da Intersindical tomou posição face ao «gabinete de apoio à vida sindical», recentemente constituído no Ministério do Trabalho, exigindo «que seja dada uma explicação às massas trabalhadoras sobre as reais funções» deste organismo.

Em comunicado, a Intersindical considera que o Ministério do Trabalho e o seu secretário de Estado estão a ir longe de mais nas suas pretensões de destruir a unidade dos trabalhadores e confundir a opinião pública, e assegura que «desde já tomará as devidas providências para a denúncia e o combate a todas as tentativas de ingerência no movimento sindical unitário».

O comunicado é do seguinte teor:

. «O secretariado da Intersindical não permitirá que em nome de uma autoridade tão contestada pelas massas trabalhadoras, se pretenda interferir na vida sindical, atitude que classificamos de claro desrespeito pela independência do movimento sindical unitário.

«Estranhamos que os responsáveis do Ministério do Trabalho, tão preocupados com a «ordem» e «autoridade» se não lembrem que a lei das associações sindicais não deixa ambiguidades quanto à ingerência na organização dos trabalhadores de organismos que lhe são estranhos.

«O secretário de Estado do Trabalho deve ter bem presente que um dos seus ataques preferidos à «unicidade sindical» era (e é) afirmar que assim a Intersindical ficaria na dependência do Estado, o que seria contrário ao princípio da independência do movimento sindical.

«Afinal, vem agora o sr. Marcelo Curto procurar, através de processos que fazem lembrar os tempos fascistas, ditar leis à vida sindical, pondo em prática o que certamente muito bem aprendeu com os seus comparsas da social-democracia.

«Quanto á conversa das 'maiorias' e das 'minorias' ela não é nova. É a mesma que tem dado cobertura ao saneamento à esquerda a nível civil e militar, aos atentados às unidades militares progressistas, à violência contra as organizações progressistas e contra a organização sindical, ao atear de incêndios nas florestas, à agressão física de revolucionários, etc. etc. É a mesma que ultimamente tem servido para a recondução de elementos reconhecidamente fascistas, em lugares que são da maior importância para a salvaguarda das conquistas alcançadas e o avanço da Revolução.

«O próprio Spínola utilizou a linguagem das 'maiorias' e 'minorias' para a sua intentona de 28 de Setembro. Foi, aliás, com esta linguagem que se tornou uma imagem querida para os fascistas e enganou muito do nosso povo.

«Mas o 28 de Setembro foi em 1974, e neste momento a classe operária é de um modo geral todas as camadas da população antimonopolistas e antilatifundistas, não se deixarão enganar com demagogias tipicamente para consumo da burguesia exploradora.

«As intenções tanto do ministro do Trabalho como do seu secretário de Estado, eles próprios se vão encarregando de as denunciar ao pretenderem enfraquecer a luta da classe operária para melhor servir os interesses do patronato.

«Contudo, lembramos que foram os trabalhadores que respondendo maciçamente à palavra de ordem da Intersindical Nacional, transformaram o ex-Ministério das Corporações num Ministério do Trabalho autenticamente ao serviço das classes exploradas e não permitirão que esta conquista lhes seja retirada.

«O secretariado da Intersindical Nacional manifesta as suas apreensões sobre as verdadeiras intenções do recém-formado gabinete de apoio à vida sindical e pergunta:

. — Não será este 'gabinete' uma mera transposição do 'centro de estudos para a reestruturação e formação de novos sindicatos' do pluralista Marcelo Curto?»

# Padarias de Lisboa: novos horários

Novos horários das padarias de Lisboa a partir do dia 20, foi a proposta aprovada por unanimidade na assembleia geral de sócios do Sindicato dos Trabalhadores da Panificação que se realizou na Voz do Operário.

Ficou assim estabelecido: de segunda a sexta-feira (com sete horas de trabalho), os amassadores entram às 6 horas; os ajudantes de padaria às 6 e 30; os forneiros e restante pessoal às 7 horas.

Os balcões (casas de venda ao público) abrem às 9 horas e até às 14 (1.º período) e das 17 às 20 (2.º período). Aos sábados, o horário será o seguinte: ajudantes de padaria e forneiros das 0.30 à 1 hora, balcões das 8 às 13 horas.

# O MINISTÉRIO DO TRABALHO PROCESSA A FEDERAÇÃO NACIONAL DOS METALÚRGICOS

. Na sequência de recentes declarações de elementos da Comissão Directiva da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos, o Ministério do Trabalho emitiu a seguinte nota oficiosa:

. «1.º — Em face de declarações de conteúdo falso e injurioso proferidas por alguns elementos da actual comissão directiva da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos em órgãos de Comunicação Social, foi determinado enviar aos órgãos judiciais a competente participação e dadas indicações sobre pedido de indemnização a formular-se se houver responsabilidade por parte de órgãos de Comunicação Social — cujo montante reverterá para as verbas do subsídio do desemprego.

2.º — Daquelas declarações, destaca-se a referência aos trabalhadores rurais do Alentejo e sua forma de concretizarem a Reforma Agrária.

3.º — A verdade é que não foi feita qualquer referência aos trabalhadores rurais do Alentejo nem a quaisquer trabalhadores rurais.

O que o ministro do Trabalho disse aos elementos da Comissão Directiva da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos foi que oportunistas, que abusivamente se intitulam trabalhadores rurais, ocupam de norte a sul do País, as terras de preferência já cultivadas prontas para a colheita, e adegas com o vinho nas pipas, mas não se lembram nunca de ocupar as terras incultas e desprezadas, pois essas necessitam de ser tratadas e cultivadas, o que, como se sabe, dá muito trabalho...

Também a propósito se referiu o problema da ocupação de casas, nomeadamente de emigrantes portugueses, para lembrar que era triste verificar-se que a energia posta ao serviço de ocupações ilegítimas não fosse antes aproveitada para a construção de casas para aqueles que vivem em barracas e assim continuarão a viver enquanto essa energia não for gasta para construir mas apenas para destruir.

4.º — A verdade é que os trabalhadores rurais do Alentejo, que tanto desejaram a Reforma Agrária, são os principais interessados em que ela se processe sem interferência de oportunistas.

5.º — O Ministério do Trabalho está pronto a fazer pelos trabalhadores rurais do Alentejo, tudo o que estiver dentro do seu próprio âmbito de competência.»

. Os dirigentes metalúrgicos falaram na Televisão no passado sábado, após o Telejornal, tendo-lhes sido concedido exactamente o mesmo tempo que no dia anterior tinha sido ocupado com a entrevista ao ministro e ao secretário de Estado do Trabalho. Dezenas de metalúrgicos estiveram ali presentes. Um dirigente agrícola falou da solidariedade «dos trabalhadores rurais com os metalúrgicos», tendo-se abraçado ao presidente da Federação dos Metalúrgicos. Este, na sua intervenção, classificou o actual titular da pasta do Trabalho de «divisionista, mentiroso e contra-revolucionário». Estas afirmações valeram-lhe um processo judicial.

Entretanto, trabalhadores em laboração no «Diário de Notícias» aprovaram por aclamação uma moção de apoio «aos seus camaradas metalúrgicos» e decidem «permanecer incondicionalmente ao seu lado, sejam quais forem as circunstâncias, solidarizando-se e apoiando toda a sua luta pela conquista dos direitos e liberdades de todos os trabalhadores portugueses».

### A LISTA A VENCEU

A Lista A com a sigla «Contra os despedimentos» ganhou as eleições no Sindicato dos Metalúrgicos do distrito de Lisboa. Desconhecem-se ainda os resultados definitivos, mas até este momento a Lista A seguia à frente com 7222 votos (68,1 por cento). A Lista B «Novos postos de trabalho» obteve 2655 votos (25 por cento) e a lista C «Por um sindicato nas mãos dos Metalúrgicos», 707 (6,9 por cento).

A direcção tomará posse na próxima quinta-feira.

PERANTE A CRISE

# TRABALHADORES DOS TÊXTEIS DISPOSTOS A NÃO ESPERAR

Os trabalhadores da Indústria Têxtil constatam que a crise do sector se agrava rapidamente sem que o Governo faça algo, «nem mesmo se procure interessar por tão gravosa situação», que compromete os seus postos de trabalho, segundo se lê num comunicado da Federação Nacional dos Sindicatos da Indústria de Lanifícios.

Esta situação mantém-se apesar de em devido tempo, a Federação ter feito entrega no Gabinete do ministro da Indústria das conclusões do seu encontro nacional em Ofir, «exigindo nessa altura, e já lá vai algum tempo (cerca de três meses), que se fizesse um estudo a nível governamental, para concretização do único projecto que, entendemos, resolver o problema do sector têxtil, nomeadamente no que se refere a criação de um organismo coordenador do sector e, ainda, quanto à comercialização interna e externa da produção».

Na altura da entrega daquelas conclusões foi feito o pedido de uma entrevista com o ministro da pasta, que se efectuou no dia 10 do corrente. «Constatamos com surpresa que nada havia ainda sido decidido». Uma reunião interministerial (Indústria-Finanças-Comércio Externo) foi agora marcada, mas os trabalhadores «não estão dispostos a esperar» e exigem solução imediata para o assunto, perguntando: «Ou será que os trabalhadores vão ser ignorados pelo VI Governo, como o foram pelos anteriores, e se vai entrar novamente, neste País, no capitalismo e consequente exploração?»

«Mais uma reunião, mais um protelar dos problemas deste País — dizem os trabalhadores, que prosseguem. Se não têm soluções porque esperam para se demitir? Se os trabalhadores as têm neste momento entreguem-lhes poder por estes, os problemas deste País terão solução já que são eles que sentem na carne as consequências do imobilismo».

No entanto, os trabalhadores mostram-se dispostos a aguardar os resultados desta reunião, «e caso não seja dado seguimento às nossas propostas, tomaremos as posições que entendermos convenientes».

## CARTA DE UM METALÚRGICO AO MINISTRO DO TRABALHO

Senhor Ministro:

«Começo por citar as palavras do meu camarada Álvaro Branco, Presidente da Federação dos Metalúrgicos.

Nós operários metalúrgicos somos rudes mas leais e honestos e porque eu sou um deles e estive na noite do dia 7 no seu gabinete a discutir 4 pontos que nós achámos importantes para o actual momento. Depois de o senhor ter assinado o documento de comum acordo, fiquei bastante surpreendido com as palavras que o sr. ministro proferiu (...)

Em resposta ao que foi dito, o sr. ministro está enganado porque nós metalúrgicos temos mais consciência da crise económica e das estruturas das empresas em que trabalhamos e estamos mais interessados do que o senhor neste aspecto, mas também sabemos que mais de 200 mil metalúrgicos têm ordenados de miséria, enquanto muitos fascistas que foram saneados ganham 30 contos e mais, também sabemos que o patronato reaccionário diz que as empresas estão a ir à falência, mas têm nas suas administrações administradores e ganharem 30 e 40 contos por mês e é neste aspecto que o sr. ministro pretende chegar ao socialismo? Não senhor ministro, assim não se chega lá e não é desta forma que se vem a ter o apoio da classe operária.

Recorda-se sr. ministro? Quando nos deu o documento, nós gritámos «Viva a classe operária», o sr. ministro voltou-se para nós e disse: Então o sr. ministro, não merece um viva? Não. A classe metalúrgica não esmola mas exige o que tem de direito, porque somos uma classe revolucionária, porque estamos organizados e temos Comissões de Trabalhadores, de delegados sindicais e acima de tudo, temos consciência de classe e fazemos tudo para estar unidos, para enfrentar atitudes reaccionárias (...)

Segundo o discurso de Sua Exa., o Presidente da República em 5 de Outubro na Praça do Município, quem dividir os trabalhadores é reaccionário. Pois foi aquilo que o sr. foi fazer à TV. Com as declarações que fez, tentou dividir os mais explorados, os homens e mulheres de Portugal, os soldados e camponeses, os operários metalúrgicos e restantes trabalhadores, pondo-os uns contra os outros. Mas sr. ministro: por muito que tente, os camponeses sabem quem são os operários metalúrgicos e para seu conhecimento ainda não há um mês em plenário de delegados sindicais, decidimos mandar para os camponeses 250 contos e mandaremos mais e até seremos capazes de formar uma Comissão Nacional para lhes mandarmos as máquinas que eles necessitam, já que as altas individualidades não o fazem.

Eles sabem que a classe operária é a principal aliada do campesinato, coisa que muitos srs. que se dizem democratas e que querem o socialismo, mas com a sua demagogia vão atrasando a Reforma Agrária não dando despacho aos decretos-leis e não concedendo os empréstimos que os camponeses necessitam, o não são (...)

Se o senhor ministro à boa maneira fascista quiser fazer repressão pelas declarações que aqui prestei, pode mandar nem que seja um pelotão de fuzilamento. Sou operário metalúrgico da Firma Baptista Russo, em Cabo Ruivo». A carta é assinada por Vítor Manuel Assunção Paulo.

## Apesar de todas as promessas

«Apesar de todas as promessas que nos fizeram no Ministério da Administração Interna e Presidência da República, até ao momento as nossas justas reivindicações continuam a ser completamente ignoradas», salienta num comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores Electricistas do Centro referindo-se concretamente ao caso dos electricistas da Função Pública.

«A reestruturação da letra continua por fazer, as discriminações mantêm-se e o electricista da Função Pública continua a ser desprezado». Decidiram, por isso, desencadear uma ampla campanha de esclarecimento que permita mobilizar todos os electricistas interessados para tomadas de posição de força. Nestes termos vão realizar-se no próximo dia 18, plenários regionais de electricistas da Função Pública em Aveiro, Leiria, Covilhã e Coimbra.

### SEMANA INGLESA

Os trabalhadores do Comércio e a entidade patronal dos Armazéns do Minho, de J. A. Veloso Lda, decidiram continuar a praticar a semana inglesa nos meses de Outubro e Novembro, abrindo às segundas-feiras durante todo o dia.

Não aceitam, portanto, o comunicado da U. A. C. D. L., ex-União dos Grémios dos Lojistas de Lisboa, considerando-o cupulista e demagógico, por não ter sequer ouvido a vontade dos interessados, não servindo a Revolução.

### LUTA SEM TRÉGUAS

«As lutas que se avizinham na defesa intransigente da causa da classe operária, luta sem tréguas face ao capitalismo opressor, não consentem que descansemos. Terminamos pois, fazendo esta afirmação: nós todos, os trabalhadores da Carris, do Metro e da Sintra-Atlântico filiados no Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Colectivos do Distrito de Lisboa, continuamos solidários, decididos a fazer avançar a revolução, rumo à sociedade socialista».

## Trabalhadores de teatro despedidos no T.N.T.

Oito trabalhadores de teatro despedidos do T. N. T. (Teatro do Nosso Tempo) pelos seus sócios fundadores lançam um alerta contra aquilo que consideram os «empresários camuflados». No comunicado que agora distribuiram explicam as razões que levaram à suspensão da peça «A greve dos choferes», relacionada com o seu despedimento. De acordo com estas informações, no dia 30 de Setembro os sócios fundadores teriam informado os restantes actores de que tinham cessado os seus compromissos para com estes, o que se deveria ter terminado naquela data, um subsídio do Ministério da Comunicação Social, àquela companhia.

«Perante a atitude firme dos trabalhadores o sócio-gerente do T. N. T. exigiu para readmissão dos trabalhadores que estes elaborassem uma proposta de exploração comercial da peça sujeita, no entanto, à aprovação dos sócios». Mas, os trabalhadores responderam que isso era da competência do T. N. T. pelo que aguardavam uma resposta. E a resposta não satisfez, até porque informava que tinha sido decidido liquidar todos os compromissos existentes àquela data.


CONSTRUÇÕES CANTIAL LIMITADA

TEM PARA VENDA

NA COVA DA PIEDADE (Av. Rainha D. Leonor)

— Garagens ou armazéns c/ 80,86 m²

EM CONSTRUÇÃO

— Andares de 2, 3, 4 e 5 casas assoalhadas
— Armazéns c/ 360 e 437 m²
— Estabelecimentos c/ 325 m²

EM CONSTRUÇÃO

— Lojas c/ Armazém, c/ respectivamente, 82 e 127 m²
— Andares de 2, 4 e 5 casas assoalhadas

NO LARANJEIRO (frente ao Alfeite)

CONSTRUÇÃO ESMERADA — BONS ACABAMENTOS

MOSTRAMOS ANDAR PADRÃO
FACILIDADES DE PAGAMENTO

Avenida Professor Egas Moniz, 40-B, r/c. — Telefone 276 15 57 — COVA DA PIEDADE

# Descolonização

# ANGOLA: O POVO NO PODER

«Nas diversas tomadas de posição que têm sido feitas, está ausente uma análise política global acerca da questão angolana. Vejamos alguns dados que podem contribuir para essa análise, abordando sucessivamente quatro temas: **remontar às origens, caracterização das forças em presença, evolução recente, conjuntura actual»**, assim principia uma análise política do processo angolano efectuada pelo Centro de Informação e Documentação Anto-Colonial (CIDAC) a qual, pelo seu interesse, o «DL» reproduz hoje na íntegra.

## REMONTAR ÀS ORIGENS

Não é inútil recordar o passado a fim de podermos emitir um juízo político sobre a natureza dos três movimentos que disputam o poder em Angola, o MPLA, a FNLA e a UNITA.

Como é sabido, o Movimento Popular de Libertação de Angola foi fundado em 1956, como resultado da fusão do PLUA (Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola, criado em 1953) e do MINA (Movimento para a Independência Nacional de Angola)). Era um verdadeiro movimennto de massas com adesões em todo o território, fundado por líderes daquela mesma geração que, em Lisboa, lançou as bases do movimento que havia de derrubar o colonialismo português (Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos e muitos outros), e que mais tarde havia de organizar a sua solidariedade militante criando o CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas). Herdeiro das tradições de resistência secular do povo angolano à invasão colonial, ambientado nas correntes do nacionalismo africano que amadureceram ao longo da década de 50, **o MPLA inicia a luta armada de libertação nacional em 4 de Fevereiro de 1961. Durante 14 anos prossegue um incansável combate de guerrilha contra o exército colonial** (o mais numeroso exército em África) **e, à semelhança do PAIGC e da FRELIMO, consegue libertar algumas zonas do território, onde instaura uma nova vida social, promovendo a organização popular, com destaque para as tarefas da educação, da saúde, da defesa e da produção, criando embriões da futura sociedade liberta do colonialismo e da exploração.**

**O carácter progressista do MPLA não podia agradar às forças imperialistas. Na altura, o capitalismo internacional estava interessado em evoluir para fórmulas neocoloniais, fomentando e controlando assim as independências políticas em África. Desconfiando do MPLA, os americanos incentivaram então a criação de um movimento rival, aproveitando para o efeito a revolta das populações do Norte e a rede de missões protestantes em que tinham forte presença.** O problema da sucessão de um rei do antigo reino do Congo, em 1955, foi pretexto para o aparecimento da UPNA (União das Populações do Norte de Angola), movimento que preconizava a separação do Congo angolando do restante território. Daí surgiu a UPA (União das Populações de Angola), liderada por Holden Roberto, o qual procurava assimilar o nacionalismo africano, embora na prática o seu «nacionalismo» estivesse circunscrito à tribo dos kikongos. Em 15 de Março de 1961 lança o ataque desenfrado e indiscriminado à população branca do Norte, sujeitando depois milhares e milhares de vítimas à feroz repressão colonial-fascista. Mais tarde a UPA muda o nome para FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e constitui-se o chamado GRAE (Governo Revolucionário de Angola no Exílio) instalado no Zaire com o apoio de Mobutu, agente da CIA, responsável pela morte de Lumumba e pela submissão do antigo Congo belga ao neocolonialismo. Entretanto o Zaire expulsa os militantes do MPLA do seu território e a FNLA passa a combater contra os guerrilheirros do MPLA no interior do país.

**Em 1964, o «ministro dos estrangeiros» do GRAE é Jonas Savimbi, que fora simpatizante do MPLA em 1960-61. Em 1966 Savimbi corta com Holden Roberto, acusando-o de estar ao serviço doo imperialismo americano;** regressa ao MPLA, para depois fundar a UNITA (União Nacional pela Independência Total de Angola) a partir de uma atnia — os umbundos — do planalto central. Apresentando-se como uma terceira força «independente», mas incapaz de travar uma luta consequente contra o colonialismo, **Savimbi passa a colaborar com o Exército português e com a PIDE a partir de 1970** (conforme provam as cartas divulhadas pela revista «Afrique-Asie») e dedica-se sobretudo a atacar os guerrilheiros do MPLA no Leste de Angola.

**O 11 de Novembro aproxima-se. A data prevista no Acordo de Alvor para a independência de Angola será o momento de consagrar opções decisivas. A situação tem sofrido alterações profundas e, não obstante essa evolução, as posições políticas dos centros de poder em Portugal continuam a ser hesitantes, indefinidas e mesmo contraditórias. Pelo seu lado, as forças progressistas nacionais e internacionais mantêm-se numa relativa passividade, omitindo a necessária mobilização militante em torno da questão de Angola. Mas não há tempo a perder. Mais do que nunca, nesta etapa final impõe-se uma posição clara e firme. A clareza há-de derivar de uma análise política sobre Angola e as forças que nela se confrontam, da firmeza da posição há-de resultar uma prática consequente.**

## QUEM SÃO OS AMIGOS?

**A medida que a nossa luta avança, a situação política torna-se cada vez mais clara e a posição de todas as forças envolvidas neste processo começa a adquirir uma transparência que nos leva à compreensão perfeita daqueles que são os nossos amigos e daqueles que são os nossos inimigos.**

**A FNLA e a UNITA deixaram tombar as suas máscaras. O Governo Português, que assumiu posições ambíguas e hesitantes face à nossa luta contra o imperialismo, mostra hoje abertamente a sua incapacidade de analisar com objectividade o processo político angolano e mesmo a dinâmica do processo português.** (de um comunicado do MPLA)

## CARACTERIZAÇÃO DAS FORÇAS EM PRESENÇA

A recordação das origens e da prática dos três «movimentos» é fundamental para a sua compreensão na actualidade. A breve recapitulação que fizemos permite-nos concluir:

— tanto a FNLA como a UNITA são movimentos de natureza marcadamente tribal e regionalista; **pelo contrário, o MPLA é o único a ter uma implantação e um projecto verdadeiramente nacionais;**

— a FNLA é um movimento com uma prática claramente racista e «antibranco»; pelo seu lado, a UNITA foi colaboracionista e aliou-se à opressão colonial contra os próprios combatentes angolanos; **só o MPLA foi capaz de definir correctamente o inimigo principal, lutando sem equívocos contra o colonialismo português;**

— a FNLA e a UNITA são dois instrumentos do imperialismo na sua tentativa de prolongar sob novas formas a dominação sobre o povo angolano. Os três movimentos apresentam assim características diferentes — a FNLA com uma ideologia e uma prática de tipo fascista ou nazi, a UNITA com uma aparência de «moderação» mais de tipo social-democrata — representando as duas faces da ingerência imperialista: a FNLA financiada pelos americanos através do Zaire, a UNITA predominantemente apadrinhada pelo capitalismo europeu; em contrapartida, **o MPLA define na fase actual o imperialismo como seu inimigo directo;**

— a FNLA apoia-se num exército de mercenários, enquadrado por instrutores estrangeiros, de tal modo que é impossível saber onde começa e onde acaba o exército de Mobutu e o ELNA (braço armado da FNLA); a UNITA apoia-se num exército de raiz claramente tribal, onde não escasseiam também os mercenários; **só o MPLA mantém em armas um exército verdadeiramente nacional e popular.**

Entretanto, a prática recente dos três movimentos manifesta o seguinte: os métodos da FNLA são opressores, corruptos e corruptores, confiando na prepotência, no armamento, no dinheiro, na publicidade; os métodos da UNITA baseiam-se na cómoda indefinição ideológica, salpicada de aparências progressistas, na demagogia, no aliciamento dos colonos reaccionários e finalmente na aliança com a FNLA contra o MPLA; **os métodos do MPLA fundam-se na formação ideológica, na motivação política, na adesão das massas, na mobilização popular.**

Esta caracterização sumária do passado e do presente do MPLA, da FNLA e da UNITA, conduz-nos a uma conclusão lógica: **o MPLA é o único que tem legitimidade para ser reconhecido como movimento de libertação.** Só ele ultrapassa os horizontes do tribalismo, do regionalismo, lutando à escala do país inteiro; o MPLA nunca foi racista, antes sempre incluiu brancos e mestiços nas suas fileiras; nunca foi colaboracionista, mas sempre lutou consequentemente contra o colonialismo português; só ele defende um projecto político que não aliena os interesses do povo angolano aos de potências estrangeiras, mantendo uma firme posição de não-alinhamento e de independência nacional; só o MPLA foi desde o início reconhecido pelos outros movimentos de libertação das colónias portuguesas, a FRELIMO, o PAIGC e o MLSTP, bem como pelas forças anticoloniais consequentes, em Portugal e noutros países; numa palavra, só o MPLA desenvolveu uma verdadeira luta de libertação nacional, na sua qualidade de única vanguarda revolucionária do povo angolano contra o colonialismo, e neocolonialismo e o imperialismo.

## A EVOLUÇÃO RECENTE

**Sendo assim, a evolução lógica da descolonização portuguesa teria sido o reconhecimento do MPLA como o único e legítimo representante do povo angolano, com o qual se deveriam negociar as modalidades da transferência da soberania, à semelhança do que aconteceu nas outras colónias.** Mas duas ordens de factores explicam que a evolução tenha sido diferente:

— por um lado, Angola era uma colónia de forte povoamento branco e o seu riquíssimo território tinha atraído os investimentos da burguesia portuguesa e das pppotências capitalistas que dominavam todos os grandes circuitos económicos; por isso Angola tinha condições objectivas para constituir um grande campo de manobra para os interesses neocoloniais; acresce ainda o facto de a evolução portuguesa a caminho do socialismo levar a grande burguesia nacional a jogar tudo em Angola, seja re-

cuperando ali o que perdia em Portugal, seja utilizando Angola como trunfo para dificultar ou impedir a construção do socialismo em Portugal, uma vez já perdidas irremediavelmente as posições que tinha em Moçambique, Guiné, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

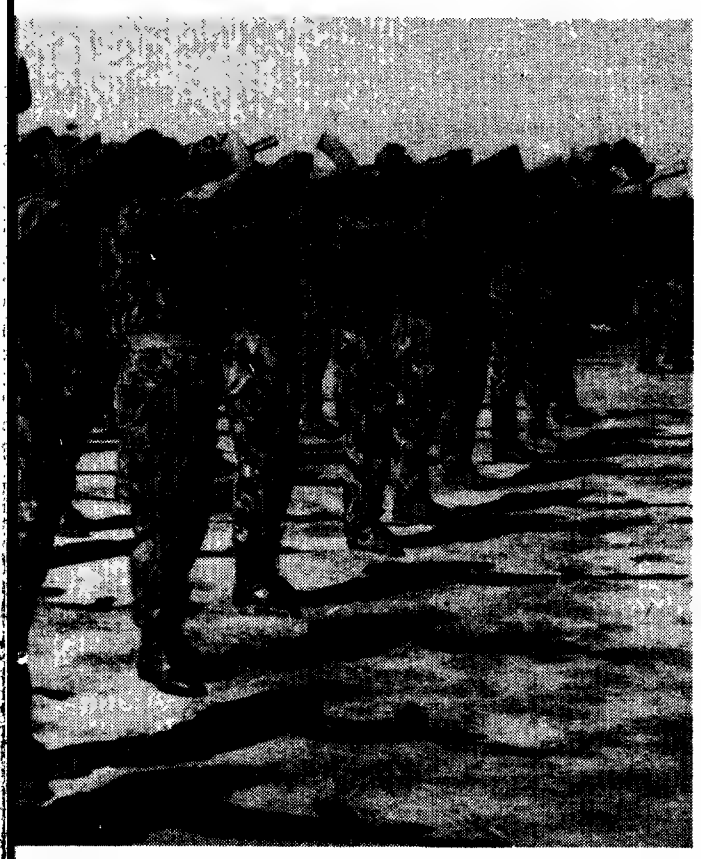
— Por outro lado, o 25 de Abril surpreende o MPLA numa situação de relativa fraqueza: pouco antes tinha sido descoberta uma grave conspiração contra os seus dirigentes, enquanto agentes do colonialismo se infiltravam nas suas fileiras. O caso mais conhecido é o de Chipenda que provocou uma cisão no movimento (Revolta do Leste) e acabou por ir parar à FNLA de Holden Roberto. De resto, a táctica de provocar os divisionismos é habitual por parte dos exploradores e dominadores dos povos — em Angola proliferam grupos fantoches que reclamavam a qualidade de partidos políticos e constituiu-se a FLEC (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda) que ainda há pouco proclamou solenemente a «independência» daquele território...

A conjugação destes factores proporcionou graves dificuldades nesta fase do processo de independência de Angola. As manobras imperialistas multiplicaram-se, encontrando o seu ponto máximo na reunião de Spínola com Mobutu na ilha do Sal. As ambiguidades do próprio processo português permitiram levar adiante toda uma política cujo fim principal era a marginalização do MPLA e a consolidação do poder neocolonial: a PIDE/DGS nunca foi desmantelada, não houve qualquer saneamento nos quadros militares, apadrinharam-se todos os grupos fantoches (Spínola chegou a recebê-los em Lisboa, em Setembro de 74). E mesmo depois da queda de Spínola os centros de decisão político-militar em Portugal e em Angola continuaram a revelar passividade ou conivência perante a estratégia do imperialismo para Angola.

Assim se chegou ao Acordo do Alvor em Janeiro de 1975. Considerado na altura como o acordo possível e realista face às forças em presença, logo após se revelou como compromisso impossível, a tentação de conciliar o inconciliável. O Governo de Transição mal conseguiu funcionar, o Exército Nacional nunca chegou a ser criado. Mas sobretudo a prática foi demonstrando que a vantagem ficava sempre para quem violava os Acordos. A FNLA, que havia entrado em Luanda com grande ostentação de meios bélicos e financeiros ao serviço de métodos nazis, multiplicava as provocações e enveredou claramente, a partir de Março, por uma política agressiva. As sucessivas guerras de Luanda mais não foram do que uma série de agressões violentíssimas por parte da FNLA, massacrando população civil, provocando muitos milhares de vítimas, torturando selvaticamente patriotas angolanos.

Entretanto a UNITA mantinha o seu habitual oportunismo, procurando disfarçar a sua aliança com a FNLA, na expectativa de se poder atrelar ao vencedor.

Ao longo de todos estes acontecimentos, no Exército português estacionado em Angola reflectiam-se todas as ambiguidades, hesitações e contradições do poder político-militar de Lisboa. Sem motivação para o combate, sem direcção política firme, as Forças Armadas Portuguesas nem sequer conseguiram obstar às mais descaradas interferências estrangeiras em Angola: a permanente violação da fronteira com o Zaire e a intervenção das tropas sul-africanas na região do Cunene.



## A CONJUNTURA ACTUAL

**A actual situação em Angola caracteriza-se pelo desenrolar da poderosa contra-ofensiva popular dirigida pelo MPLA.** Perante as constantes violações dos Acordos praticadas impunemente pelos outros movimentos, perante a total inoperância do Governo de Transição e da Comissão Nacional de Defesa, a vida em Luanda tornava-se insustentável. Poucos dias depois do encontro de Nakuru no Quénia, o ELNA desencadeou uma nova acção de guerra contra as sedes do MPLA e da UNTA (União Nacional dos Trabalhadores de Angola) e contra bairros densamente povoados: os musseques Cazenga, Golfe, Sambizanga e Rangel. O povo de Luanda não podia suportar mais. Em cinco dias, entre 9 e 14 de Julho de 1975, libertou a cidade dos invasores. Iniciou-se então uma nova vida, heróica e decisiva fase da luta de libertação nacional que alastrou por todo o território ao ponto de o MPLA garantir neste momento o controlo de 12 das 16 províncias de Angola. A FNLA está acantonada nos dois distritos do Norte — Uíge e Zaire — e a UNITA está circunscrita aos distritos do Huambo e Bié, sendo ambos os exércitos abastecidos pelo Zaire de Mobutu por via terrestre e aérea.

A importância destes factos justifica uma análise pormenorizada que leve a aprofundar a sua compreensão. Para maior clareza, podemos distinguir os seguintes aspectos:

— **o que se passa em Angola não é uma guerra civil** no sentido habitual deste termo, nem sequer o combate pode ser interpretado apenas como um conflito entre movimentos rivais que, tendo ideologias diferentes, lutam pelo poder; o que na verdade se passa é que **está em curso uma resistência popular generalizada**. As potências imperialistas e os seus lacaios, ao contrário do Vietname onde empenharam directamente os seus exércitos, não querem correr em Angola o risco de uma nova derrota directa e humilhante, e por isso recrutam mercenários, exploram tribalismos, corrompem traidores para atingir os seus fins;

— o caminho vitorioso dessa resistência generalizada só se explica porque **o MPLA está com o povo e o povo adere ao MPLA**; o desenrolar dos acontecimentos comprova toda a diferença que existe entre um exército mercenário e um **exército popular**; o povo angolano e as FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola — exército do MPLA) conduzem a uta em duas frentes, combatendo com uma surpreendente determinação, própria de quem possui convicções políticas firmes;

— Tudo isto, por sua vez, tem explicação no facto de o MPLA estar radicado na grande corrente do **poder popular.** É de recordar que ainda antes da entrada da delegação do MPLA em Luanda, já o povo da cidade se tinha organizado autonomamente em Comissões de Bairro destinadas a estruturar a vida colectiva e a garantir a autodefesa das populações. O MPLA é assim levado na crista da onda do próprio movimento popular angolano, do qual ele é a vanguarda com o seu papel de direcção política;

— A presente realidade de Angola manifesta ainda a profunda diferença entre as **zonas já libertadas** e as **ainda ocupadas** pelos exércitos da FNLA e da UNITA: enquanto nestas últimas se passa por uma fase de destruição e de pilhagens, nas regiões controladas pelo MPLA está-se em plena fase de **reconstrução nacional** — finalmente o Governo central funciona, a economia relança-se, a produção intensifica-se em geral criam-se condições de estabilidade social.

## A ACÇÃO QUE SE IMPÕE

O conjunto dos dados anteriormente referidos apontam as coordenadas fundamentais para uma análise política da situação angolana. A partir dessa análise será possível e necessário definir as directrizes para a acção. Também aqui podemos distinguir entre as responsabilidades que recaem sobre o poder político-militar em Portugal e sobre as forças progressistas nacionais e internacionais.

## O PODER POLÍTICO-MILITAR EM PORTUGAL

Muitas vezes tem sido dito que o 25 de Abril tem a descolonização como primeiro objectivo. Mas não é demais lembrar que no mesmo 25 de Abril, a par de alguns oficiais progressistas, as forças dominantes tinham um projecto que era de democracia burguesa e liberal para Portugal e de neocolonialismo para os territórios africanos. Ao longo de uma crescente clarificação, para a qual contribui a força vitoriosa dos movimentos de libertação, foi possível transferir a soberania das colónias para aqueles movimentos, ao mesmo tempo que se foi definindo internamente um projecto revolucionário. Não há dúvida de que andaram a par os avanços e os recuos da revolução e da descolonização. São os mesmos os inimigos dos povos português e africanos, as conspirações cá e lá foram sempre simultâneas, e estão aliados aqueles que, em Portugal ou em Angola, combatem o Poder Popular.

Entretanto, **ao nível político-militar mantêm-se as indecisões e as contradições, correndo-se até o risco de um retrocesso no processo revolucionário. Mas numa actuação consequente com o processo de descolonização iniciado pelo 25 de Abril, as instancias do poder deveriam clarificar a sua estratégia de intervenção quanto a Angola de acordo com os seguintes critérios:**

— Considerando a situação global que foi criada, o Governo português teria de reafirmar o princípio da **neutralidade activa,** explicitando o seu sentido, por forma a impedir qualquer ambiguidade: será «neutralidade» na medida em que só ao povo angolano compete, em última análise, decidir o seu destino; mas terá de ser uma neutralidade «activa» na medida em que Portugal, até 11 de Novembro, terá a responsabilidade de garantir a **integridade territorial de Angola, a estabilidade político-social e a transferência de soberania para um poder que esteja verdadeiramente ao serviço do povo angolano,** e que o defenda de tentativas neocoloniais;

— O Governo português teria de impedir energicamente qualquer **ingerência estrangeira** em Angola, quer opondo-se às infiltrações de fronteiras, quer actuando pelas vias diplomáticas impedindo pressões e chantagens (chantagens essas aliás que dizem respeito também a Portugal, como foi o caso da influência americana a propósito dos retornados: o governo americano condicionou o seu auxílio à nossa «evolução» política);

— O Governo português teria de evitar por todos os meios a **internacionalização do conflito,** recusando-se nomeadamente a consentir que a questão de Angola seja transferida para a ONU ou para a OUA, o que significaria fatalmente subordinar os interesses angolanos ao jogo das grandes potências imperialistas, tal como aconteceu no ex-Congo belga e também dos Globos Mundiais.

— O Governo português, para bem de Angola e de Portugal, teria de **desencorajar o regresso maciço dos portugueses** residentes em Angola, através de uma campanha de explicação acerca do presente e do futuro daquele grande país, onde se constrói uma sociedade sem racismos mas também sem privilegiados; tudo isto, evidentemente, sem impedir o retorno dos que justificadamente o desejem, antes integrando-os na reconstrução do nosso país;

— Finalmente, **o Governo português teria de iniciar uma estratégia diplomática no sentido de preparar a transferência de poderes, em 11 de Novembro, para o MPLA, com base nos seguintes motivos:** só ele tem legitimidade para representar o povo angolano no seu conjunto, como o demonstram o seu passado de luta, a implantação territorial e o apoio popular; é ele que detém de facto o poder ao nível do Governo central, da capital do país e do conjunto do território; é ele que finalmente tem capacidade para dirigir o processo de unificação, de pacificação e de reconstrução nacional. As outras organizações, que a correlação de forças interna e externa levou a que fossem reconhecidas como movimentos de libertação no Alvor, não confirmaram na sua prática subsequente essa legitimação, poiś não preenchem neste momento qualquer dos requisitos acima apontados em relação ao MPLA.

## LEVAR A BOM TERMO...

**Levar a bom termo o processo de descolonização não é criar condições para que o neocolonialismo se instale em Angola, permitindo a ingerência do Zaire e da República da África do Sul nos assuntos internos do nosso país, favorecendo o desenvolvimento de forças reaccionárias pseudo-nacionalistas.**

**Levar a bom termo o processo de descolonização é respeitar o direito do povo angolano a traçar o seu próprio destino e garantir que será o povo a controlar as riquezas do seu país, organizando-se livremente a fim de melhor lutar contra a dependência e a exploração.**

**Contribuir para a paz mundial é respeitar o direito dos povos a disporem deles mesmos e a escolherem o caminho a seguir na construção de uma sociedade na qual não exista a exploração do homem pelo homem.** (de um comunicado do MPLA).

## AS FORÇAS PROGRESSISTAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Para que os objectivos anteriormente enunciados sejam conseguidos, **é indispensável uma acção conjunta das forças progressistas nacionais e internacionais.** Não é só o povo angolano que está em causa, é também a luta de libertação dos povos da África Austral, é a revolução africana, é a luta anti-imperialista à escala mundial. E para os portugueses, para a classe operária e para as massas trabalhadoras, também está em causa a sua revolução e o futuro das relações entre o nosso povo e o povo de Angola liderado pelo MPLA.

A solidariedade militar exige-nos actuação firme e combativa.

**Se Portugal não será o Chile da Europa**
**Angola também não será um novo Congo na África**
**MPLA — A Vitória É Certa**
**11 de Novembro — O POVO NO PODER**

# Estrangeiro

## Trinta anos de combate pela unidade dos trabalhadores

No final dos trabalhos do Conselho Geral da Federação Sindical Mundial, esta central que agrupa cerca de 160 milhões de aderentes lançou um apelo às outras centrais sindicais no sentido de realizarem acções convergentes ou mesmo unitárias. A jornada antifranquista do 2 de Outubro, acção sindical mundial de protesto contra a execução de cinco patriotas espanhóis, e na qual colaboraram as três grandes centrais sindicais existentes no Mundo (F.S.M., C.I.S.L. e C.M.T.), foi apontada como exemplo da capacidade de acção comum de todos os sindicatos mundiais em torno de um objectivo de luta. A luta pelas liberdades sindicais e democráticas, o auxílio aos países em vias de desenvolvimento, o combate às multinacionais eis alguns dos importantes objectivos que a F.S.M. indicou como susceptíveis de congregarem todas as centrais em acções unitárias.

Fazendo este apelo, a F.S.M. que este mês comemora o 30.º aniversário da sua existência mais não faz que corresponder à vocação unitária, que, desde a sua fundação, tem sido o seu traço característico.

Na verdade, a fundação da F.S.M. marcou uma viragem determinante na evolução do movimento sindical mundial.

Largamente aberta a todos, verdadeiramente unitária, agrupando no seu seio os trabalhadores, a partir não das suas cincepções ou da sua pertença a este ou aquela corrente do movimento operário, mas sim dos seus interesses de classe, independentemente de quaisquer outras considerações, a F.S.M. distinguia-se de todas as anteriores organizações suas congéneres.

Assim se explica que nas suas fileiras se agrupem sindicatos cujas ideias, estruturas organizativas e métodos de trabalho diferem, que encaminham as suas actividades em diferentes condições, mas que as unem em torno da solidariedade operária internacional, do internacionalismo proletário, da comunidade de interesses dos trabalhadores face à exploração, à dominação e à opressão capitalistas.

### LUTA PELA UNIDADE

Os 30 anos de vida da F.S.M. têm sido assinalados pela luta em prol da unidade do movimento sindical internacional, da defesa dos interesses económicos, sociais e políticos dos trabalhadores, da paz, da democracia e do progresso social. Isso explica o prestígio da F.S.M., que se afirmou como a maior e mais vasta organização sindical mundial, e se tornou o grande centro de aliança das forças progressistas do movimento sindical internacional.

Enquanto no seu congresso constitutivo de Viena em 1945, participaram representantes de 64 milhões de trabalhadores, de 56 países, hoje número dos seus filiados aproxima-se dos 160 milhões, agrupados em 70 organizações de 65 países e quatro continentes.

No seu último congresso o VIII em Varna, em Outubro de 1973, participaram delegados de 170 organizações representando de 210 milhões de trabalhadores do Mundo inteiro.

Neste congresso determinou-se uma linha de acção prática que permitiu, por um lado, formular com a maior clareza os objectivos fundamentais dos trabalhadores, é, por outro lado, uni-los na sua luta pela realização do programa traçado.

As tarefas dos sindicatos no mundo de hoje consistirão em assegurar às largas massas trabalhadoras melhores condições de vida e trabalho, um nivel superior de organização, direitos económicos, sociais, sindicais e culturais cada vez mais alargados, ao mesmo tempo que em todos os países capitalistas a dominação política e económica dos círculos privilegiados, dos grandes monopólios e das sociedades multinacionais da oligarquia financeira não conseguiram dar uma resposta válida a nenhum dos grandes problemas da nossa época.

### UNIDADE E PLURALISMO

Foi em 1945, no imediato após-guerra que se constituiu a F. S. M. O periodo imediatamente anterior à Segunda Guerra caracterizava-se, no dominio sindical, por uma forte corrente favorável à unidade. A crise capitalista dos Anos 30, a ascensão do fascismo e os perigos da guerra cada vez mais prementes, colocávam, com extrema urgência, a classe operária antevê a necessidade de cerrar fileiras e de reforçar a unidade sindical, tanto no plano nacional como no internacional. O pluralismo sindical então existente e fortemente influenciado por correntes políticas bem definidas não correspondia às necessidades da classe operária. Só durante a guerra se criaram as condições para um vasto agrupamento dos trabalhadores de todos os países.

Os sindicatos britânicos e soviéticos encetaram diligências a favor da unidade sindical, em 1941. Multiplicaram-se os contactos e negociações. Em Novembro de 1944, um comité sindical franco-britânico (TUC-GGT) reunia-se em Paris, com vista à preparação de uma conferência sindical mundial. Outras reuniões do TUC britânico e da CIO dos E. U. A. tiveram lugar em Londres e Moscovo, organizadas com a participação dos sindicatos soviéticos pelo comité sindical franco-soviético. Todas estas iniciativas levaram à realização da conferência de Londres (de 6 a 17 de Fevereiro de 1949), onde estiveram representados 50 milhões de trabalhadores de 35 países.

A despeito das divergências de princípios e das diversas opiniões políticas, os seus representantes encontraram sempre uma solução negociada e aceitável para ultrapassar todos os obstáculos.

Em Setembro de 1945, reunia nova conferência em Paris com a participação de 272 delegados, representando 64 milhões de trabalhadores de 56 países. No dia 3 de Outubro, a conferência convertia-se em primeiro congresso sindical mundial, decidindo-se a criação de uma larga organização sindical, aberta a todos, verdadeiramente unitária, democrática e de massas: nascia assim a Federação Sindical Mundial.

Os estatutos da F. S. M., aprovados no Congresso constitutivo, e que continuam a reger a vida interna da Federação garantem-lhe um funcionamento largamente democrático e a sua ampla abertura ao exterior. Pronunciando-se por uma concepção do sindicalismo baseado na luta de classes, a F. S. M. definiu-se desde logo como uma organização de massas e de classe, democrática e unitária.

### A CISÃO

Em 1949 este processo unitário sofria um grave golpe, com a cisão verificada no seio da F. S. M., pela retirada dos representantes da CIO americana e dos sindicatos britânicos, manobra concertada que se integrava na política divisionista no seio do movimento sindical mundial e que foi directamente conduzida pela federação norte-americana A. F. L.

Pensavam alguns que isto seria um golpe mortal na F. S. M. Mas tal não aconteceu. Apesar da constituição da C. I. S. L. (Central Internacional de Sindicatos Livres), fundada em Bruxelas em Dezembro de 1949, por directa intervenção americana, a F. S. M. continuou a sua marcha, fiel aos mesmos princípios de sempre.

A luta, que durante os trinta anos da sua existência tem vindo a ser travada pela F. S. M. em prol da unidade de todos os trabalhadores do mundo, é aprovada por camadas cada vez mais vastas em número crescente de países. A estratégica capitalista assume dimensões internacionais: através das multinacionais, verdadeiras pontas de lança de subjugação imperialista, o capitalismo galga fronteiras. A esta estratégia terá de responder uma estratégia sem fronteiras das massas trabalhadoras.

Unindo-se em torno de objectivos comuns, os trabalhadores de todo o mundo terão de se organizar unitariamente para responderem à ofensiva unitária do capital.

## SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

### CONVOCAÇÃO

**AOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DA INDÚSTRIA METALÚRGICA**

Convocam-se os trabalhadores de escritório do sector metalúrgico para uma assembleia geral do sector, com a seguinte ordem de trabalhos :

PONTO ÚNICO : **VERTICALIZAÇÃO.** de escritório no Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal.

A Assembleia funcionará no dia 29 de Outubro de 1975, das 17.30 horas às 20.30 horas, nos seguintes locais :

SETÚBAL : Na Sede do Sindicato. Av.ª 5 de Outubro, 87-1.º.
— SETENAVE
— ENTREPOSTO INDUSTRIAL DE AUTOMÓVEIS

ALMADA : Na Delegação do Sindicato. R. D. Francisco Xaviar de Noronha, n.º 5, r/c., Dt.º
— LISNAVE, Estaleiros Navais de Lisboa, SARL.
— GASLIMPO, Soc. Desgasificação de Navios.
— TMX (Portugal), Ltd.

BARREIRO : Instalações dos Sindicatos no Barreiro, R. Miguel Pais, 35-A.
— EQUIMETAL

SANTIAGO DE CACÉM : Soc. Harmonia.
SIDERURGIA NACIONAL

Setúbal, 13 de Outubro de 1975.

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

## INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ÉVORA

### INSCRIÇÕES

No período que decorre de 10 a 25 do presente mês de Outubro encontram-se abertas as inscrições para o acesso aos cursos que vão ser professados neste Intituto, cursos universitários formalmente homologados por despacho ministerial de 06. Out. 75:

**Bacharelato em Extensão Rural**
**Bacharelato em Produção Animal**
**Bacherelato em Planeamento Biofísico.**

Funcionarão também durante o ano académico de 1975/76 cursos técnicos, não necessariamente de nível superior, sobre Tecnologia de Materiais (materiais naturais) alguns dos quais poderão ter carácter propedêutico em relação ao bacharelato neste curso, cuja abertura será oportunamente anunciada.

Atendendo à exigência de salvaguardar a qualidade mínima do ensino, considerando ainda as previsões das necessidades em pessoal qualificado e a capacidade física e pedagógica da instituição, o acesso será limitado a 160 alunos pelo que os candidatos serão eventualmente sujeitos a testes simples, avaliadores de capacidade e motivação o que, conjugado com a proveniência social (visando o recrutamento de estudantes oriundos de famílias mais desfavorecidas) e geográfica dos candidatos, servirá para os graduar face às vagas disponíveis.

De acordo com o que está determinado superiormente, só poderão ser aceites inscrições de alunos que tenham adquirido as condições de acesso ao ensino superior até o ano escolar de 1973/74( inclusive). Poderão também candidatar-se estudantes já inscritos no 1.º ano doutras universidades, sem prejuízo dos respectivos direitos de admissão adquiridos.

Para os bacharelatos cujo ensino é agora iniciado, os candidatos devem possuir cursos complementares de ensino secundário que incluam as disciplinas de Matemática, Ciências Naturais e Físico-Químicas, sendo consideradas nucleares as duas primeiras.

As inscrições fazem-se nos Servicos Académicos, instalados provisoriamente no edifício da administracão do I. U. E., na Av. Barahona, n.º 1, nas horas normais de expediente, em impressos que serão fornecidos no local.

Quaisquer informações complementares poderão ser obtidas pelo telefone 25033.

## EPAL
## EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

### SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Avisamos os Senhores Obrigacionistas que no próximo dia 14, pelas 15 horas, proceder-se-á no Serviço de Títulos desta Empresa, Rua das Flores, 105, 1.º, ao sorteio de obrigações de 6 % - Emissão 1969/70, sendo sorteadas 2300 obrigações da 1.ª Fase (175 títulos de uma obrigação, 119 de cinco obrigações, 131 de dez obrigações e 11 de vinte obrigações) e 2233 obrigações da 2.ª Fase (133 títulos de uma obrigação, 94 de cinco obrigações, 159 de dez obrigações e 2 de vinte obrigações), que serão amortizadas pelo seu valor nominal a partir de 15 de Novembro de 1975, conforme o respectivo plano de amortização.

Lisboa, 9 de Outubro de 1975

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS AGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização
**Eng.º João Bau**


## À CLASSE MÉDICA

**Somos especializados em BATAS profissionais**
**TINTURARIA GUANABARA**
**DEPART. DE CONFECÇÕES**
**Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA**

**Aumente as suas vendas**
**Distribua...**
**BALÕES PUBLICITÁRIOS**
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779
Telef. 65370 — PORTO

**BROTHER**
**MÁQUINAS DE TRICOTAR**

uma sensacional criação japonesa. A máquina que tem recursos para a ajudar a ganhar dinheiro. Peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

**ELECTRIPORTO**
Rua Rodrigues Sampaio, 193
Telefone, 20238 — PORTO
Em Lisboa:
R. dos Anjos, 21-A—Tel. 532251

Consulte o Agente da sua localidade. Se não o encontrar, escreva-nos.

# Estrangeiro

# EMBAIXADORES ESTÃO A VOLTAR À CAPITAL ESPANHOLA

LONDRES, 13 — (A. N. O. P. e R.) — Embaixadores retirados de Madrid por diversos países europeus num acesso de cólera pela execução de cinco antifascistas espanhóis e bascos estão a regressar à capital espanhola para reocupar os seus postos.

No entanto, a oposição ao regime de Franco continua em ebulição no continente europeu.

O Mercado Comum Europeu pôs termo às negociações relativas a um tratado comercial com a Espanha no seguimento da revolta contra as execuções, deixando contudo, cuidadosamente, o caminho aberto a um recomeço em breve das negociações.

Às manifestações populares contra Franco, que atingiram o auge por ocasião das execuções, prosseguem também, quer patrocinados por exilados espanhóis quer por grupos de esquerda, enquanto ocorrem atentados contra instalações e funcionários espanhóis.

Diversos acontecimentos desportivos envolvendo espanhóis foram também alvo da reacção às execuções.

O jogo de futebol Barcelona-Lazio, marcado para 22 de Outubro, foi cancelado, enquanto 12 dos 16 jogadores da selecção dinamarquesa se recusaram a viajar até Barcelona para jogar ontem com a Espanha.

Dos nove países do Mercado Comum a França e a Irlanda foram os únicos a não chamar os seus embaixadores, embora o primeiro se encontrasse ausente de Madrid, em férias.

O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Jean Sauvagnargues, afirmou entretanto na reunião da CEE efectuada no início da semana passada, no Luxemburgo, que o seu país era da opinião que a campanha de protestos contra Madrid fora demasiado longe.

Mais tarde, em Paris, falando à Imprensa estrangeira, Sauvagnargues declarou considerar a chamada de embaixadores «uma medida puramente demagógica».

Alguns Ministérios europeus dos Negócios Estrangeiros crêem também que uma condenação demasiado forte do regime de Madrid poderia arrastar o povo espanhol para os braços da extrema-direita, auxiliando-a a manter o poder mesmo depois do afastamento de Franco.

Dos 14 embaixadores chamados após as execuções de 27 de Setembro, quase todos regressaram já aos seus postos.

É impossível dizer se aí permanecerão caso haja mais execuções.

Isso talvez dependa do clima em que se encontre na ocasião a opinião pública.

### ELEMENTOS DA E. T. A. FORAM LIBERTADOS

Entretanto, segundo revela o jornal madrileno «ABC», 12 elementos da E.T.A., a Organização Nacionalista Basca, foram postos em liberdade sob fiança e mais quatro vão ser julgados por tribunais militares.

O diário monárquico diz que um dos membros da E. T. A. preso em Setembro, é José Ignácio Mugica Arregui, de 30 anos, que se afirma ser um dos principais elementos daquele Movimento Nacionalista procurados em ligação com o assassínio em 1973, do primeiro-ministro Luis Carrero Blanco.

Na sexta-feira, fontes judiciais disseram que 16 membros da E. T. A. seriam julgados pelo Tribunal Civil da Ordem Pública, mas que Mugica Arregui responderia perante um tribunal marcial.

Essa afirmação estava em desacordo com a notícia de hoje do «ABC», que diz que Mugica Arregui e mais três bascos seriam julgados por tribunais militares. Enquanto os outros 12 membros da E. T. A. seriam soltos sob fiança e julgados depois pelo Tribunal da Ordem Pública.

## PARTIDOS SAARIANOS CHEGAM A ACORDO

EL AAIUN, 13 — (A. N. O. P.) — «Chegamos a acordo com o Polisario, no que respeita ao futuro do território como nação independente» — anunciou um informador do Partido Saariano Puns.

A decisão foi conseguida após a primeira reunião dos dirigentes dos dois partidos do Saara Ocidental, realizada junto à fronteira mauritana.

Muito embora os dois dirigentes, Duho Sidna (Puns) e Lyluj (Polisário) não tenham fixado uma data para novos encontros, crê-se que estes terão lugar brevemente.

A respeito do ideário político do seu partido com vista à independência do território, reivindicado com especiaal enfase por Marrcos e pela Mauritânia, Duhe Sidua acentuou não existir ainda um programa político específico para tal eventualidade.

# SOMBRA SOBRE O DIÁLOGO ACERCA DE ENERGIA

PARIS, 13 — (R.) — O pedido britânico para ter um lugar separado numa projectada conferência mundial de energia em Dezembro lançou uma sombra sobre o reiniciado diálogo de hoje entre os principais consumidores e produtores de petróleo.

Os dez participantes nas conversações de hoje, destinadas a organizar a conferência, tinham esperanças de alcançar êxito até à declaração feita na semana passada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, James Callaghan.

A iniciativa britânica, destruindo uma cuidadosamente organizada frente do Mercado Comum para a conferência, tem sido criticada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Jean Sauvagnargues.

A Grã-Bretanha crê que os seus interesses divergem dos seus oito parceiros do Mercado Comum em várias áreas importantes a abordar pelas conversações entre produtores e consumidores, enquanto o seu petróleo do mar do Norte faz dela um importante produtor potencial.

A Grã-Bretanha deseja também ter um lugar próprio como importante mercado de artigos do Oeste e principal centro financeiro da Europa.

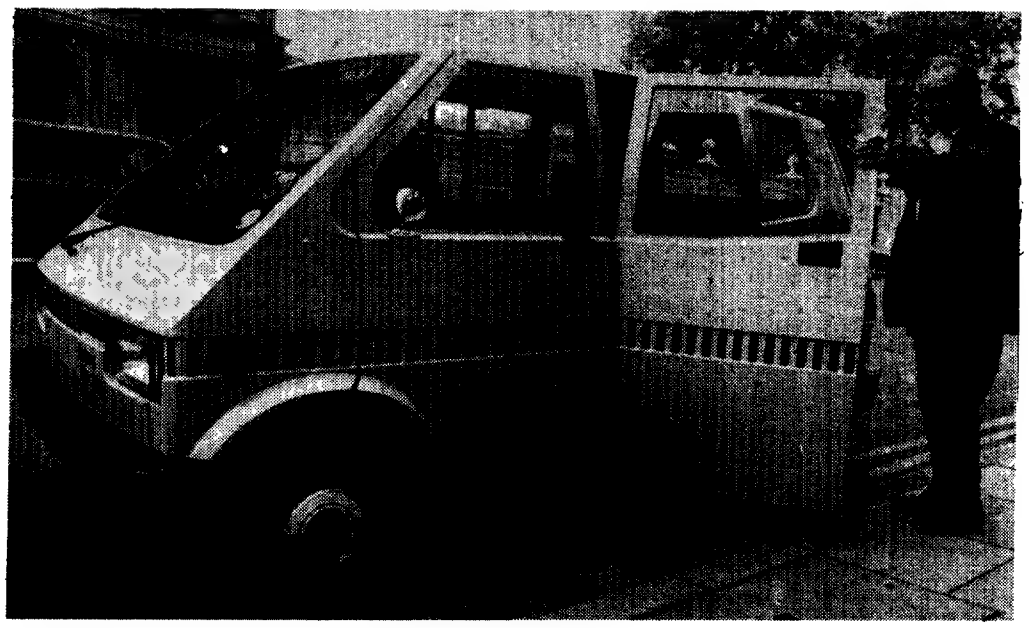
A primeira reunião entre consumidores e produtores em Abril passado terminou num impasse quando os Estados Unidos exigiram que as conversações se limitassem a problemas de energia, enquanto o Terceiro Mundo queria que as mesmas envolvessem também as matérias-primas e os problemas do desenvolvimento.

Mas as posições deixaram de ser totalmente antagónicas e a segunda reunião será convidada a apoiar propostas apresentadas pelo secretário de Estado americano Henry Kissinger.

Em Maio, o dr. Kissinger sugeriu que a conferência de Dezembro nomeasse quatro comissões para estudar a energia, as matérias-primas, o desenvolvimento e problemas financeiros relacionados com estes.

Em Abril, os delegados decidiram que a conferência mundial devia ser limitada a 27 participantes, mas isto está agora a ser prejudicado pela posição britânica.

Os delegados de hoje são o Japão, os Estados Unidos e o Mercado Comum pelos países industriais, com a Argélia, o Irão, a Arábia Saudita e a Venezuela pelos produtores, e o Brasil a India e o Zaire pelo Terceiro Mundo.



**Uma empresa britânica construiu dois protótipos de táxi eléctrico, que podem atingir a velocidade de 88 quilómetros por hora e percorrer 160 quilómetros sem recarregar as baterias que alimentam os motores. Produção em série poderá ser tentada se experiências naturalmente em curso derem bons resultados. O novo tipo de táxi foi apresentado num salão automóvel em Londres.**

## DISPUTAS DE TRABALHO NO "DAILY TELEGRAPH"

LONDRES, 13 — (R.) — O «Daily Telegraph» não se publicou hoje em Londres e Manchester devido à acção industrial do pessoal das oficinas, segundo revelou o jornal.

Foi a segunda vez, nos últimos meses, que disputas de trabalho impediram a saída do jornal. Em princípios de Julho, acção industrial por parte de sócios do sindicato nacional dos jornalistas fez com que não se publicassem as edições do periódico em Londres.

O «Daily Telegraph» anunciou em Setembro que teria de reduzir em mais de 45 por cento o seu pessoal, a fim de minorar os grandes prejuízos que a administração espera ter.

## ESCUTA TELEFÓNICA NOS ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON, 13 — (F.P. e ooR.) — A Agência de Segurança Nacional americana registou em 1969 e 1970 as conversas telefónicas dos principais opositores à guerra americana no Vietname, e transmitiu-as às mais altas instâncias do Governo e Exército dos E. U. A. — revela o «Washington Post».

Os telefonemas de Jane Fonda, dr. Benjamin Spock, Abbie Hoffman (dirigente «hippie») e o pacifista David Dillinger foram também registados — esclarece o diário da capital federal, num artigo assinado por Bob Woodward, um dos dois jornalistas do «Post» na origem da divulgação do caso Watergate.

Entretanto, John Connally, secretário do Tesouro no Governo do ex-presidente Nixon, declarou acreditar que o antigo governador da califórnia, Ronald Reagan, desafiará o presidente Gerald Ford para a nomeação pelo Partido Republicano para as eleições presidenciais do próximo ano.

Será uma luta cerrada entre Ford e Reagan — previu Connally.

O antigo governador democrático do Texas afirmou pensar que Reagan decidiu candidatar-se devido à falta de resposta que Ford recebera durante as suas frequentes visitas fora de Washington.

### WALLACE NA EUROPA

LONDRES, 13 — (ANOP) — Chegou hoje a Londres o governador do Alabama, George Wallace, para a sua primeira visita à Europa, que é considerada como um passo importante na sua campanha para a nomeação como candidato democrático às eleições presidenciais em 1976.

Esta tarde, o governador do Alabama avistar-se-á com o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, devendo ter amanhã conversações com a dirigente do Partido Conservador, Margaret Tharcher.

Wallace partirá depois para outras cidades.

# Caleidoscópio

■ ANCARA, 13 — (ANOP) — Os resultados preliminares das eleições parciais turcas, que ontem tiveram lugar, dão uma vantagem confortável ao Partido Republicano do Povo, do dirigente oposicionista Bulent Ecevit, que deu a ordem de invasão de Chipre, relativamente ao Partido da Justiça (conservador), do primeiro-ministro Suleyman Demirel.

A campanha eleitoral foi marcada pela extrema violência, havendo a registar desde Abril 18 mortos e 500 feridos.

■ NOVA YORK, 13 — (R.) — O príncipe Norodom Sihanouk afirma que a capital cambojana, Phnom Penh, não pode suportar mais de meia dúzia de embaixadas estrangeiras porque a cidade carece de alimentos, água e electricidade.

O príncipe também à revista «Time», em entrevista concedida durante a sua recente visita às Nações Unidas que o Camboja não estabelecerá relações diplomáticas com a União Soviética e com a França, antes de dois anos, pelo menos.

■ DUBLIN, 13 — (R.) — O automóvel utilizado para raptar o industrial holandês Tiede Herrema, há dez dias, foi encontrado em Dublin, segundo revelou hoje a Polícia.

A descoberta, após várias semanas de informações acerca de se ter visto os raptores, fortaleceu a opinião da Polícia de que eles e possivelmente o seu refém se encontram ainda na capital da Irlanda.

■ HONG-KONG, 13 — ANOP) — Catorze funcionários chineses partiram hoje de Hong-Kong, para Manila, a fim de aí estabelecer a primeira embaixada da China Popular nas Filipinas.

O grupo é chefiado por Hsiao Teh, conselheiro da embaixada, que actuará como encarregado de negócios até à chegada do embaixador cujo nome não foi ainda anunciado.

As Filipinas estabeleceram relações diplomáticas com a China Popular durante a visita oficial a Pequim do presidente Ferdinando Marcos, em Junho.

■ CAIRO, 13 — (F. P.) — O presidente Egípcio Anwar Sadat confirmou ontem duas das três penas de morte aplicadas contra os principais responsáveis da tentativa de golpe de Estado de Abril de 1974, organizado no colégio militar técnico do Cairo.

Saleh Abdullah Sarrija e Karem Ezzat Alanadoly, os dois principais responsáveis da conjura, viram as respectivas penas de morte confirmadas pelo chefe de Estado, ao passo que o terceiro condenado beneficiou de uma comutação para prisão perpétua.

■ BUENOS AIRES, 13 — (ANOP) — Forças policiais militares argentinas, apoiadas por aviões de reconhecimento, patrulharam ontem a província de Santa Fé em busca de guerrilheiros esquerdistas envolvidos em luta sangrenta numa barragem de uma autoestrada.

No sábado foram mortos cinco rebeldes e um polícia ficou gravemente ferido quando um comboio de viaturas em que seguiam cerca de 40 guerrilheiros abriu fogo sobre uma barreira policial erguida perto de Santa Fé, a 555 quilómetros a Noroeste de Buenos Aires.

[redacted]

PORTO

## MANUEL DO ROSÁRIO DUQUE

AGRADECIMENTO E MISSA

**Sua mulher, filha, genro e demais família, vêm por este ÚNICO MEIO, profundamente reconhecidos, agradecer a todas as pessoas que se dignaram a assistir ao funeral do saudoso extinto, ou de qualquer modo lhes demonstraram provas de muita dedicação e amizade, e, aproveitam também para participar, que se realiza uma missa em sufrágio da sua alma que será celebrada dia 14 de Outubro, pelas 18.30 horas na Igreja do Carvalhido (nova), reiterando os seus agradecimentos, pela assistência a este religioso acto.**

[redacted]

# Espectáculos

## O PARENTE POBRE

«O cinema português continua a ser o parente pobre e tolerado do cinema imperialista que nos alicia com uma imagem tanto mais mistufucadora quanto agradável e fácil de digerir», afirma um comunicado do Centro Português de Cinema, referindo-se à exibição de «Brandos Costumes», de Seixas Santos, no Cinebolso, todos os dias, excepto aos domingos, às... 12 e 30.

«A existência de um cinema português que nos respeite finalmente, depende, agora mais do que nunca, do apoio inteligente e cítico que o público lhe possa dar», diz-se, ainda, no comunicado. E com razão.

## A EMISSORA NA MADEIRA

. Condénando «as violências que constituem a ocupação de um edifício público», a direcção da Emissora Nacional determinou que se procedesse a um inquérito relativamente a possiveis implicações de trabalhadores do Emissor Regional da Madeira nos últimos acontecimentos ocorridos na Madeira e um outro quanto ao conteúdo da programação da estação.

A direcção da E. N. proverá à eleição de cinco trabalhadores responsáveis pela orientação dada à programação local.

## A C.I.A. no Martim Moniz

. Em cena no Teatro Desmontável do Martim Moniz, «A CIA dos Cardeais», concebida e apresentada pelo grupo de teatro «Adóque», continua a merecer do público os aplausos que mereceu, incontestavelmente, da crítica.

Quadros como o de D.Maria, um magnificat «travesti» de Henrique Viana (na foto) justificam esse interresse.

Lembramos os nossos leitores que o «Adóque» é uma cooperativa de teatro, que vive por si, sem ligações de qualquer espécie com t monopólio morgadiano. O que, por si só, seria de louvar. Mas há mais: a qualidade de uma revista classificada pela crítica como a grande inovação neste género de espectáculo, desde o 25 de Abril de 1974.

# A EXCEPÇÃO (BRECHT) E A REGRA (NÓS)

**CARLOS PORTO**

Após a representação do espectáculo com «As Espingardas de Mãe Carran», Werner Hecht teceu no palco, e perante os intérpretes, elogios incondicionais ao espectáculo, afirmando que B. B. teria amado aquela representação. Chamou a atenção para o facto do confronto entre o padre e o combatente republicano provocar por vezes o riso da assistência, o que nunca vira, e que lhe parecia certíssimo. Disse ainda que o intérprete desta última personagem (José) se soubesse alemão poderia ingressar imediatamente no Berliner Ensemble.

O crítico, enfiado na sua cadeira, evocando o que escrevera sobre o espectáculo (e sem razões para arrependimentos embora o espectáculo agora esteja mais liberto, mais comunicativo), o crítico sentiu-se confundido. Ou o nosso visitante estaria a ser demasiado amável ou nós teriamos sido excessivamente exigentes (ou ignorantes). José Gil referiu-se às representações que tinham feito, aos sítios onde foram (fábricas, quartéis), aos 27 mil espectadores que o viram. Inesperadamente, um soldado subiu ao palco e disse, com emoção, que vira o espectáculo pela terceira vez, que o espectáculo era formidável, e que ele nunca usaria a sua arma contra o povo. Nós recordámos, então, o que escrevemos: «o factor primordial que justifica e explica a importância do espectáculo é o factor político. (...) Poderemos dizer que um espectáculo como este não fica na história do teatro mas fica na história do nosso quotidiano, o que neste momento é talvez mais importante». Chegámos, pois, à conclusão de que a «amabilidade do visitante» e a «má-vontade» do crítico não tinham grande importância.

●

Supomos que o «TV-Palco» também não se interessou pela Semana de Bertold Brecht. Só temos que nos congratular com isso: misturar Brecht com «Piscinas» e outras «Lisboa Acordou» teria sido, pelo menos, imoral.

●

. . Pretendeu-se que esta Semana chegasse «às mais amplas camadas populares». No que se refere a Lisboa, não se pode dizer que tal passasse das boas intenções. Se quantitativamente a Semana não foi um falhanço (embora o público não ocorresse como seria de desejar), podemos dizer que as amplas camadas populares», não foram atingidas. Culpa de uma série de factores que nem vale a pena enumerar porque são conhecidos, e culpa da organização que não soube ou não pode fazer um trabalho em profundidade junto das tais camadas populares. Aqui fica a autocrítica.

●

. . Sob o aspecto de contacto do Grupo Novos Horizontes com os trabalhadores, o que de mais importante aconteceu foi, possivelmente, a visita à cooperativa alentejana do Escorial. No colóquio «que se seguiu à palestra proferida por Christian Poepplereiter, na Sociedade Portuguesa de Autores, Manolo Santos perguntou o que fazer para atrair as classes trabalhadoras ao teatro e à música, já que no nosso país, ao contrário da R. D. A., não existia essa tradição. O encenador contou: estivemos hoje na Cooperativa do Escorial onde vimos como era dura o trabalho dos camponeses. O Grupo cantou algumas canções para eles que aderiram sem quaisquer dificuldades. Eles cantaram para nós canções alentejanas e até o nosso guitarrista os acompanhou, embora não as conhecesse.

Temos, pois, de começar pelo princípio; ir até junto das pessoas, e não aguardar que elas venham espontaneamente só porque agora já há liberdade. Aliás, isso é feito na R. D.A. Poeppelreiter citou, como exemplo, o que foi feito em Rostock para a apresentação da Opera de Mozart, numa encenação inconvencional, «A Flauta Mágica». Além de ter havido um trabalho de divulgação da obra junto das fábricas, os trabalhadores assistiram em grupos à preparação do espectáculo e aos ensaios, tendo sido esclarecidos quando à encenação, e tomando desse modo contacto com os aspectos factuais da obra de arte que perdeu o carácter elitista que habitualmente a marca para se apresentar como produção de um grupo de trabalhadores.

●

Subscrevemos inteiramente a crítica feita por Mário Sério, no «República», à exposição sobre B. B. que fez parte da Semana. É verdade: foi um falhanço. Havia necessidade de fazer uma exposição didáctica — como diz o crítico — e isso não foi feito. O material era fraco e insuficiente, e estava mal organizado. Aqui fica, pois, outra autocrítica.

●

Aliás, o próprio crítico explica uma das razões do falhanço (principalmente no que se refere à parte portuguesa): «Nós próprios nos recusámos a enviar para a exposição Brecht, toda uma documentação que possuimos sobre Brecht e a nossa prática teatral brechtiana, como protesto ao espírito de capelinha (igual a partidário) da comissão organizadora da Semana Brecht». («República»-1/10/75).

Aqui está uma verdade que é apenas meia-verdade. Pelos vistos, é esta uma forma de manipular a informação. É certo que Mário Sério se recusou a ceder o seu material para a exposição. Essa é a sua verdade. A verdade total é outra: Mário Sério foi convidado a participar na exposição e aceitou o convite (recordamos que lhe devemos duas experiências brechtianas muito importantes: um quadro do «Terror e Miséria no Terceiro Reich» e «Antígona», feitos, antes do 25 de Abril, no Instituto Superior Técnico).

Para provar que Mário Sério aceitou o convite basta dizer que mandou executar uma série de gravuras do segundo desses espectáculos, e exigiu que fosse feito um seguro do material, exigência que foi naturalmente aceite. A exposição teve que ser adiada e quando chegou a altura de a fazer, a comissão, por nosso intermédio, entrou em contacto com o crítico do «República» que continuou de acordo, tendo-nos telefonado no dia seguinte para então recusar a sua colaboração. Estava no seu direito, claro. Embora essa mudança súbita não deixe de ser suspeita. Simplesmente a razão evocada é que não nos parece correcta: as entidades que tinham feito o convite pela primeira vez mantinham-se. As conotações partidárias eram, pois, as mesmissimas. Aliás, convém esclarecer os nossos leitores que uma das acusações feitas por Mário Sério dizia respeito ao facto de participarem na comissão elementos afectos ao PCP. Pedimos calma ao nosso camarada: por enquanto os comunistas ainda podem participar nestas coisas, embora, pelos vistos, estejam a aproximar-se os tempos em que isso já não seja possível. Lá iremos.

O mais curioso é que o crítico diz que nesta Semana Brecht dois acontecimentos permanecem importantes: a passagem dos filmes «Helen Weigel» e «Mãe Coragem». Ora, este último filme não foi exibido, sendo sido substituído pelo filme de Dudow, com argumento de Brecht, «Kuhle Wampe», filme importantíssimo, com uma marca indiscutivelmente brechtiana, e que por si só valia a Semana.

Quanto ao facto de Mário Sério dizer que «Brecht nunca sofreu de 'partidarite', essa doença infantil dos mediocres» lembramos-lhe o poema, dito por Hans Peter Minetti, «Elogio do Partido». Aliás, as referências que Mário Sério faz das ligações de Brecht com o comunismo e com a R. D. A. não são para tomar a sério. Aliás, o facto de B.B. não ser membro do P.C. constitui um elogio para o regime da R. D. A. que pôs à disposição do artista os meios necessários para fazer uma grande companhia, sem tomar em consideração esse aspecto partidário.

(CONTINUA)

## Filme sobre Jara estreado em Londres

LONDRES — «Compañero», um filme de 55 minutos sobre Victor Jara, o poeta e cantor morto pelos militares chilenos no Estádio Nacional de Santiago, em 15 de Setembro de 1974, foi apresentado à Imprensa no National Film Theatre de Londres.

Assistiu à projecção Johan Jara, viúva do militante defensor do presidente Salvador Allende.

O documento cinematográfico a respeito de Victor Jara, que é dirigido por Martin Smith e produzido por Stanley Forman, é constituído por uma entrevista com Johan sobre a vida do marido e a reconstituição das horas dramáticas do golpe de Estado.

## Concertos na Gulbenkian: de Bartok a Peixinho

. A Orquestra Gulbenkian efectuará um total de treze concertos no Grande Auditório da Fundação e outros locais de Lisboa. Dirigi-la-ão os maestros Fritz Rieger, Charles Dutroit, Silva Pereira, Michel Corboz e Libor Pesek. Entre a série destes concertos destacam-se duas grandes obras do repertório coral-sinfónico (a **Missa em si menor** de J. S. Bach e a **Missa em lá bemol** de Schubert), além de alguns dos mais conhecidos concertos solísticos e sinfonias de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn e Prokofieff.

### CONCERTOS DE MÚSICA DE CÂMARA

Entretanto realizar-se-á uma série de oito concertos de música de câmara, que terá a colaboração de um elenco de reputados solistas e agrupamentos portugueses e estrangeiros: pianistas Yuri Boukov e Paul Badura-Skoda, duo de violoncelos e piano Maria José Falcão-Olga Prats, duo de violino e piano Gerardo Ribeiro-Manuela Gouveia, duo de piano Tania Achot-Sequeira Costa, Quarteto Juilliard, Segreis de Lisboa, Coro Gulbenkian e Grupo de Experimentação Musical da Universidade de Brasília.

Ao longo destas séries de concertos ouvir-se-ão obras de todas as épocas da história da música, desde o Renascimento até aos nossos dias. Assim, por exemplo, está programada a interpretação da Missa «Nunca Fue Peña Mayor» de Francisco Peñalosa (séculostXV-XVI), a par de peças bem representativas do repertório do século XX (como a **Sonata para dois pianos e percussão** de Béla Bartók) e da primeira audição de obras de Luigi Nono e Jorge Peixinho.

Na Fundação Gulbenkian, encontram-se em distribuição programas pormenorizados desta primeira parte da temporada.

Iniciar-se-á hoje a venda de bilhetes avulsos para todos os concertos.

ADÓQUE
grupo de teatro
(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80
HOJE
Às 20.30 e 22.30 horas
Uma barrigada de riso!
A C.I.A. dos CARDEAIS
Um prato de gargalhadas
(Não ac. men. 18 anos)

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

# Televisão

## CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

## OPERAÇÃO REPESCAGEM

**O peso excessivo.**

«O recuo da esquerda proveniente de um excesso de peso que a esquerda teve nos anteriores Governos Provisórios obriga a definir o conceito de disciplina que seja susceptível de representar para a maioria dos militares uma aceitável política de acordo com o avanço da revolução.»

**(Primeiro-Ministro, entrevistado para a Televisão da Alemanha Federal).**

### SOARES TEM INFORMADORES

«Houve aquela noite um pouco escaldante em que eu não estive presente. O Partido Socialista não fez nem provocou, ao contrário do que se pretende insinuar, o alarmismo pelo alarmismo, não criou nenhuma inventona. O Partido Socialista agiu de acordo com as informações, as mais sérias que lhe foram fornecidas justamente na área militar.»

(MÁRIO SOARES)

### «TEMOS DE FAZER UM ESFORÇO»

Eu penso que existe da parte da Comunidade Económica Europeia um efectivo propósito e desejo de ajudar a estabilizar a nossa situação.

«Tem-se dito que nós não precisamos de investimentos, o que precisamos é que nos comprem aquilo que produzimos. É uma maneira de nos auxiliar naturalmente, comprando. Verificamos que oitenta por cento do nosso comércio exterior continua a ser com países da Europa e não com outros. Não vejo que tenhamos tido grandes resultados com outros que não sejam os países europeus. Portanto eu penso que nós temos de fazer um esforço no sentido de conseguir um grande auxílio da Europa, penso que a Europa está em condições de o fazer, mas nós precisamos de trabalhar, nós não vamos viver de investimentos. Os investimentos são uma condição necessária, mas não suficiente, porque o que é necessário é que haja disciplina no trabalho, que haja trabalho e que se organize a produção e não que se desorganize a produção. Nós vemos em muitas áreas, quer industriais, quer agrícolas, que tem havido um esforço de desorganização sistemática da produção.»

(Idem)

### COMO É QUE SE AFERE, COMO É?

Para mim, o socialismo é a igualdade política, a igualdade de possibilidades e a solidariedade social com vista à igualitarização das condições.

«Este é o objectivo da realização, da emancipação do Homem e da extinção da divisão da sociedade em classes. Isto pressupõe a propriedade social dos meios de produção. E neste aspecto, em Portugal, desde o onze de Março, nós demos passos, passos muito acelerados, eu não diria na construção do socialismo, mas na destruição do capitalismo. O capitalismo português encontra-se em acentuada fase de destruição. O que se fez neste domínio, nestes meses, foi muito mais acelerado, suponho, do que aquilo que se fez em igual tempo nos chamados países comunistas da Europa do Leste em igual período de tempo. Portanto, parece-me que quanto à destruição do capitalismo, isto esquece-se por vezes, nós estamos muito adiantados.

«A destruição do capitalismo não é contudo suficiente para assegurar a construção do socialismo. O socialismo pressupõe, na verdade, um controlo do Poder, da cultura, da vida económica, e portanto, naturalmente, também do Estado pelos trabalhadores.

«Mas aqui importa distinguir muito claramente. Dos trabalhadores realmente existentes no País, das pessoas que efectivamente trabalham, ou dos burocratas, do partido único que se arrogam o direito de falar em nome dos trabalhadores? Eu entendo que é dos trabalhadores mesmo, tal como eles são, sem idealizações — e não de vanguardas que pretensamente os representam e que por vezes, efectivamente nem os representam.

«Como é que se afere da representatividade ou não? Quanto a mim, afere-se pela liberdade política, afere-se pela democracia política, afere-se também ao nível de formação do Poder de Estado, pelo sufrágio universal.

«As comissões de moradores, democraticamente eleitas, merecem consideração e têm um papel importante na educação cívica, na resolução dos problemas concretos, por ventura no processo revolucionário. Mas eu pergunto: quantas comissões de moradores há neste País democraticamente eleitas? Que eu saiba, há muito poucas. Há muitas comissões de moradores autodesignadas.»

(Sottomayor Cardia)

### QUAL VIOLÊNCIA?

«E não se diga que o povo são só os que pensam de uma determinada maneira e não os outros — que porventura estão alienados pelo clericalismo ou por outra coisa. O povo tem a consciência que tem. O clericalismo tem força e há outras formas de caciquismo neste País que não o clericalismo. Tem que se atentar no respeito pelas pessoas tal como elas são. O socialismo constrói-se pela persuasão, não se constrói pela opressão nem pela violência. É preciso confiar no povo tal como ele existe. E desprestigiar as eleições políticas não é uma forma de confiar no povo, é sim uma forma de desconfiar dele, e desconfiar tal como se fazia sob o fascismo dos partidos políticos, da sua utilidade, da sua legitimidade.

«O socialismo constrói-se pela persuasão e não se constrói pela violência, do mesmo modo que não se constrói sobre ruinas económicas, poque não se socializa a vida humana quando se socializa a miséria: atingem-se os objectivos políticos e humanos do socialismo quando se socializa a riqueza.»

(Idem)

### CARDIA DIZ COMO É QUE SE CAMINHA

Temos de ser conscientes de que os objectivos políticos do socialismo não são compatíveis com qualquer forma de destruir o capitalismo. A situação económica portuguesa é actualmente de um autêntico caos.

«Após o onze de Março os responsáveis pela política económica procederam daquela maneira primária como se procede com aparelhos avariados, que é dar-lhes uns safanões. Não se resolvem os problemas da economia nacional aos safanões. Não se caminha para o socialismo pela violência: caminha-se para o socialismo pela persuasão, pelo respeito da vontade popular, pela afirmação do poder dos trabalhadores reais, tal como eles existem e não como são idealizados por vanguardas que pretendem que os representam e que até se verifica, na hora da verdade, que na verdade não os representam tanto quanto pretendem.»

(Idem)

### A CAUSA DA «INDISCIPLINA»

«A Informação, desde que seja comum, aproxima as pessoas e porque estamos a viver momentos graves no País, não temos o direito — porque Portugal não é nenhuma «república das bananas» — não temos o direito de provocar uma guerra civil, nem muito menos consentir que outros a provoquem.

«Focámos qual o problema, qual a origem de toda a indisciplina militar que efectivamente existe. É minha profunda convicção de que a indisciplina militar referida tem a sua origem na perseguição feita sistematicamente a todos os quartéis conhecidos como progressistas e a oficiais que sabemos participaram no processo revolucionário de 25 de Abril e tão arduamente têm trabalhado nele. Estou convencido de que se essa perseguição que tem sido feita, que se esses saneamentos de esquerda, transferências, aniquilamento, quer através de unidades progressistas, quer através de processos administrativos, dessas mesmas unidades cessar, toda a indisciplina militar se resolve com a maior das facilidades.

«Eu estou convencido de que a reunião com o Primeiro-Ministro o deixou absolutamente ciente daquilo que eu lhe disse. Mas há com certeza certos partidos que não vejam pela mesma perspectiva e que é possível que apostem na guerra civil para a resolução dos problemas que ao longo de pelo menos cinco destes seis Governos, onde já vão três primeiros-ministros, parece não terem encontrado a tal solução.»

(Major Dinis de Almeida)

## Maior assistência ao pequeno produtor

Segundo um comunicado do Ministério da Agricultura e Pescas, «a necessidade de adequar as medidas de crédito agrícola de emergência à realidade concreta das várias regiões do País implicou algumas alterações no âmbito do Decreto-Lei n.º 251/75, de 23 de Maio».

Prosseguindo, diz o comunicado:

. «É determinação do Ministério manter o carácter inovador das medidas já promulgadas que é o de apoiar decididamente, através de créditos de campanha, os pequenos produtores agrícolas — especialmente aqueles que têm como actividade principal a agricultura, investindo nela trabalho próprio e de seus familiares — bem como as unidades de produção geridas por trabalhadores.

Tem o Ministério da Agricultura e Pescas presente, contudo, a necessidade de apoiar, também as empresas agrícolas de maior dimensão que, não estando abrangidas pelo crédito agrícola de emergência, não são também atingidas pelas medidas de intervencão no quadro da reforma agrária.

De facto, nestas empresas, assenta uma parte substancial da produção agrícola nacional.

Assim, está também em elaboração neste Ministério, legislação que permita atender às necessidades deste sector da produção que será publicada simultaneamnete às medidas reformuladas de crédito agrícola de campanha destinada a apoiar os pequenos produtores e as unidades de exploração geridas pelos trabalhadores.»

. Sublinha-se ainda que, «como resposta a algumas solicitações mais urgentes, foram aprovados em Conselho de Ministros dois decretos-leis que estendem o crédito agrícola de emergência ao pagamento de salários e de que são beneficiários, respectivamente, as unidades de exploração colectiva e os pequenos e médios produtores agrícolas. Pelo último decreto, torna-se também possível aos pequenos produtores o recurso ao crédito para obtenção de fundos de manutenção que permitam fazer face, sobretudo, a algumas deficiências existentes nos circuitos de comercialização dos produtos agrícolas».

## FOI A SEPULTAR ANÍBAL NAZARÉ

Foi hoje a sepultar o autor de revista Aníbal Nazaré, há quase 50 anos ligado à vida do Parque Mayer, escrevendo, para serem representadas nos vários teatros aí localizados, 138 revistas, de colaboração com outros nomes que fizeram época no Parque.

Das suas criações, ficará lembrado o «Fado Falado», ao qual João Villaret deu voz.

O funeral realizou-se ao princípio da tarde, para o Cemitério do Alto de S.João.

# Hoje

**Uma cena de filmagem «Angústia para o Jantar»**

**I PROGRAMA**

**19.00** Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
**19.30** **Teledesporto** — as actividades desportivas.
**20.00** **Cinema Ano II** — um programa apresentado por Alfredo Tropa.
**20.30** **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
**21.00** **Teatro** — «Angústia para o Jantar» — produção da Planigrafe. Realização de Jaime Silva. Director de produção: João Martins. Produtor delegado da RTP: Figueiredo de Barros. Hoje o 2.º episódio tem como intérpretes: Fernanda Lapa, Rui de Carvalho, Júlio Franco, Jorge Brum do Canto, Laura Soveral, Jorge de Sousa Costa, Carlos José Teixeira, Carmem Gonzalez, Canto e Castro, Cristina R.V., João de Carvalho e Branco Alves.
**22.00** **Documentário**
**23.00** **Telejornal** — 3.ª edição
**23.15** Fecho

**II PROGRAMA**

**21.00** Abertura e a série **«Floris von Rosemund»**
**21.30** **Telejornal** — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
**22.00** **Eurovisão** — Jogos Sem Fronteiras
**23.15** Fecho

**DESTAQUES**

**I PROGRAMA**

**Noite de Teatro — «Angústia para o Jantar» (21.00)**

**II PROGRAMA**

**Eurovisão — Jogos Sem Fronteiras (22.00)**

# Amanhã

**I PROGRAMA**

. . . . **1.º Período — 12.45:** Abertura e Comida, Dinheiro e Saúde; **13.15:** Telejornal — 1.ª edição; **13.30:** «O Regador Mágico» — («Pardon My Genie») — série filmada; **Ciclo Preparatório TV — 14.10:** Língua Portuguesa (2.º ano); **14,35:** Matemática (1.º ano); **15.00;** Francês (2.º ano); **15.25:** Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50:** Educação Visual (2.º ano); **17.10:** Matemática (2.º ano); **17.35:** Língua Portuguesa (1.º ano); **18.00:** Trabalhos Manuais (2.º ano); **18.25:** Francês (1.º anol. **2.º Período — 19.00:** Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30:** Programa Musical; **20.00:** Magazine do Norte; **20.30:** Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.00:** A Gente que Nós Somos — rubrica do Departamento de Programas Político-Sociais; **22.00:** «Capitão Kloss» — série filmada de origem polaca; **23.00:** Telejornal — 3.ª edição; **23.15:** Fecho.

**II PROGRAMA**

**21.00:** Abertura e a série «O Regador Mágico»; **22.00:** Auditório Musical — uma rubrica apresentada pelo Departamento de Programas Recreativos e Musicais; **23.30:** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13 B - Rua Macau, 8

# Desporto

## NACIONAIS DE FUTEBOL

# O CAMPEONATO DA EMOÇÃO

Cardíacos: este campeonato contém jogos eventualmente despropositados para a vossa condição.

A legenda ficou válida ontem, depois do Belenenses-Benfica: encontro que proporcionou um espectáculo magnífico, um claro exemplo do futebol-espectáculo que pode ser apresentado em qualquer latitude, como amostra da capacidade dos homens do chuto na bola. Restelo vestiu galas para emoldurar convenientemente o palco do encontro: e os futebolistas não se furtaram à obrigação da exibição, para deleite de todos quantos esqueceram a bancada fria de granito e «aqueceram» com a evolução das jogadas. Nestas mesmas páginas, Neves de Sousa escalpeliza os acontecimentos.

Mas, não é só por isso que este campeonato está recheado de emoção: também em Aveiro e em Braga, a lógica futebolística foi uma batata ao acontecer derrota dos homens da ria e empate na cidade dos arcebispos. Em Aveiro, as honras da jornada vão para o Atlético (vitória por 3-1) enquanto que no Minho foi a turma do Nabão que conseguiu impôr uma igualdade a três golos.

Nos restantes embates, pouco ou nada a dizer da vitória do F.C.do Porto no Lavradio (3-0, resultado feito no tempo inicial com os segundos 45 minutos a fornecerem a indicação da satisfação das duas turmas quanto ao desfecho); alguma dose de surpresa no Leixões-Estoril (que terminou com o nulo a um golo); surpreenderá, igualmente, o empate que, no sábado, o Guimarães foi buscar ao Bessa, como teremos de sublinhar a magra vitória do Sporting sobre o Vitória de Setúbal, alcançada também no sábado. No topo da classificação temos, agora, um quarteto de «bês»: Benfica, Belenenses, Braga e Boavista, todos com 9 pontos. O campeonato das emoções promete e muito...

### 2.ª DIVISÃO

Cumpriu-se, igualmente, a 6.ª jornada do nacional secundário que fica assinalada como aquela em que apenas um dos visitantes conseguiu vencer: o Sanjoanense, em Paredes (0-1). Na Zona Norte, há a citar os empates do Alba em Fafe (0-0), do Salgueiros em Lamas (1-1) e do Famalicão no campo do Gil Vicente (0-0). De resto, vitórias dos clubes que actuavam em casa: Riopele (6-1 ao Penafiel), Feirense (4-1 ao Régua), Sporting de Espinho (3-1 ao Paços de Ferreira), do Varzim (1-0 ao Lourosa), do Vilanovense (2-0) ao Marinhense), do Chaves (2-0 ao Sporting da Covilhã). Na classificação geral, um guia isolado que se chama Varzim (9 pontos), seguido do Famalicão Sagueiros e Riopele, apenas a um ponto de distância.

Na Zona Sul, anotem-se quatro empates a zero: do Almada em Évora (Juventude), do Esperança de Lagos em Sintra, do Olhanense em Torres Novas, e o do Marítimo em Torres (1-1). Os restantes seis visitados triunfaram: o União de Leiria (2-0 frente ao União de Santarém), o Montijo sobre o União de Montemor (6-0), o Oriental face ao Peniche (1-0), mais o Caldas (3-2 ao Barreirense), o Estrela (1-0 ao Sesimbra) e o do Portimonense, no cotejo com o Lusitano (6-0).

Na classificação geral há um comandante isolado: o Caldas (com 9 pontos) seguido do Marítimo, Montijo, Olhanense e Portimonense (todos com 8 pontos). Também na segunda divisão o campeonato é todo de emoção...

### MARCADORES

Lista dos melhores marcadores do «nacional» da 1.ª Divisão: Nené, continua na primeira posição com 10 golos, seguido de Gonzalez com 6, Jordão e Chico Gordo com 5. Quanto aos guarda-redes menos batidos temos Tibi apenas com 4 tentos sofridos e Damas na mesma situação, Botelho e Rodrigues (Guimarães) com 5, Valter (Braga) e Torres (Setúbal) com 6.

### PRÓXIMA JORNADA

A próxima jornada do nacional maior reune os seguintes encontros: Belenenses-Farense, Académico-Braga, União de Tomar-Desportivo da C.U.F., Porto-Sporting, Setúbal-Boavista, Guimarães-Leixões, Estoril-Beira-Mar e Benfica-Atlético.

**ORLANDO DIAS AGUDO**

### CLASSIFICAÇÃO

| | V. | E. | D. | G. | P. |
|---|---|---|---|---|---|
| BENFICA | 4 | 1 | 1 | 22- 7 | 9 |
| Boavista | 3 | 3 | — | 12- 5 | 9 |
| Belenenses | 4 | 1 | 1 | 14- 8 | 9 |
| Sporting | 3 | 3 | — | 8- 4 | 9 |
| Braga | 3 | 3 | — | 9- 6 | 9 |
| F. C. Porto | 3 | 2 | 1 | 13- 4 | 8 |
| V. Guimarães | 2 | 3 | 1 | 10- 6 | 7 |
| V. Setubal | 2 | 2 | 2 | 7- 5 | 6 |
| Atlético | 2 | 1 | 3 | 11-11 | 5 |
| Estoril | 2 | 1 | 3 | 6- 7 | 5 |
| Farense | 2 | 1 | 3 | 7-10 | 5 |
| C. U. F. | 2 | 1 | 3 | 3- 7 | 5 |
| U. Tomar | 1 | 2 | 3 | 8-16 | 4 |
| Leixões | 1 | 2 | 3 | 5-16 | 4 |
| Académico | — | 1 | 5 | 5-15 | 1 |
| Beira Mar | — | 1 | 5 | 3-16 | 1 |

### TOTOBOLA BOLETIM COM "13"

| | |
|---|---|
| Belenenses - Benfica | 1 |
| Farense - Académico | 1 |
| Braga - União Tomar | X |
| C U F - P o r t o | 2 |
| Sporting - Setúbal | 1 |
| Leixões - Estoril | X |
| Beira-Mar - Atlético | 2 |
| U. Lamas - Salgueiros | X |
| Varzim - Lourosa | 1 |
| Gil Vicente - Famalicão | X |
| Torriense - Maritimo | X |
| Caldas - Barreirense | 1 |
| Torres Novas-Olhanense | X |

Boletim Boletim Boletim Bo

## ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

O Sporting acaba de criar um problema ao F. C. do Porto: acaba de devolver ao clube das Antas o cheque que havia recebido para pagamento do regulamentar terço da transferência do jogador Dinis. Por tal motivo o jogador já não alinhou ontem no Lavradio; o mesmo problema poderá ser levantado em relação a Alhinho, que também não actuou frente ao Desportivo da Cuf.

Não deixa de ser curioso verificar-se que este problema poderá não ficar resolvido até sábado à noite, altura em que F. C. do Porto e Sporting se defrontam nas Antas...

. O Estoril Praia não apresentou, ontem, em Leixões, três dos elementos-base do seu «plantel»: Rui Paulino, Clésio e Amílcar. Motivo: a carência de fundos na tesouraria da colectividade da Costa do Sol, que necessita de indemnizar os clubes de origem destes futebolistas em um terço dos contratos inicialmente efectuados pelos nomes citados. Assim terá de pagar ao Farense 188 contos (pela transferência de Rui Paulino), 72 ao Atlético (em referência a Clésio) e 45 ao Oriental (em função de Amílcar).

## EVENTUALMENTE CHOCANTE

. Apenas com 17 presenças (direcção federativa incluída) teve lugar um plenário de râguebi para discutir o problema da arbitragem. A reunião terminou com a aprovação da seguinte proposta:

. «Atendendo à caótica situação da arbitragem e à proposta de trabalho da Federação de Râguebi propõe-se que: Se parta do zero sob o ponto de vista organizativo; Se considere que os árbitros, independentemente do seu passado, só sejam considerados como tal se por qualquer meio informarem a F.P.R. do seu interesse em continuar a prestar colaboração à arbitragem; Se realize o curso previsto para 23-26 de Outubro, destinado à iniciação de novos árbitros e ao aperfeiçoamento dos antigos interessados; Os membros dos corpos gerentes da F.P.R., já por estes designados (José Alvarez, Joaquim Vasconcelos e João Viçoso) constituam o grupo de arranque da Arbitragem; e estudem meios de captação de novos árbitros.

Divulgado agora («A Bola») o que se passa com o angolano Norberto, profissional ao serviço do Estoril Praia: o chutador ainda não recebeu um tostão por conta dos 300 contos do seu contrato (já na terceira época...), o clube de origem (Ferroviário) somente está embolsado de metade da importância da transferência (que importou em 600 contos) e, por último, Norberto, que recebe 15 contos de vencimento mensal e vivia num apartamento pertencente a Reinaldo Lapinha, passou agora a pagar renda de casa.

## ONTEM

. Cumpriu-se ontem (de manhã) a segunda jornada do campeonato nacional de juniores, tendo-se verificado os seguintes resultados, na zona Norte: Leixões,3-Sporting de Braga,1; Varzim,2-F. C. do Porto,2; Boavista,2-Amarante,2; Sanjoanense,0-Marco,0;Guimarães,3-Lourosa,1 e Nelas,1-Académico,3. É guia o Vitória de Guimarães. Na zona Sul: V. Setúbal,0-Cuf,0; União de Coimbra,1-Sesimbra,3; Atlético,2-S. Luis,1; Belenenses,0-Benfica,4;

Continua na pág 17

**Alvalade: Rebelo versus Zézinho ambos colados ao palacete de Torres.**

## SPORTING, 1-SETÚBAL, 0 PÓLVORA SECA

O «placard» da tarde solarenta de sábado, em Alvalade, é ilusório e lembra um espelho multifacetado, tantas são as ilacções que dele resultam, tão volumoso é o somatório de verdades que daí pulam: como imagens de um facto comum. É que, o magro 1-0 colhido (e amealhado) pelos «leões», em 90 minutos de jogo curioso e de flutuações entusiastas, é fraco embolso para quem muito semeou. Mas, por outro lado, igualmente os sadinos se podem lamentar da falta de sorte em um ou outro lance onde dispuseram de rede ao alcance das suas fisgadas. E, se o «team» de Juca sempre se mostrou mais acutilante (12 «cantos» a cinco, no activo) é forçoso que se diga (repetindo-o incessantemente) que, não dispondo de atiradores às malhas, ficou pelo meio das 18 jardas (como pomba de vestes brancas) enquanto que o Vitória (sem poder contar com o seu melhor bloco) deu sempre a réplica digna e honesta que é característica de quem sabe para o que vai e nisso está bem mentalizado por um comandante a sério (Mário Lino, um dos homens aplaudidos pela «claque» sportinguista antes e após a esgrima).

Foi um reencontro de antigos colegas: Tomé, Manaca e José Mendes devem ter sentido saudades de qualquer coisa que nem eles próprios podiam definir cabalmente. Tal e qual como Lino, técnico-saudade para muito boa gente de Alvalade. Mas, pondo de parte sentimentalismos, piegas, todos estes profissionais se houveram como magníficos empregados dos patrões: e, se mais não conseguiram, em resultados práticos, isso fica a dever-se à sorte do girar da bola que, como no outro pano verde, é caprichosa até mais não.

Antes que falemos do jogo, um recadinho para os sportinguistas mais firmes: não é com assobios nem recriminações, tampouco com manifestações de enfado ou com o atirar de almofadas para o palco, que se consegue amenizar o clima das suas cores. Juca e os discípulos precisam (carecem em absoluto) de calma para poderem desenvolver ideias e propósitos. Não é com vaias que qualquer um fica mais sereno: e o Sporting, como todos os grandes blocos de futebolistas profissionais, não pode vogar ao sabor das ondas caprichosas da justiça popular, facilmente manejável por uma cabeça ao rubro que, num ápice, contagia e impulsiona multidões. Vimos, com muito pesar, que no próprio camarote da direcção sportinguista se desesperava em termos muito «assanhados» com as incidências da simples partida de futebol que se desenvolvia lá em baixo, sob olhares que apenas notavam uma parte colorida. E, amigos, não é assim que se acorrenta uma massa associativa: ela «vai lá» com cornetas e canções, com hinos ou com palmas, mas não fica acomodada, quietinha, quando vislumbra, a uma dúzia de metros, dirigentes do seu emblema aos saltos, num esbracejar que parecia de luta contra qualquer onda imensa. Tudo porque o golo não chegava, a muralha dos contrários estava bem organizada, o árbitro errava como qualquer outro ser humano, talvez ele mesmo atordoado com as recriminações que subiam clamorosamente da plateia.

Adiante. Pois, como íamos dizendo, o tempo foi correndo e nada de aparecerem golos: o zero-zero ao intervalo era prémio para os sadinos e castigo forte para os donos da casa que, não tendo um só atirador capaz, se enrolavam com a bola como gato à sapatada a um novelo de lã. Mas, não só: das vezes em que o Sporting metia a agulha para as redes de Torres, logo este mostrava uma atenção e um destemor que ficariam, tarde adiante, como das coisas mais belas do filme retido pelo espectador. Em contrapartida, se permanecesse só a pálida recordação da insegurança de Damas, em dois ou três lances que lhe fizeram apelo, diríamos que o melhor guarda-redes português de há algumas temporadas a esta parte se encontra no pior período: inseguro, sem mãos e falho de reflexos. Um episódio (apenas) que vai certamente esvoaçar a perder de vista na carreira esplendorosa do guardião dos «leões».

Voltando, puramente, ao jogo: logo nos recortes iniciais se viu que o juiz (o recém-promovido santareno Mário Luís) não mostrava a bagagem que o tinha feito dar um pulo para tal batuta. Aconteceu, mesmo, que iria falhar quase rotundamente na sua tarefa: julgamentos de foras-de-jogo feitos ao contrário, permissão dada para um certo ponto de dureza (que poderia descambar em violência), fragilidade na leitura de uma partitura em que terá de cumprir-se sempre a escrita para a melodia não desaguar em cachoeiras. E houve (até) uns dois ou três derrubes em locais nevrálgicos do relvado que ajudaram a cimentar no público a ideia de uma incompetência arbitral que se tornou evidente consoante os pontapés iam rodando. De facto, pareceu ainda pouco madura a sabedoria de Mário Luis para lhe darem um petisco daqueles: para mais com o «onze» da tarde a perder tentos sobre tentos...

Por falar em derrubes, dois (nada menos) ficaram nos olhares: a Manuel Fernandes, logo nas primeiras floretadas e (depois) a Tomé, quando ele estava a meia viagem do risco da grande área. Mas o árbitro deixou-os passar em falso: e a toada ríspida começou a avassalar os intérpretes pontapeadores. Aliás, com a complacência do hirto, mecânico e pouco flexível juiz escalabitano, que parecia ter esquecido na cabina os cartões de aviso ou punição.

Ainda no tempo de abertura, há que registar uma bela actuação que se refinaria por aí fora: a do brasileiro Da Costa, senhor de uma técnica muito evoluída e com um sentido posicional que parece poder ser melhor aproveitado em funções atacantes. Da Costa foi, **apenas e só,** o melhor jogador sobre a relva: um caso de subida de forma que revela trabalho e aplicação.

Muitos foram os instantes em que parecia ir rasgar-se o véu à guarda de Torres: todavia ou o vitoriano aparava bem os sustos que lhe pregavam (mormente por Nelson, Tomé, Márinho e Palhares) ou, então, ficava sorridentemente a notar a pouca sorte que está a atapetar os bons desejos do infeliz Manuel Fernandes, a quem querem conferir o encargo de fazer esquecer Yazalde, ele (o ex-cufista) que não pode nunca alinhar a centro-dianteiro porque não tem poder de elevação nem remate fácil, mas que será fundamentalmente útil em outra função específica. Lá à frente, à espera dos endosses de Fraguito (que parece sem centelha ou, então, convencido de que é o rei da humanidade) torna-se pedra aniquilada. Aqui está (perdoe-se a intromissão no plano de Juca) um erro técnico: acorrentar Manuel Fernandes a uma tarefa que foge aos seus hábitos de muitos anos.

Rodemos, porém, o prisma crítico: e paremos um nadinha no segundo golpe do jogo. Foi só aos 53 minutos que o Sporting conseguiu o magro desfecho: para tal foi necessário que Márinho disparasse um «canto» com a força de uma bala e que a cabeça de Nelson surgisse, como um raio, na trajectória do bólido. Um daqueles momentos em que apetece ao cronista mais desapaixonado dar por si a aplaudir mãos ambas: tanto a força de Márinho como a coragem vertiginosa de Nelson.

Após o golo, o Sporting ficou como que atemorizado com a eventual réplica, com um desejo louco de ver o fundo do prato, não raro recorrendo ao estafado processo dos passes de

Continua na pág. 17

# Desporto

## BELENENSES, 4 BENFICA, 2

# "AZUIS" DE SACO CHEIO: PONTOS E CONTOS

**Comentário por NEVES DE SOUSA**

Cimeira de luxo no marco branco da primeira lotação esgotada na história do Restelo. Dois «teams» de impecável fala técnica a desempenharem (de igual para igual e com espantosa capacidade física) esquemas tácticos de valia superior. Uma arbitragem quase magnífica. Sol a derramar-se em cornucópias de luz. O Tejo ao fundo, em cenário irreal. Seis golos empolgantes, de fascínio em alternantes emocionais de alimentarem os hospitais. Afinal, apenas e únicamente uma coisa simples: o futebol, esse (impensadamente atacado) espectáculo puramente de paixão para os sentidos e de regalo para os olhos, a mostrar a razão do seu império. Aqui, nesta Lisboa das manifestações por tudo e por nada, tal e qual como na Roma da vida fácil ou na Kiev de trabalho duro. Exactamente com a mesma corrente aglutinadora das massas humanas que possui no Rio de Janeiro ou em Londres, em Amesterdão como em Munique, em Praga como em Budapeste. Entusiastica e firme propaganda de um combinado de factores que tornam «o mais belo espectáculo do Mundo» qualquer coisa de sempre diferente e borbulhante nas mentes sonhadoras. Ontem, no Restelo, unicamente uma imagem sem capricho ou enfeudamento: só, apenas, exclusivamente um dos mais soberbos desafios de futebol até hoje jogado em campeonatos da moderna idade portuguesa. Um «show» a que nada faltou para colocar a densa plateia em indesmentível delírio a recordar pelos tempos fora como símbolo de algo que se deseja perdure por muitos e dilatados anos.

**Os triunfadores.**

Já passaram horas: e damos por nós, embevecidos, debruçados sobre os apontamentos garatujados sem perder o olhar da relva, misturados com recortes visuais que lembraremos a netos, daqui a bons tempos. Um sublime páreo de destreza e elegância assinado por interpretes de finíssima água: e aqui está os primeiros parabéns do longo rol a desfiar.

Havia entre os adeptos «azuis», uma secreta esperança de sucesso para esta turminha de Peres Bandeira, treinador que está hoje no galarim da fama efémera por ter conseguido inocular uma mística toda especial nos Pinchos e nos Isidros, que eram figuras de opereta para gente entendida no assunto do pontapé em couro. Mas, por outro lado, lá vinha o peso da tradição e a força do quase irremediável a lembrar, aos mais ousados do Restelo, o poderio da «águia», resplandecente em jogadores milionários de fama e de prestígio. Daí que, para as forças em equação, as apostas se cotassem a nível semelhante: com o empate já a ser considerado, por visitas como por donos da casa, um bom achado para epílogo. Só que a vontade indomável dos companheiros do senhor Dom Gonzalez não se deixou nunca embarrilar em descrenças: e veio ao de cima com a mesma impulsividade com que, uma certa vez, deitara para o chão um Porto e umas Antas espantados com os golpes demolidores desse grupito que cobrava meia dúzia de tostões no mesmo espaço de hora em que se esbanjam fortunas por aí fora. Aconteceu ontem, no Restelo, o êxito da humildade e do trabalho: valorizado (e de que maneira) pelo aprumo e pela garra dos alunos de Mário Wilson, apenas ultrapassados pela sorte do encontro das palavras válidas no momento em que era preciso, no grande tribunal, replicar com igual fortuna à desgarrada provocante.

### VOLÚPIA

Cor. Alegria. Movimento. O pagode a saltar divisórias, a não ter mais sítio nenhum onde se aninhar. E, sobre a relva, vinte e dois solistas e um juiz que viaja na carruagem fronteira entre seus pares. Ao anúncio das linhas, uma nota de espanto: Wilson com três defesas no banco (Messias, Bastos Lopes e Eduardo) a jogar na carta-Nelinho. E, igualmente nos lances de estudo, logo o diabólico Vasques (segundo Malhoa) a destilar veneno de cada vez que mirava a frontaria contrária.

Como quem brinca. Em «souplesse». Na enganosa perspectiva de que «aquilo» é facílimo de imitar, via-se a cavalgada dirigida em ar de maravilha pelo paraguaio Gonzalez a entrar na defesa benfiquista como faca em manteiga quente, colocando Bento no topo de várias ovações. Tantas que, a ele, o clube da Luz fica a dever um suplemento: sofreu quatro golos resgatando outros que poderiam entrar sem qualquer culpa no cartório.

Precisamente ao quarto de hora veio a prenda de casamento de Pietra: Barros deu dois chutos em Cardoso (Garrido Garrido, onde estava o cartãozinho amarelo?), marca-se livre (pelo Gonzalez, está bom de ver..) Artur Jorge desvia-se em finta bem engendrada e aí está a cabeça de um dos noivos do dia a fazer, como na véspera o madeirense Nelson (em Alvalade), um golo para 20 valores.

Quaresma perde o 2-0 que poderia estar certo ou errado, consoante o paladar de cada intimidade. E o mesmo Quaresma falharia tambem a intercepção a Jordão, de que resultaria (perante a rede deserta e sem penalidade alguma para o desprotegido Melo) no tento da igualdade. Tudo, outra vez, a começar pelo princípio.

Já então havia flores e música para alguns camaradas. Cardoso por exemplo: um espectáculo dentro de outro espectáculo. Combinações sagazes e imaginosas com Gonzalez que, deste, resultavam em tabelinhas com Artur Jorge e Vasques que eram pinceladas em tela alva. No meio deles, Pietra. Um diabrete: e foi necessário que Nelinho fizesse um quite para não entrar o disparo de Gonzalez (aos 38) que poderia desequilibrar o marcador.

Porém, estava escrito que para a antológica tarde de futebol em Belém haveria mais um golo na primeira talhada do melão dulcíssimo: «canto» cedido por Nelinho, Gonzalez a marcar de régua e esquadro, Artur Jorge a amortecer para os pés de Vasques e o ainda recente alcantarense, de costas e com artes de malícia, a anichar a redonda no fundo do armazém. Aos 45 minutos, nem mais um segundo partia-se para o intervalo como se o tempo tivesse ficado em suspensão.

### LUXÚRIA

Outros três quartos de hora: Carnaval para os amantes da bola. Jordão aparece estatelado na grande área: sem pecado azul. Imediatamente, é Sheu quem atira à figura de Melo, o sempre atento e firme. Mas, eis que toca o segundo empate: Barros ganha um lance a Vasques, toca para Nélinho, a bola esgueira-se até Moinhos, é centrada para Nené e, na passada, o mais fraco duelista rubro consegue um tento ao estilo clássico. A redenção.

Cinco minutos mais: e aí vem o 3-2 resteliano. «Canto» por Gonzalez, primeiro «tiro» e recarga, ambos por Vasques. Eficiência plena no disparo final: na bancada, a tristeza mistura-se com a mais desordenada das euforias. O impecável trio de ataque azul arrebata e contagia. A rasgada cortina defensiva vermelha é fraca peneira para suster a enxurrada.

Naquele mar imenso, corre-se em turbilhão. Artur «avia» Vasques. Vítor Martins lesiona-se: o substituto é Diamantino. O Belenenses, abdicando do meio-campo (concessão estratégica) verga até o mais sorumbático. Quaresma e Freitas chegam para as encomendas: os laterais (Sambinha e Cardoso) transformam-se em flechas chispantes. São sete a atacar e onze a defender. Benfica: Toni é um leão, Sheu maneja os cordelinhos do seu castelo, Jordão teima na resistência ao inevitável, Moinhos é um quebra-cabeças permanente, para quantos lhe tolhem o percurso. Cá atrás é que a pedra Barros e o esmeril Eurico não conseguem desbastar Gonzalez e os seus arabescos esquerdinos.

Um fiscal do terceto de António Garrido assinala (mal) foras de jogo a Toni e Artur: seriam esses, para além do esquecimento do «cartão amarelo» a Barros, os pequenos nadas a afrontarem um trabalho que muito contribuiu, com o seu brilho, para o esplendor da tarde sem frustrações. Porque, para Artur, a penalidade do «amarelo» foi justa: Gonzalez não tem culpa de ser um predestinado na aplicação de nós cegos, em arabescos presos a laço.

E o tempo a escoar-se, em ritmo de alucinação, bola cá bola lá, todos em sobressalto, tudo a poder ainda acontecer. Para qualquer emblema. Cigarro atrás de cigarro, nervos saltando da pele. Simulações, fintas, remates: tudo, para todos os gostos. Aos 41 minutos, Artur Jorge e Vasques criam pânico na hoste da outra banda. Aos 42, é Gonzalez quem invade a floresta. Aos 43, é Melo quem se estira aos pés de Nené. Aos 44, surge Pincho a cortar um triângulo entre Eurico, Sheu e Moinhos. Aos 45, nem um espectador fugira da sala: Sambinha-Quaresma-Freitas, impecáveis, seguram tudo. Já passa da hora regulamentar: Pietra-Nélinho-Artur Jorge, o sindicalista mais vibrante a despedir a bola como um relâmpago. Entra com o couro colado aos pés, baliza vergada e toda a gente rendida. Era a apoteose azul: 4-2, marca que premiava labor e estudo, trabalho e dedicação. Há a explosão final, público coalhando a relva, jogadores acarretados por abraços. Sambinha e Pietra a atirarem beijos para as jovens esposas. Peres Bandeira entronizado. Gonzalez e Vasques e Artur Jorge e Freitas e os demais, a ficarem na loucura colectiva. O Benfica saía de cabeça erguida. O Belenenses rubricara uma das mais belas páginas do seu historial. Luxúria para recordar: e um prazer para atirar nos olhos de quem combate a pincelada berrante do futebol. Obrigado, actores, pelo espectáculo que me ofereceram.

## SPORTING-SETÚBAL

Continuação da pág. 16

meio campo ao guarda-redes para ir comendo caminho no calendário. Mais assobios, vieram, então: e, da bancada apenas se solicitava outra espécie de impulso. Mas, enfim: o jogo lá foi andando, andando, já com Damas mais firme a travar os golpes contrários, José Mendes e Zezinho a acertarem melhor os cortes, sempre com Palhares a demonstrar que possui «madeira» para ali se burilar um extremo de condição nata. Só que, na zona do pontapé fatal, falhava toda a sorte de pontaria. Sobretudo nos minutos finais, quando Inácio e Manuel Fernandes dispuseram da rede escancarada: e atiraram para o céu ou para a pista de cinza.

Antes de concluir: referência (especial) para o engenho táctico de Mário Lino que, ardilosamente, meteu num colete de forças o anestesiado Fraguito e o descontrolado e impulsivo Valter, embora este pareça ser um dos poucos médios puros de que o Sporting dispõe, ao desbarato, preso à prateleira.

Na análise aos sadinos, palavras de aplauso para a segurança de Torres (que foi uma quase «muralha de aço»), para a liberdade (mal aproveitada) gozada por Rebelo para a juventude de Formosinho e Lito (dupla chamada a render colegas estafados: o veterano José Maria e o embrionário Caíca), para a «raiva» de Matine e Manaca (apenas resultante de, nem um nem outro, gostarem de perder brincadeiras mesmo a feijões). Mensagem (também) para a utilidade de Jaime Graça (disciplinador do meio-campo) e para os primos Cardoso (que varrem a sua zona sem punhos de renda). Alfredo (saído de uma grave lesão) e Edson (perdido lá para a frente) ficaram na mediania: tal e qual como José Maria, sem condição física para grandes andanças.

Já falamos de alguns «leões»: desde a desfortuna de Manuel Fernandes (chamemos-lhe antes a palavra exacta: inadaptação ao posto que querem à força impingir-lhe) à forma instável de Damas, o magnífico guarda-redes de tantas outras jornadas que não tombam facilmente no olvido. Nota agradável para o labor defesa-ataque desenvolvido por Tomé e Nelson, para alguns «centros de Palhares e, sobretudo, para Da Costa que foi (cimentamos) a «estrela» da festa. No topo, no zénite: afinal, no ponto inverso em que morou Fraguito, a desilusão. Encómio a tempo para Inácio, talvez mais útil no flanco esquerdo, desde que Da Costa avance para a linha intermediária.

Numa síntese de tudo isto: o Sporting está a remar contra uma maré que parece apostada em pôr à prova a juventude da turma e a sabedoria do seu mestre. E, quem não tem cão, caça com gato: exactamente o que faz Mário Lino, também ele com problemas idênticos a Juca: blocos que perderam unidades vitais foram entregues envoltos em saudade. A neblina que encobre o passado nunca foi boa conselheira, caros sportinguistas, simpáticos vitorianos. Deixem de largo as lembranças e pensem só em realidades: nessas, cabe inteirinho o trabalho competente e honesto de dois professores do futebol. Que vão fazer obra, tenho a certeza.

NEVES DE SOUSA

Continuação da pág. 16

Peniche,2-Estrela de Portalegre,0 e Sporting,7-Sp. Farense,0. À frente, vão o Sporting e o Benfica.

Na terceira divisão nacional, após a 6.ª jornada, há comandantes isolados em qualquer das quatro séries: na «A», o guia é o Tirsense com 10 pontos; na «B», o «leader» é o Marialvas com 11 pontos; na «C», o primeiro é o União de Almeirim com 12 pontos e, finalmente, na série «D», o clube do topo é o Vasco da Gama com 10 pontos. De salientar que, nos 40 jogos ontem disputados, apenas se registaram seis vitórias de clubes visitantes. Empates, houve oito.

## HOJE

. Sessão de esclarecimento aos jogadores progressistas de futebol marcada para esta noite (21 horas) na Avenida Visconde Valmor, 34, em Lisboa. A iniciativa é da direcção sindical.

Principia, na Federação de Futebol (às 21 e 30) um curso para candidatos à arbitragem, subordinado à figura de Joaquim Campos, juiz «internacional» e, incontestavelmente, um dos homens que mais tem lutado pelo prestígio da classe arbitral. O curso, que terá lições duas vezes por semana, é alargado a várias zonas do País: Alverca, Loures, Queluz, Oeiras e Lisboa.

. Conforme está anunciado disputa-se hoje à noite em Alvalade o encontro particular Sporting-First. Como curiosidade aponta-se o facto de na equipa leonina reaparecer Laranjeira e estrear-se o ex-cufista Vitor Gomes.

## PORTUGAL

O Sporting conquistou o «quadrangular» de basquetebol levado a efeito pelo Clube Atlético de Queluz. Na final ganhou ao Nacional por 75-53. No encontro para apuramento dos 3.º e 4.º classificados o Queluz bateu o Atlético por 57-56.

José Martins a grande esperança do ciclismo nacional (ou já certeza?) parece disposto a assinar pelo Sporting. As negociações vão decorrer hoje e pode muito bem acontecer um volte-face na carreira do ciclista: em vez da KAS... o Sporting.

Definitivamente assente: o Porto-Sporting da 7.ª jornada do nacional de futebol da 1.ª Divisão disputar-se-á no próximo sábado às 21 e 45 nas Antas. Também o Benfica antecipou o jogo com o Atlético para o mesmo dia, mas com início às 21 e 30 horas.

Jordão foi castigado com três jogos de suspensão pela U. E. F. A. Motivo: o querer ficar com a bola no final do encontro da Turquia. O árbitro quis ficar com essa recordação e houve troca de palavras (ou gestos) no final do prélio. Agora, veio o castigo. Mas o Benfica vai recorrer...

## OPINIÃO

A respeito da expansão do badmington, lê-se (em «A Bola») uma frase da equipa directiva da Federação da modalidade:

**— Apenas não entrámos em Bragança, Guarda e Viseu, porque aí nem a Direcção-Geral dos Desportos entrou.**

## AGENDA

Todos os interessados na promoção do râguebi são convidados, pela Federação da modalidade, a participarem numa reunião que terá lugar na noite de 15 do corrente, na sede federativa.

Continua na pág. 18

# Geral

Continuação da pág. 17

A partir de 23 de Novembro começam a ser aplicadas, em Portugal, as novas regras da luta greco-romana.

## RARIDADES

Pela primeira vez efectuou-se, em Portugal, uma prova «Indoor», em tiro ao arco. Aconteceu dentro do pavilhão gimnodesportivo do Sporting de Tomar: os melhores classificados foram Manuel Reia, João Inácio, Carlos Vieira, José Norberto, Hugo Silva, António Quirino, Daniel Buco, Ana Vaz, Sebastião Fernandes, Carlos Ferreira, Vasco Melo e Clara Pantana.

Vital, futebolista do Riopele convocado por Pedroto para os trabalhos das selecções nacionais, tem 21 anos e frequenta o primeiro ano do curso de Electrotécnica. Por seu turno, o macaista Marinho, profissional no Sporting de Braga, está no 7.º ano do Liceu Sá de Miranda.

**Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias**

## II ENCONTRO DO M.D.M.

# Abordado o papel da mulher na revolução

Realizou-se ontem o 2.º Encontro Nacional do Movimento Democrático das Mulheres portuguesas. Com início às 9 e 30, o Encontro só viria a terminar cerca das 20 horas.

Uma sessão plenária daria início aos trabalhos, que reuniram cerca de 400 delegadas. Pelas 10 e 30 constituiram-se três grupos de trabalho, para debater os seguintes assuntos: grupo I — O M.D.M. e o seu papel na organização das mulheres; grupo II — A mulher e o trabalho: Agricultura, Indústria, Serviços; grupo III — A mulher na sociedade e na família.

Antes do almoço foi feita a leitura, em plenário das conclusões a que os três grupos chegaram.

De tarde, foi lido, em plenário, o relatório das actividades da organização a nível nacional, foram aprovados os estatutos do M.D.M. o seu símbolo, procedendo-se em seguida à eleição de dirigentes e da delegação nacional ao Congresso Nacional para o Ano Internacional da Mulher.

O encontro terminaria com uma sessão de canto e poesia.

Dos problemas tratados durante o dia, salientamos o que abordou o papel da mulher na Revolução, outro que denuncia diferenças salariais entre homens e mulheres na indústria de calçado peles e cortumes, a mulher na batalha da produção, etc.

Antes do encerramento dos trabalhos foram lidas e aprovadas por aclamação algumas moções, de saudação das mulheres portuguesas ao Congresso Mundial para o ano Internacional da Mulher, de solidariedade internacional e contra os saneamentos à esquerda nos quartéis. Todas foram aprovadas por aclamação, tendo os maiores aplausos cabido à última destas moções.

# TAUROMAQUIA

Realizou-se ontem a corrida inaugural da Feira da Piedade em Santarém.

Foram lidados sete touros de José Pedrosa, com pouco peso e mansos na generalidade, pelos cavaleiros dr. Fernando Salgueiro (que reapareceu após 11 anos de afastamento), David Ribeiro Telles, Gustav Zenkl, Emídio Pinto e o amador Manuel Jorge de Oliveira.

David Ribeiro Telles e Manuel Jorge de Oliveira lidaram o primeiro touro a duo com acerto, evidenciando-se principalmente na brega e nos ferros curtos.

Gustav Zenkl, a quem coube lidar o segundo touro, brindou a António Abreu, fundador do Grupo de Forcados Amadores de Santarém. O cavaleiro iniciou a sua actuação com um ferro à gaiola de boa execução. Mas a «lide» atingiu maior valor artístico nos ferros curtos, dois dos quais executados ao «piton contrário».

O terceiro touro foi lidado por Emídio Pinto, cuja actuação sem atingir grande craveira agradou ao público.

Ao dr. Fernando Salgueiro coube em sorte o quarto touro da tarde. Salqueiro, montando um cavalo bastante novo e de pouco andamento, não foi feliz nos ferros compridos. Mudou de montada, e com a famosa égua «Simpática», cravou mais três ferros curtos aceitáveis.

O touro mais bravo da corrida saiu para David Ribeiro Telles, que lhe deu uma «lide» adequada, aguentando fortes recargas e sempre ligado ao hastado, cravou os ferros da ordem, sempre bastante aplaudido.

Manuel Jorge de Oliveira, viu-se com agrado no sexto touro. Bregou com valentia e entrando de frente cravou bons ferros compridos e curtos.

O sétimo e último touro da tarde foi lidado a duo, por Gustav Zenkl e Emídio Pinto numa «lide» alegre e bastante movimentada, com realce para os ferros curtos, bastante ovacionados

As pegas, efectuadas todas à primeira tentativa, estiveram a cargo de três gerações dos Amadores de Santarém, isto é dos antigos forcados, dos actuais e dos futuros.

Todos os artistas no final das suas actuações deram volta à arena e receberam flores.

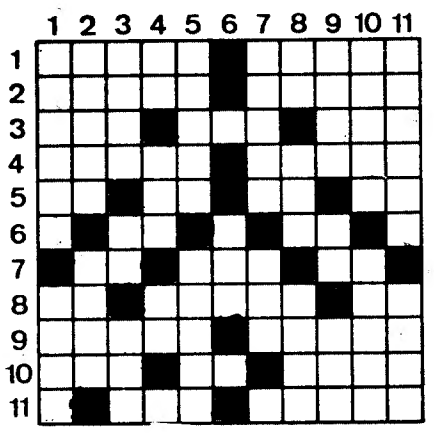
A praça registou bom aspecto de público.

**MOITA DA CRUZ**

## palavras cruzadas

**COM PROVÉRBIO**

**PROBLEMA N.º 11209**



**HORIZONTAIS**

1 Exprimem por palavras Transferiu para outro dia.
2 Poente. Namorados ridículos.
3 Coisa (ant.). Rate. Preposição.
4 Infracção de um dever. Trajei com garridice.
5 Preposição e artigo definido. Pertences. Amónio (s. q.). Sufixo que designa estado.
6 Tempo do verbo ser. Brisa.
7 Ouro (s.q.). Vai para fora. Em partes iguais.
8 Artigo definido. Diverso. Porco.
9 Sagrada. Instrumento ara atirar setas.
10 Fecha as asas para descer mais depressa. Estrépido de desmoronamento. Filtras.
11 Sufixo que designa abundância. O mesmo que urtiga-branca.

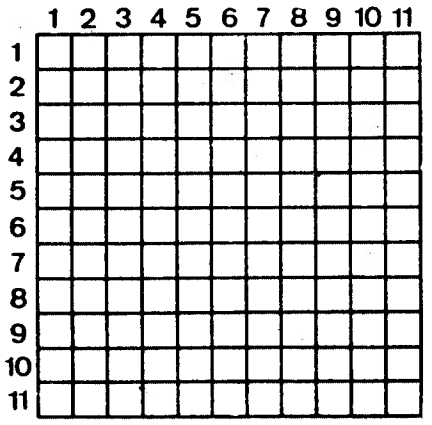
**VERTICAIS**

1 Violentar. Serra de Portugal.
2 Áfio. Guarnecei de asas.
3 Turco nobre que, nas cidades da Palestina, desempenhava as funções de juiz. Pronome pessoal. Animal doméstico.
4 Artigo definido. Espaço de trinta dias. Sufixo que designa estado.
5 Habites. Transpirara.
6 Matemática.
7 Aplaca. Cólera.
8 Preposições. Gosta muito de. Avalia.
9 Encolerizar. Rádio (s. q.). Preposição.
10 Diferente. Levai à toa, à sirga.
11 Que tem por hábito fazer alguma coisa. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.

**Resolveu completamente este problema?**
**Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.**

**NOVA MODALIDADE**

**PROBLEMA N.º 7368**



**HORIZONTAIS**

1 Figura arquitectónica formada por dois arcos iguais que se cortam superiormente. Missiva.
2 Nome de frutos. Prendeis.
3 Arremessa. Tempo do verbo ir.
4 Moradas fotificadas de um chefe negro em certas regiões da África. Talvez.
5 Viração. Nesse lugar.
6 Artigo definido. Transpira. Apelido da mãe de Luís de Camões.
7 Centímetro. Sepultura. Antiga unidade monetária da Alemanha.
8 Porção de alimento para a refeição de uma pessoa. Em má hora (ant).
9 Ósmio (s.q.). Érbio (s.q.)
10 Forma apocopada e proclítica de vale. Estime. Nome de mulher.
11 Suspiros. Amofinai.

**VERTICAIS**

1 Louco. Nome de flor.
2 Pingo. Estima.
3 Falsificas. Pega.
4 Atravessar. Cabelos brancos.
5 Pegas. Sadio. Campeão.
6 Álcool de melaço. Samário (s.q.)
7 Fosso. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Érbio (s.q.).
8 Acomete. Medida de superfície.
9 Borlas de barrete. Terra nova. e arroteada de fresco.
10 Irmãos do pai. Armaria. Oferece.
11 Esmonca. Sugai o leite materno.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11208**

| HORIZONTAIS: | VERTICAIS: |
|---|---|
| 1 Safar. Limam. | 1 Sopapo. Amar. |
| 2 Obas. O. More. | 2 Abas. Balota. |
| 3 Paz. USO. Res. | 3 FAZ. O. Âmia. |
| 4 Ás. As. It. | 4 Ás. Ala. Arrá. |
| 5 Oleasse. | 5 Useis. Aar. |
| 6 Ob. Air. Ge. | 6 Os. Ária. Me. |
| 7 Aa. Sia. Ar. | 7 Ois. Avô. |
| 8 Alma. Avelãs. | 8 Im. SSS. Era. |
| 9 Moira. Orate. | 9 Mor. Alaga. |
| 10 Ataram. Agar. | 10 Arei. Gratas. |
| 11 Rã. Ares. Asa. | 11 MESTRE. Será |

**Provérbio:** O USO FAZ O MESTRE.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7367**

| HORZONTAIS: | VERTICAIS: |
|---|---|
| 1 Tabor. Praga. | 1 Tropa. Única. |
| 2 Riana. Eiras. | 2 Airão. Veias. |
| 3 Or. Úmero. Na. | 3 Ba. Ornam. Ni. |
| 4 Pão. Amo. Asi. | 4 ONU. Ois. Bar. |
| 5 Aoro. Avós. | 5 Rama. Fila. |
| 6 Nio. Adi. | 6 Ema. Ma. |
| 7 Uvas. Assa. | 7 Pero. Zara. |
| 8 Nem. Faz. Ois. | 8 Rio. Ada. Ror. |
| 9 Il. Bi. Ar. Ps. | 9 Ar. Aviso. Le. |
| 10 Canal. Rolão. | 10 Ganso. Sipai. |
| 11 Asira. Areia. | 11 Asais. Assoa. |

## tempo

**Situação do tempo 09.00 H.**

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado em alguns locais de Norte e Centro e geralmente limpo nas regiões do Sul e o vento era fraco.

**TEMPERATURAS DO AR**

**09.00 H.**

| | |
|---|---|
| PORTO | 7º |
| OIMBRA | 11º |
| PORTALEGRE | 13º |
| LISBOA | 18º |
| FARO | 19º |

**TEMPERATURAS EXTREMAS**

**Máxima:**
ELVAS ..... 27º

**Mínima:**
P. DA SAÚDE ..... 5,8º

**TEMPERATURAS NO ESTORIL**

| | |
|---|---|
| Água do mar | 16,3º |
| Atmosfera | 13,9º |

**MARÉS DE HOJE**

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 10.56 | **3,3 m** | 4.13 | **1,9 m** |
| 23.47 | **3,1 m** | 17.17 | **1,8 m** |
| Dia 14 | | | |
| | | 5.42 | **1,9 m** |
| 12.09 | **3,4 m** | 18.26 | **1,6 m** |
| Dia 15 | | | |
| 0.50 | **3,3 m** | 6.41 | **1,7 m** |
| 13.06 | **3,5 m** | 19.12 | **1,5 m** |

**PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ**

**Nas regiões de Norte e Centro: agravamento progressivo do estado do tempo durante a noite com céu geralmente encoberto e vento fraco tornando-se moderado de Sudoeste com períodos de chuva a partir da madrugada a Norte do Mondego. Nas regiões do Sul: Céu geralmente limpo e vento fraco.**

## BARS BOITES — ESTABELECIMENTOS TÍPICOS

### DANCINGS

**NINA** — Danging com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.364859/368197.** YUKY STREAPTEASE JAPPONESA

**CASINO ESTORIL** — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596°264621/264946.**

**HIPOPÓTAMO** — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

**AMANHÃ**

NASCER ÁS 7.44
OCASO ÁS 19.01

DIA 20 — DIA 27 — DIA 3 — DIA 10

## RÁDIO

**EMISSORA**

**1.º Programa**

**17.00** Rádio estudantil
**18.00** Música variada
**19.00** Informação de trânsito
**19.05** Falar educação, um programa do I.T.E.
**19.25** Fados e guitarradas
**20.00** Jornal da noite
**21.00** Painel da noite
**21.45** Observação de teatro, por Joaquim da Assunção
**22.00** Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
**00.00** Último jornal
**01.00** Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
**02.00** Música na noite

**2.º Programa**

**16.00** Ópera
**17.15** Solos de órgão
**17.30** Música do século XX
**18.00** Antologia sonora
**18.30** Música de Beethoven
**19.30** Suites para orquestra
**20.00** Jornal da noite
**21.00** Sai o MF 2 que passa a Estereo — concerto
**22.30** Solos de cravo
**23.00** O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
**00.00** Música de Bach
**01.00** Fecho

**Programa Estereofónico — MF 2 — 94,3 MHz**

**21.00** Música ligeira variada
**22.00** Audição ntegral dos uartetos de Beethoven
**23.00** Música sinfónica
**01.00** Fecho

**RÁDIO CLUBE**

**Onda Média**

**16.04** Programa C.D.C.
**18.05** Movimento
**21.03** A voz do Inatel
**21.31** Quando o telefone toca
**22.30** Quando o telefone toca
**23.06** Hora luterana
**23.30** No Mundo aconteceu
**00.05** Alavanca
**01.00** Madrugada
**01.15** Rádio-teatro
**06.03** Diário rural
**08.30** Espaço R.C.P.

**Modulação de Frequência**

**16.04** Programa C.D.C.
**18.05** O nosso programa
**19.05** Em órbita-1
**20.30** Boa noite em FM
**22.02** Auditório
**00.05** Em órbita-2
**01.05** Banda sonora Sonipol
**02.05** Perspectiva
**03.05** Madrugada
**06.00** Diário rural
**07.03** Hora sete

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA**

**Clube Radiofónico de Portugal**

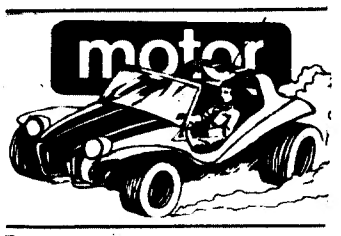
Das **06.00** às **11.00** e das **19.30** às **22.00**

**Rádio Peninsular**

Das **11.00** às **17.00**

**Rádio Voz de Lisboa**

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**




**Em ALCÁCER DO SAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFE SADO**

# farmácias de serviço

## LISBOA

TURNO Q-1
**TODA A NOITE**

**ALCÂNTARA**
**Nogueira**, Rua de Alcântara, 5-A Tel. 637563)
**ALVALADE**
**Rainha Santa**, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (Tel. 765262); **Celta**, Rua Moura Girão, 23-B (Tel. 710621); **João XXI**, Avenida João XXI, 16-A (Tel. 726462)
**ARROIOS**
**Oriental** Rua Alves Torgo, 2-B (em frente da igreja de Arrois (Tel. 45079).
**AREEIRO**
**Avenidas (das)**. Avenida da República, 27-A (Tel. 533688)
**BAIXA**
**Valadas** Rua da Madalena, 235 (Tel. 872060).
**CAMPOLIDE**
**Oliveira**, Rua de Campolide, 54-A (Tel. 684424)
**CARNIDE**
**J. Ribeiro**, Estrada da Luz, 199-A (Tel. 780969).
**ESTRELA**
**Paivas e Raposo**, Rua de Santo António, 96 (Tel. 665196).
**OLIVAIS**
**Simão**, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (Tel. 310581).
**XABREGAS**
**Salter**, Rua de Xabregas, 63 (Tel. 381185).

TURNO Q-2
**ATÉ ÀS 22 HORAS**

**AJUDA**
**Mendes Gomes**, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256).
**ALFAMA**
**Amali** Rua Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940).
**ALVALADE**
**Sanex**, Avenida da Igreja, 31-C (Tel. 717505).
**AVENIDA DA LIBERDADE**
**Nacional**, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46858).
**BAIRRO ACTORES**
**Nobel**, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842152).
**BAIRRO DA ENCARNAÇÃO**
**Ascenso**, Praça Norte, 11-A (Tel. 311216).
**BENFICA**
**União**, Estrada de Benrica, 592 (Tel. 700092).
**CAMPO DE OURIQUE**
**Porfírio**, Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel 663349).
**ESTEFÂNIA**
**Estefânia**, Rua Pascoal de Melo, 90 (Tel. 44438).
**LUMIAR**
**Central**, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480).
**PENHA DE FRANÇA**
**Dimar**, Rua Conde de Monsarez, 17-B (Tel. 842533).
**PICHELEIRA**
**Martuz**, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Tels. 720703/128395).
**RÉGO**
**G. Silva**, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Tel. 771873).
**SANTA CATARINA**
**Combro (do)**, Calçada do Combro, 78 (Tel. 326059).
**S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
**Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-A (próximo do Hotel Sheraton) (Tels 48966/553601).

## LINHA DE SINTRA

**AMADORA**
**Amadora**, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmela**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303; **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
**DAMAIA**
**Lemos**, R.de Goa, 21-A (T.971121)
**QUELUZ**
**Zeller**, Av. da República, 83 (T.950045); **Correia**, L.do Mercado, 3 (T.950906); **Serra e Pinto**, Av. D.António C.Sá, 50-E (T.957619)
**CACÉM**
**Guerra Rico**, Agualva
**MEM MARTINS**
**Química**, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
**S.PEDRO DE SINTRA**
**Valentim** (T.980456)
**SINTRA**
**Marrazes**, Vila (T.2930155)
**COLARES**
**Abreja** (T.299088)

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Miraflores**, R.António Granjo, 2 (T.213161)
**PAÇO DE ARCOS**
**Godinho da Silva**, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Até às 22 horas
**OEIRAS**
**Central**, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Toda a noite
**CARCAVELOS**
**Central**. Até às 24 horas
**PAREDE**
**Aisir**, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
**MURTAL**
**Primavera**, R.das Parreiras, 2 (T.2472278). Até às 22 horas
**MONTE ESTORIL**
**Suiça**, Cruzeiro (T. 260087) Toda a noite
**CASCAIS**
**Cordeiro**, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Até às 22 horas; **A.Costa**, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Toda a noite

## OUTRA BANDA

**ALCOCHETE**
**Nunes**, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)
**ALHOS VEDROS**
**Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
**ALMADA**
**Nuno Álvares**, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 39 (T.2750504)
**BAIXA DA BANHEIRA**
**Nova Fátima**, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
**BARREIRO**
**Picarra**, Av. du Bocage, 65-A (T.2074771)
**COVA DA PIEDADE**
**Castro Rodrigues**, L.5 de Outubro, 62 (T.270121)
**MOITA**
**Silva Rocha**, P.da República, 16 (T.239029)
**MONTIJO**
**Giraldes**, R.Almirante Reis, 45 (T.2310008)
**SESIMBRA**
**Lopes**, R.Cândido dos Reis, 21 (T.22333028)
**SETÚBAL**
**Rosado Pinto**, P.do Bocage (T.22484); **Nova**, R.General Gomes Freire (T.22052)
**SEIXAL**
**Godinho**, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

## PORTO

**TURNO 19**

**ATÉ ÀS 22 HORAS**

**Alves da Silva**, Avenida da Boavista, 1016; **Azevedo**, Rua do Meiral, 503; **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449; **Nau Vitória**, Rua Nau Vitória, 723; **Ordem da Trindade**, Rua Heróis e Mártires de Angola; **Confiança**, Rua de Santa Catarina, 980; **Antas**, Avenida Fernão de Magalhães, 1076; **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, Rua de Santo Ildefonso, 61; **Ferreira**, Praça D. Afonso V, 55-B; **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62

**A PARTIR DAS 22 HORAS**

**Antas**, Avenida Fernão de Magalhães, 1076; **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122; **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62

## COIMBRA

**Nazaré**, R.Ferreira Borges, 135 (T.22605); **Santa Isabel**, Av. Sá da Bandeira, 28 (T. 24916); **Solum**, R.Carolina Michaelis, 20 (T.33120)

# outros espectáculos

## LISBOA/Teatros

**ÁDÓQUE**
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Cia dos Cardeais»
**CAPITÓLIO**
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Empresta-Me a Tua Piscina»
**MARTIN MONIZ**
21.30 (10 anos)
«O Crico do Povo»
**VILLARET**
21.15 (13 anoos)
«Pascoal»

## LISBOA/Cinemas

**PARIS**
21.00 (18 anos)
«Caminhos do Prazer»
**OLÍMPIA**
21.15 (18 anos)
«Malícia»
**COLISEU**
21.30 (18 anos)
«A Fúria do Campeão»
**JARDIM**
21.15 (18 anos)
«Serpico»
**MOSCAVIDE**
21.15 (14 anos)
«A Viúva Rica»
**PROMOTORA**
21.15 (18 anos)
«No Gume do Pânico»
**IDEAL**
21.15 (18 anos)
«O Triturador»

## LINHA DE CASCAIS

**ESTORIL**
**Casino**
17.00 e 21.00 (18 anos)
«Grandes Batalhas em Camas Fofas»
**CASCAIS**
**S.José**
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»
**CASCAIS**
**Oxford**
21.115 (18 anos)
«A Linguagem do Amor»

## LINHA DE SINTRA

**DAMAIA**
**S.João V**
21.00 (18 anos)
«O Último Tango em Zagarol»
**SINTRA**
**Carlos Manuel**
21.15 (18 anos)
«Wang Yu, Rei do Karate»
**AMADORA**
**Recreios Desportivos**
21.15 (18 anos)
«A Grande Farra»

## OUTRA BANDA

**ALMADA**
**Incrível**
21.15 (18 anos)
«O Cântico da Navalha»
**ALMADA**
**Academia**
21.15 (18 anos)
«Decameron Proibido»
**LARANJEIRO**
**Instrução e Recreio**
21.30 (18 anos)
«Um Dezembro Quente»

## PORTO/Cinemas

**RIVOLI**
21.15 (10 anos)
«John e Mary»
**OLÍMPIA**
21.15 (18 anos)
«A Casa do Pecado»
**PASSOS MANUEL**
21.30 (18 anos)
«A Mãe e a Puta»
**ÁGUIA DE OURO**
21.30 (18 anos)
«E Vieram 4 Para Matar Sartana»
**S. JOÃO**
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»
**COLISEU**
21.15 (18 anos)
«Como Caçar um Marido»
**ESTÚDIO FOCO**
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
**TRINDADE**
21.15 (18 anos)
«Contos Imorais»
**JÚLIO DINIS**
21.15 (6 anos)
«O Ás do Volante»
**BATALHA**
21.15 (18 anos)
«Carga Perigosa»
**VALE FORMOSO**
21.15 (10 anos)
«Amor de Perdição»
**ESTÚDIO**
21.15 (6 anos)
«Um Rei em Nova York»

## COIMBRA

**GIL VICENTE**
21.15 (18 anos)
«Equilíbrio Instável»
**S.TEOTÓNIO**
21.15 (13 anos)
«Amigos»
**TIVOLI**
21.15 (18 anos)
«A Piscina»
**AVENIDA**
21.15 (18 anos)
«A Loja do Sexo»

# cinemas

## BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A criação do hermafrodita imortal
**PROGRAMA FINAL**
com John Finch e Julie Ege

## APOLO 70
T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**BALBÚRDIA NO OESTE**
Hoje às 24 h
Grupo D- Maiores 18 anos
**JULIETA DOS ESPÍRITOS**

## ROXY
T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
**PECADOS EM FAMÍLIA**
12.ª Semana

## PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**A LINGUAGEM DO AMOR**
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

## ALVALADE
T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.45
Para todos
**MELODY**
3.ª semana
Venha ver como começamos a amar

## NIMAS
T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**QUE VIVA A REVOLUÇÃO**
c/Marcelo Mastroiani

## CARLOS MANUEL
21.15
Interdito a menores de 18 anos
**WONG YU REI DO KARATE**

## D. JOÃO V
T. 971794 21.00
Interdito a menores de 18 anos
**O ÚLTIMO TANGO EM ZAGAROL**


CENTRO DE PRODUÇÃO
Teatro Moderno
**ÚLTIMA SEMANA**
**«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»**
de Miguel Franco
Bilheteira — Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23
Não acons. a menores de 13 anos


## UNIVERSAL
T. 774402
15.00 e 21.00 OUTUBRO — 13 anos
17.00 e 23.00 GREVE — 13 anos
Ás 19.00 **LINHA GERAL Para todos**

## IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**A BOFETADA**
De Claude Pinoteau

## EDEN
T. 320769 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**SOL VERMELHO**
Alain Delon, Ursula Andress, Charles Bronson
2.ª Semana
Um filme espectacular de Terence Young

## TIVOLI
T. 570595 15.15 18.30 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**TARAS BULBA**
2.ª Semana
c/Tony Curtis e Yu Brynner

## CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**GRANDES BATALHAS EM CAMAS FOFAS**

## ROYAL
T. 865037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**VEREDICTO**
7.ª Semana

## POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
**KARATÉ EM HONG KONG**

## ROMA
T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**NOITES ÁRABES**
2.ª Semana

## VOX
T. 720808 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**A FÚRIA DO DESEJO**
6.ª Semana

## SATÉLITE
T. 562632 15 17 19 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**O CIO (HEAT)**
7.ª Semana

## MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Para todos (M. 6 anos)
**ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?**
6.ª Semana de sucesso

## CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
**FILME DE AMOR E ANARQUIA**
Ás 12.30 (Não acons. men. 13 anos)
**BRANDOS COSTUMES**

**Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)**

## CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**ANA E OS LOBOS**
Um filme de Carlos Saura

## CONDES
T. 322523 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, è...
**O PROFESSOR NUDISTA**
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

## ODEON
T. 326283 15.15, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
20.ª semana e última
**DECAMERON PROIBIDO**
com Eva Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIÁVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

## LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**LA BAMBINA**
Uma nova forma de amor...

## S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O último filme de Pasolini
6.ª Semana
**AS MIL E UMA NOITES**

## AVIS
T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
**O HOMEM ORQUESTRA**
2.ª Semana
Um filme de Louis de Funès

## CASTIL
T. 530194 15.30 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**O VÍCIO (TRASH)**
2.ª Semana

## CINEARTE
T. 660446 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**A RONDA DO AMOR**

## ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**O PROSTITUTO**
Colorido! 6.ª Semana

## ESTÚDIO 444
T. 779095 15,30 18.30 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**CONTOS IMORAIS**
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 20.ª Semana

## EUROPA
T. 661016 15,15 21.15
Interdito a menores de 18 anos
**O MOCHO E A GATINHA**
3.ª Semana

## RESTELO
T. 610375 21.00
Grupo A m. 6 anos
6.ª Semana
**ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?**

## MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
**HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS**

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 656531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNI[illegible]
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX [illegible]
LISBOA-PORTUGAL

## APÓS A INDEPENDÊNCIA

# M.P.L.A. GARANTE GOVERNO DE UNIÃO NACIONAL

LUANDA, 13 — (Por Jacques Kaufmann) — O Movimento Popular de Libertação de Angola (M. P. L. A.) propos à Missão de Inquérito e Conciliação da O. U. A. em Angola a formação, depois da independência, de um Governo «de união nacional», soube-se nos círculos afectos a este Movimento.

Os representantes do M. P. L. A. fizeram esta proposta a noite passada em Luanda, durante uma reunião com os membros desta Missão. Estes encontram-se desde sexta-feira na capital angolana, sob a presidência de Paul Étiang, ministro de Estado e conselheiro na presidência do Uganda, a fim de encontrarem uma solução politica para o conflito que desde há vários meses opõe os três movimentos de libertação angolanos.

Um representante autorizado do M. P. L. A. esclareceu que o seu Movimento «estava pronto a formar, após a independência, um «Governo de união nacional» com personalidades «angolanas independentes», mas devendo estas ter 'um passado de patriotismo e competência'.»

A missão da O. U. A. deverá, em breve, visitar as zonas controladas pela F. N. L. A. e U. N. I. T. A. Um dos seus membros, o secretário-geral-adjunto da O. U. A., embaixador Nouridine Djoudi, sublinhou, ontem à noite, huma conferência de Imprensa, que o objectivo da sua missão era «contactar com os três movimentos de libertação», com o fim de lançar as bases de uma futura discussão. Djoudi assegurou que uma das suas finalidades era fazer com que o país acedesse à independência nas melhores condições.

Interrogado sobre qual seria a atitude da O. U. A. se os três movimentos (F. N. L. A., M. P. L. A. e U. N. I. T. A.) proclamassem unilateralmente a independência, Djoudi respondeu que a O. U. A. por enquanto não encarava tal hipótese.

### M.P.L.A. TEM FORÇA AÉREA?

LUANDA, 12 — (De Jacques Kaufmann) — O Movimento Popular de Libertação de Angola (M. P. L. A.) garantiu à A. F. P. que dispõe de Força Aérea.

Um representante autorizado do M. P. L. A. indicou à A. F. P. que as Forças Armadas do seu Movimento dispõem não só de aviões de transporte, mas igualmente de uma esquadrilha de «Caças» estacionados — disse «num país amigo». «Utilizamos os nossos próprios aviões para distribuir armas às nossas tropas», prosseguiu, salientando que os pilotos desses aparelhos são angolanos e não mercenários.

O M. P. L. A. tem acusado, em várias ocasiões, os seus adversários de alistarem nas suas forças mercenários do Zaire e da África do Sul.

O aparelho que, na passada sexta-feira, largou uma bomba sobre o Emissor de Rádio Luanda era uma avioneta. Não se sabe se a F. N. L. A. dispõe de outros tipos de aparelhos.

O Estado-Maior das F. A. P. L. A. publicou, entretanto, um comunicado anunciando que serão abatidos todos os aviões não identificados que sobrevoarem Luanda.

## TIMOR

# DJAKARTA NÃO QUER INTERVENÇÃO DA O.N.U.

A Indonésia opõe-se a uma eventual transferência do problema de Timor para as Nações Unidas. Esta posição foi esclarecida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros daquele país, Adam Malik, ao regressar a Jacarta, ido de Nova Iorque.

Em declarações à Imprensa, Malik acrescentou que o problema de Timor é estritamente português, não competindo à O. N. U. ocupar-se dessa questão ainda que seja solicitada nesse sentido.

Referindo-se à recente proposta de Melo Antunes para conversações entre Lisboa e Jacarta, Adam Malik precisou que, embora favorável a tal proposta, não chegou a avistar-se em Nova Iorque com o seu colega português.

### NOVOS INCIDENTES

SYDNEY, 12 — (U.P.I.-Anop) — A Rádio australiana noticiou mais incidentes armados na fronteira entre o Timor Português e a parte indonésia da ilha.

Um repórter da cadeia de Televisão norte-americana A. B. A., presente no local, afirmou que a luta teve lugar entre tropas indonésias e forças da Fretilin, um dos movimentos de libertação timorense, que está a tentar recapturar a cidade de Batugadé.

MOBÍLIAS — USADAS

Por falta espaço, vendo barato mobílias c. jantar, quartos, modernas, estilo D. Anne, D. Maria, Século XVII, roupeiros, estantes, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18 cave (ao Chile, defronte igreja de Arroios).

QUADROS A ÓLEO

Assim como estatuetas, bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL, Av. República, 12 (junto estação metro Saldanha).

# PORTO: DA VIOLÊNCIA À GUERRA DOS COMUNICADOS

Continuação da pág. 1

desta organização lançaram mãos à reorganização da sede atacada do seu jornal «O Grito do Povo» que ontem ostentava já na fachada um gigantesco painel vermelho com a efígie de Marx, Engels, Lenine, Estaline e Mao-Tsé Tung.

### UNIÃO DOS SINDICATOS: SEM ORGANIZAÇÕES POPULARES NAO HA SOCIALISMO

Também a União dos Sindicatos do Porto tornou público ontem um comunicado em que afirma condenar «vivamente o ataque lançado contra as sedes de partidos políticos na «baixa» da cidade do Porto e a atitude demissionária das autoridades militares e das forças de segurança ao terem permitido que a situação se agravasse para além do suportável». O comunicado da U.S.P. afirma ainda: «De facto, não só se deixou deteriorar o conflito, como se facilitou a posterior destruição do recheio das sedes, em flagrante violação das liberdades públicas». Mais adiante, a União dos sindicatos afirma que «sem organizações populares de base não há socialismo» e «saúda o Conselho Municipal uma das conquistas mais legítimas e originais do processo revolucionário português. Ao terem, dentro do maior civismo, cedido o local da sua manifestação (refere-se aqui a União dos Sindicatos ao facto do Conselho Municipal do Porto ter transferido a concentração da sua manifestação para local diferente daquele que veio a ser ocupado pela manifestação do P.S.) e, através da forma exemplar como manifestaram o seu entusiástico e massivo apoio aos soldados do R.A.S.P., os participantes na manifestação do Conselho Municipal demonstraram de que lado estão os desordeiros».

### M D P /C D E : O QUE E «DISCIPLINA» PARA O BRIGADEIRO VELOSO?

A Comissão Distrital do Porto do M. D. P. / C. D. E. a proposito dos incidentes político-militares ocorridos no Porto, afirma em comunicado que, quando «os dirigentes do P.S. e os seus aliados do P.P.D. e C.D.S. orquestraram uma campanha de calúnias contra o brigadeiro Corvacho (...) tudo foi permitido ao P.S. e aos militares que partidariamente com ele se identificam». «Só se começa a falar de disciplina e de reforço da autoridade após a constituição do VI Governo, de larga maioria P.S. e P.P.D. quando se trata de reprimir organizações populares, como aconteceu com o Conselho Municipal do Porto, ou de impedir a legítima manifestação de discordância contra os saneamentos à esquerda de civis e militares». Mais adiante, o comunicado salienta que a «cobertura à contra-manifestação provocatória do P.P.D. veio demonstrar uma identificação do brigadeiro Veloso com o partido reaccionário que é o P.P.D., que coroa toda uma actuação que já não deixava margem para dúvidas. A continuação da presença do brigadeiro Veloso no comando da região significa a continuidade de uma actuação repressiva de direita a que urge pôr fim. Não é com saneamentos à esquerda, nem com o encerramento de quartéis, não é solidarizando-se com os reaccionários do P.P.D., não é abandonando o combate ao E.L.P. e às organizações fascistas, como tem feito o brigadeiro Veloso, que se luta contra a reacção e a exploração capitalista e se abre o caminho para o Socialismo.

### P P D : «ESSA MULTIDÃO ERA POVO»

A propósito do ataque feito pelos grupos de fascistas e marginais contra a sede da U.D.P. do Porto e cujos propósitos estiveram patentes aos olhos de quem os quis ver, o P. P. D., em comunicado distribuído no Porto, discorda do «telegrama vergonhoso enviado ao sr. Presidente da República pela D. O. R. N. do P. C. P.» e afirma, nomeadamente, referindo-se às pessoas que se concentraram na Praça D. João I, na altura das cenas de violência, enquanto decorria perto a grande manifestação do P. S.: «Numa multidão de milhares de pessoas, apesar de bem perto se ouvir o estampido de tiros e o barulho de bombas que os pseudo-revolucionários da U. D. P., que não são mais do que aventureiros criminosos, lançavam para a rua contra populares que tinham ido junto da sede desse 'partido' gritar a sua indignação, contra o replente e infame assassinato do jovem Alexandrino de Sousa, não arredou pé.» E mais adiante: «Essa multidão era povo, sr. Presidente.»

### SINDICATOS E ORGANIZAÇÕES APOIAM SOLDADOS

À nossa delegação têm chegado inúmeros comunicados e mensagens de organizações populares como comissões de moradores e de trabalhadores, conselho municipal do Porto, sindicatos e conhecidas figuras antifascistas, solidarizando-se com a luta dos soldados do Porto e do Norte e criticando vivamente o comportamento do comandante da Região. Destacamos a par dos que referimos em dias anteriores, um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores de Vestuário do Distrito do Portoo, hoje recebido, em que se afirma que, no acto de posse dos corpos gerentes daquele Sindicato, foi aprovada por unanimidade uma moção em que se considera «o carácter marcadamente contra-revolucionário e antipopular» do comandante da Região Militar do Norte, cujas medidas visam «suster o avanço do processo revolucionário».

### P C P CONTRA GOVERNADOR CIVIL DO PORTO

O gabinete de Imprensa da D. O. R. N. do P. C. P. tornou público um «comunicado sobre as notas do socialista Cal Brandão, ocupante actual do cargo de governador civil do Porto». A propósito dessas notas afirma, nomeadamente, o P. C. P.: «O dr. Mário Cal Brandão confessa que aconselhou partidos a realizarem uma manifestação 'apartidária' (?) e que o fez como 'representante do Governo neste distrito'». Anote-se que 'apartidária' significa, aqui, do P. S. conluiado com o P. P. D. e o C. D. S. e mais nada. O dr. Cal Brandão serve-se do cargo para insultar soezmente os seus adversários políticos, tratando-os de «miseráveis», «irresponsáveis», «faciosos», etc., com um descaro que só tinham os governadores civis mais retintamente fascistas. O dr. Cal Brandão pronuncia-se — antes do inquérito que o Primeiro-Ministro mandou realizar ser conhecido — acerca dos acontecimentos do dia 2, chamando-lhes 'intentona e não inventona': conhecerá já o dr. Cal Brandão os resultados do inquérito, ou serve-se do seu cargo para impingir como boas as posições da direcção do P. S., do P. P. D. e do C. D. S.?»

### M R P P DESMENTE ACUSAÇÕES

Num comunicado hoje distribuído, a Comissão de Imprensa do Comité Lenine (Comité Central do M. R. P. P.), afirma que os militantes deste movimento não estiveram no ataque às sedes da U. D. P. e de «O Grito do Povo», no Porto.

Os responsáveis do M. R. P. P. afirmam que não praticam «acções tão manifestamente desordenadas e incipientes», acrescentando: «Sem dúvida, vingaremos Alexandrino de Sousa, mas não vale a pena à U. «D. P.» / O. R. P. «C.» assobiar antes de tempo».

# U.D.P. VAI PROCESSAR

Continuação da pág. 1

as pessoas de sobreaviso. Comparem a nossa actuação, e a de outras organizações marxistas-leninistas, com a actuação do M.R.P.P. Não responsabilizamos os trabalhadores dos órgãos de Informação, mas o Governo, que publicou a versão do «assassinato» sem inquirir minimamente, nem os presos na ocasião».

Confirmando as declarações já referidas em vários comunicados, onde nega totalmente qualquer responsabilidade na morte de Alexandrino Sousa, atribuindo-a às ordens de uma militante do M. R. P. P. que ordenou que todos os que haviam sido jogados n'água nadassem «para longe dos neo-revisionistas», diz a O. R. P. C. (M-L): «Fala-se tanto em inquéritos: onde está o inquérito sobre a morte de João Manuel, da U. D. P., em Setúbal, morto pelas balas da P. S. P. a mando do P. P. D.? E o inquérito sobre o 28 de Setembro? E o inquérito sobre o 11 de Março? O que se passou no Norte e o auxílio que o M. R. P. P. presta aos bandos do E. L. P., mostra o que ele é. O M. R. P. P. participou nos assaltos às sedes do «partido revisionista» e outros. Em Alcobaça, ocupou a sede saqueada do M. D. P./C. D. E. e está lá até hoje. Quanto aos carregadores vazios de G-3 encontrados, seria melhor que o Governo se preocupasse com as G-3 nas mãos dos fascistas. Além disso, depois das últimas actuações do sr. Jaime Neves, é natural que qualquer cidadão tenha carregadores de G-3 em casa...»

A O. R. P. C. finaliza: «Lamentamos a morte do estudante do M. R. P. P. Lamentamos a morte de todos. Só não lamentamos a morte de fascistas».

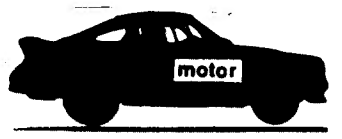
## nota

### AUXÍLIO DA DC ALEMÃ À DIREITA PORTUGUESA

**Sob este título o jornal italiano «Paese Sera», na sua edição de 22 de Setembro passado, a seguinte notícia, proveniente de Bona:**

. «A hostilidade da NATO e da Comunidade Económica Europeia contra o novo processo político português (a Aliança Atlântica, através de duras tomadas de posição, a CEE negando auxílio económico «enquanto o regime de Lisboa não tiver dado provas de maior solidez e democraticidade») teve na recente viagem de Spínola a Paris e na actividade da democracia-cristã alemã outros pontos de choque e polémica. O secretário-geral da CDU, Kurt Bidenkopf, declarou recentemente numa entrevista radiofónica que o apoio do seu partido às forças políticas democratas-cristãs e sociais-democratas portuguesas pode violar a constituição portuguesa. «É um facto — disse Bidenkopf — que a nossa ajuda continuará, ainda que não possamos dizer em voz alta tudo o que fazemos. «Entre a a «ajuda» citada pelo dirigente democrata cristão da Alemanha Federal, recorde-se a de 500 mil marcos alemães que — segundo informações de boa fonte — um membro da direcção da CSU (o partido de Strauss) fez chegar à associação dos agrários do Norte de Portugal. A associação, como se sabe, está empenhada em boicotar, de qualquer modo, o processo revolucionário português. Além disso, cheques com muitos zeros terão saído de Bona com destino aos cofres do CDS e do PPD. E, com a direita da República Federal Alemã, toda a direita europeia está empenhada num trabalho febril, destinado a subverter as instituições de Lisboa.»

AS GRALHAS

. O jornal «Luta Popular», citando Arnaldo Matos: «Um jornal do proletariado não pode ter **gralhas**. Lenine revia, ele próprio várias vezes, as provas da ISKRA feita no estrangeiro. No entanto, o cabecilha da linha negra entretinha-se a dizer que Lenine era o maior jornalista do proletariado e isso, porque escrevia páginas e páginas sem conta em muito pouco tempo, ao mesmo tempo que ignorava os cuidados escrupulosos de Lenine com a forma como o seu jornal era apresentado às massas.

«Esta questão das **gralhas** resolve-se com facilidade. Os camaradas devem ler, sublinhar as **gralhas** principais do jornal, devem fazer uma reunião sobre as **gralhas**, só sobre as **gralhas** e devem pegar no jornal e ler as **gralhas** e se fizerem isso uma e duas e três vezes concerteza que as **gralhas** vão desaparecer. O que nós precisamos é que desapareçam integralmente as **gralhas**, não é que diminuam as **gralhas**». Verídico e sem **gralhas**?...